

ALEXANDRE HIROKI MILIORINI OYAMADA

REFLEXOS E REFLEXÕES DO OLHAR

CAMINHOS PARA O RESGATE DO HUMANISMO E O PROJETO REDES DE SENTIDO

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ALEXANDRE HIROKI MILIORINI OYAMADA

REFLEXOS E REFLEXÕES DO OLHAR

CAMINHOS PARA O RESGATE DO HUMANISMO E O PROJETO REDES DE SENTIDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração Interfaces Sociais da Comunicação, Linha de Pesquisa Educomunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Lucilene Cury

SÃO PAULO

2010

ALEXANDRE HIROKI MILIORINI OYAMADA

REFLEXOS E REFLEXÕES DO OLHAR:

CAMINHOS PARA O RESGATE DO HUMANISMO E O PROJETO REDES DE SENTIDO

BANCA EXAMINADORA:

PROFA. DRA. LUCILENE CURY

SÃO PAULO

2010

DEDICO À PATÍ
COM CARINHO

AGRADEÇO À LUCILENE POR TRAZER
ESTE MESTRADO AO UNIVERSO ACADÊMICO

RESUMO

Este trabalho surgiu da inquietação de que muito do que a sociedade moderna cultiva como normal e bom contribui para tirar de nós pouco a pouco o que nos torna humanos. Por trás de pequenas e isoladas situações comuns do cotidiano, tão banais que já é mesmo difícil reparar nelas, é possível observar a existência de alguns modos específicos de encarar a vida que deterioram nosso próprio humanismo. Apesar de se manifestarem constantemente em diversos aspectos de nossas vidas diárias, parecemos sofrer uma miopia que nos impede de enxergá-los, nosso olhar se revela incapaz de vê-los através de suas manifestações. A educação formal, por sua vez, não contribui para mudar o cenário. É evidente que o compromisso da maioria das instituições formais de ensino não é com a formação de seres mais humanos, mas sim de profissionais mais competitivos para o mercado de trabalho ou alunos mais competitivos para o vestibular. O conhecimento se transforma em ferramenta de conquista ao invés de porta para a reflexão, que poderia nos libertar das miopias do nosso olhar, permitindo-nos ver através de nossos comportamentos e das situações do dia a dia aquilo que cultivamos dentro de nós que nos torna cada vez menos humanos. Entendendo que a qualidade do olhar é fundamental para o resgate do humanismo, este trabalho aponta alguns caminhos que se mostram capazes de contribuir para o exercício de "ver através", até chegar, por fim, ao projeto de pesquisa deste mestrado: o site "Redes de Sentido".

PALAVRAS-CHAVE:

educomunicação, educação formal, humanismo, cotidiano, diálogo, reflexão, pensamento complexo

ABSTRACT

This work arose out of the concern that much of what modern society takes as normal and good helps to take away little by little what makes us human. Behind small and isolated common situations of daily life, so banal that it is already difficult to notice them, you can observe the existence of some specific ways of looking at life that undermine our own humanism. Although they constantly manifest themselves in various aspects of our everyday lives, we seem to suffer from a myopia that prevents us to see them, our eyes seem incapable of seeing them through their manifestations. Formal education does nothing to change the scenario. It is clear that most formal institutions of education are not concerned by the human aspects of their students, but rather by training the most competitive professionals to the market or the most competitive students to college entrance exams. Knowledge becomes a tool of conquest rather than door to reflection, which could free us from our myopia, allowing us to see through our behaviors and situations of everyday life what we cultivate within us that makes us less human. Understanding that the ability to see is critical to the revival of humanism, this study highlights some possibilities of contributing to the exercise of "seeing through", in which lays the research project of this work: the site "Networks of Meaning".

KEYWORDS:

educommunication, formal education, humanism, daily life, reflection, complexity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
ABRE ASPAS	04
PARTE 1: O PROBLEMA	
+ OLHAR SEM VER	13
+ ENTRE MEIOS E FINS	17
+ MUITO PRAZER, POR FAVOR	27
PARTE 2: A EDUCAÇÃO	
+ FALTA DE EDUCAÇÃO	40
+ CERTEZAS MAL EDUCADAS	47
+ ENCANTADORAMENTE INÚTIL	56
+ DISCIPLINAS DO OLHAR	70
+ DO PPT AO GIZ	78
PARTE 3: O PROJETO-PILOTO	
+ REDES DE SENTIDO	83
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

Este mestrado é o resultado de uma série de observações sobre a vida moderna que me despertaram dúvidas acerca do modo como vivemos. Elas foram se aglutinando e se relacionando de tal forma dentro de mim que ao terminar a graduação senti a necessidade de aprimorar essa busca transformando-a num estudo mais estruturado. Durante esse período, e mais ainda nos anos de pós-graduação, pude enxergar em comportamentos comuns do nosso cotidiano evidências de modos bastante disseminados de se relacionar com o mundo que contribuem para sua própria deterioração, tirando do ser humano traços fundamentais de humanismo a ponto de já soarem comuns palavras como intolerância, individualidade, arrogância, falta de bom-senso ...

Tais comportamentos eram para mim frutos da ausência ou má apreensão da educação formal: quem compreendesse a maior quantidade de conteúdos curriculares durante sua formação acadêmica teria mais chance de se libertar desses modos deturpados de relação com a vida. Portanto, ingressei no mestrado com o projeto inicial de pesquisar como as tecnologias da comunicação poderiam ser utilizadas em sala de aula para auxiliar o professor a transmitir melhor sua disciplina e o aluno a recebê-la. Como minha carreira profissional esteve sempre ligada ao uso comercial dos meios de comunicação pela publicidade, fiquei entusiasmado em poder finalmente aplicar minha capacidade para algo tão edificante quanto a educação.

No entanto, ao longo do primeiro ano de mestrado ficou cada vez mais claro para mim que a própria educação formal contribui para a continuidade dos mesmos

modos alarmantes de encarar a vida. Mesmo dentro do ambiente acadêmico que frequentei por conta do mestrado, constatei relações de intolerância, fim do diálogo e descaso. Esse reconhecimento marcou uma verdadeira mudança de percurso em minha pesquisa: passei a procurar fora dos conteúdos consagrados pela academia caminhos que possam contribuir para a construção de uma nova educação capaz de formar pessoas um pouco mais humanas.

Durante essa jornada, de tudo com o que me deparei, nada foi mais significativo para mim do que *observar a vida cotidiana com atenção para compreender o que existe por trás das coisas ao nosso redor, o que elas representam*. Esse exercício de "ver através" pode alargar nossa consciência, expansão imprescindível para podermos reconhecer dentro de nós mesmos modos de lidar com a vida que nos tornam menos humanos, e a partir desse reconhecimento, nos libertar deles transformando-os em relações mais plenas com o mundo ao nosso redor.

Portanto, o objetivo deste trabalho é apontar propostas para despertar esse estado de observação. Durante o mestrado, pude viver esse exercício do olhar e por ter sido uma experiência enriquecedora para mim, busquei formas de proporcioná-lo a outros. Acredito que elas compõem uma pequena e humilde contribuição na tentativa de formar pessoas um pouco mais humanas, o grande anseio deste trabalho.

ABRE ASPAS

De todos os livros que já tive que ler por conta dos deveres acadêmicos, um em especial me marcou bastante. É definitivamente o livro mais repleto de citações e referências bibliográficas que já li. Um desfile interminável de pensadores respeitados no mundo intelectual, um após o outro, desses que parecem ter validade incontestável. Imagino quão satisfeita deve se sentir a autora ao revelar seu domínio sobre obras tão diversas de tantos autores diferentes. De fato, há que se dar os méritos devidos a quem se empenhou em estudo aparentemente tão extenso. No entanto, o que me faz recordar o livro até hoje é a profunda constatação que ficou para mim de como é possível suprimir-se em meio à reprodução de discursos alheios. Continuo sem saber o que pensa a própria autora sobre o tema. Sei o que pensam os grandes pensadores cujas ideias ela reproduz, mas ela em si, não.

Concordo plenamente que uma pesquisa acadêmica séria deve trilhar caminhos distantes de qualquer "achismo". Daí a importância de se apoiar em autores importantes e respeitados. No entanto, não acredito que seja leviano afirmar que o peso das citações na academia chega a tomar proporções exageradas. Já entreguei textos meus para análise e a primeira atitude do avaliador, para minha surpresa, foi abri-lo pelas costas, para começar pela bibliografia. Aquilo para mim foi quase um insulto à minha capacidade de pensar, balde de água fria sobre todo o entusiasmo com o qual havia escrito aquelas linhas, afinal, importava menos o que eu havia escrito e mais em quem eu me apoiava para escrever meus textos. Entre essa e outras histórias de colegas que também se lançam nos meandros

acadêmicos, sinto que a validade de um pensamento parece estar mais atrelada a sua fonte, quem o pensou, do que ao valor da ideia em si.

Obviamente, é muita pretensão e até mesmo irresponsabilidade científica um mestrando partir de si mesmo para discorrer sobre o tema que estuda. Cabe-lhe reconhecer humildemente que sabe muito pouco frente aos pensadores respeitados pela academia, e que por isso deve recorrer a eles para desenvolver suas ideias. Disso não discordo. Preocupa-me somente que o peso das citações se sobreponha ao exercício da reflexão, transformando-a numa bricolagem de discursos. A bibliografia deveria dar força às pernas do pensamento para que ele caminhe sozinho, não servir-lhe de muleta. Schopenhauer alerta para o mesmo perigo:

*"Durante a leitura, nossa cabeça é apenas o campo de batalha de pensamentos alheios. Quando estes, finalmente, se retiram, o que resta? Daí se segue que aquele que lê muito e quase o dia inteiro perde paulatinamente a capacidade de pensar por conta própria. Este, no entanto, é o caso de muitos eruditos: leram até ficar estúpidos. Porque a leitura contínua, retomada a todo instante, paralisa o espírito ainda mais que um trabalho manual contínuo."*¹

Nietzsche também demonstra preocupação semelhante:

*"Se não estão virando as páginas de um livro, eles não conseguem pensar. Sempre que se dizem pensando, eles estão, na realidade, simplesmente respondendo a um estímulo: o pensamento que leram. Na verdade, eles não pensam; eles reagem. (...) Vi isso com meus próprios olhos: pessoas bem dotadas que, aos trinta anos, haviam se arruinado de tanto ler. De manhã cedo, quando o dia nasce, quando tudo está nascendo - ler um livro é simplesmente algo depravado."*²

É bem razoável admitir que a quantidade de citações de um trabalho acadêmico tem bastante relevância sobre sua validade aos olhos do avaliador. Não é de se

¹ SCHOPENHAUER. Parerga und Paralipomena; tradução de Philippe Humblé e Walter Carlos Costa. Florianópolis, SC: Editora Paraula, 1993.

² NIETZSCHE. In: ALVES, Rubem. Ao professor, com o meu carinho. Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

estranhar que para conferir solidez ao texto seja imprescindível evidenciar em quem ele se apoia, tornando explícitas as sustentações. É como se ao terminar de pintar um quadro, para dar-lhe credibilidade, fosse preciso que o artista mostrasse que as pinceladas de cá também foram feitas por Matisse, que as de lá vêm de Duchamp. Gosto da comparação porque acredito que se nas palavras de quem escreve não é possível sentir a influência de suas leituras, então de que servem as citações? Nesse caso, elas são tão verdadeiras quanto o carinho do namorado que não tem coragem de admitir à sua amada que não a ama mais. Caímos no perigo de aprender a falar o que é prestigiado pela academia sem encontrar nossa própria voz. Rubem Alves sabe muito bem disso:

"Nos tempos em que eu era professor da Unicamp fui designado presidente da comissão encarregada da seleção dos candidatos ao doutoramento, o que é um sofrimento. Dizer "essa entra", "esse não entra" é uma responsabilidade dolorida da qual não se sai sem sentimentos de culpa. (...) Aí, tive uma idéia que julguei brilhante. Combinei com meus colegas que faríamos a todos os candidatos uma única pergunta: "Fale-nos sobre aquilo que você gostaria de falar!" Pois é claro! Não nos interessávamos por aquilo que ele havia memorizado dos livros. Muitos idiotas têm boa memória. Interessávamo-nos por aquilo que ele pensava. Mas a reação dos candidatos não foi a esperada. Foi o oposto. Pânico. Foi como se esse campo, aquilo sobre que eles gostariam de falar, lhes fosse totalmente desconhecido, um vazio imenso. Papaguear os pensamentos dos outros, tudo bem. Para isso eles haviam sido treinados durante toda sua carreira escolar, a partir da infância. (...) Parece que esse processo de destruição do pensamento individual é uma consequência natural das nossas práticas educativas. Quanto mais se é obrigado a ler, menos se pensa."³

Muito do que escrevo tem a ver com as poesias que leio de Manoel de Barros, Mário Quintana e Adélia Prado, os contos de Rubem Alves, as crônicas de João Pereira Coutinho, a complexidade de Edgar Morin, a noção de diálogo de David Bohn, a cibercultura de Pierre Lévy. São as suas obras que compõem a minha bibliografia. Eles são importantes para mim porque fazem sentido para minha vida, me apresentam perspectivas que me encantam, fazem parte do meu olhar para o

³ ALVES, Rubem. Ao professor, com o meu carinho. Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

mundo. Quando escrevo sobre posturas problemáticas da sociedade moderna, educação formal, humanização do homem, entre outros temas que permeiam este trabalho, não busco o que cada autor pensa a respeito e faço uma colcha de retalhos com suas ideias. Simplesmente escrevo o que me parece importante e pertinente e sei que minhas palavras estão impregnadas por eles porque após a redação consigo identificar suas influências em alguns trechos do texto. Montaigne vai ainda mais longe. Ao combater a cultura das citações, reforça com grande lucidez que as ideias não pertencem a ninguém:

"Sabemos dizer: "Cícero diz assim"; "eis as regras de Platão"; "são as próprias palavras de Aristóteles". Mas e nós, o que dizemos nós mesmos? O que pensamos? O que fazemos? Um papagaio falaria igualmente bem. (...) A verdade e a razão são comuns a todos, e não pertencem a quem as disse primeiramente mais do que segundo eu mesmo, já que ele e eu o entendemos e vemos da mesma forma. As abelhas sugam das flores aqui e ali, mas depois fazem o mel, que é todo delas: já não é tomilho nem manjerona. Assim também as peças emprestadas de outrem ele irá transformar e misturar, para construir uma obra toda sua: ou seja, seu julgamento. (...) Que ele cale sobre tudo de que se valeu e mostra apenas o que fez disso."⁴

Minha reserva às citações é uma forma de buscar veracidade no trabalho. É possível escrever sobre muitas coisas, relacionar discursos diversos, manejar com excelência conceitos e teorias de importantes autores sem que isso faça parte da vida de quem escreve. Nesse sentido, prefiro uma ideia sincera, com todos seus equívocos e ingenuidades, a uma ideia impessoal, por mais sólida, bem estruturada e embasada que seja. A sinceridade traz à tona o que nos constitui evidenciando quais são de fato as leituras que carregamos conosco, que estão impregnadas no modo como lidamos com nossos amores, amizades, família, trabalho e tudo que compõe nossas vidas. Elas não precisam de citação para se fazer presentes, elas sim são a verdadeira bibliografia.

Acredito que seja justo e necessário ressaltar que definitivamente não é a bibliografia apenas que sustenta este mestrado. Apesar de muito importante, ela é uma parte de tudo o que me levou a ver um pouco mais nas entrelinhas da vida

⁴ MONTAIGNE, Michel de. A educação das crianças. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

que levamos. Chega a ser mesmo arrogância acadêmica atribuir exclusivamente a uma lista de livros a fonte que abriu os olhos do pesquisador para que desempenhasse sua pesquisa. O conteúdo das próximas páginas é fruto da miscigenação entre as leituras que fiz durante a pós-graduação; os olhares dos professores das matérias que cursei; as conversas despreziosas que tive durante esse período com pessoas importantes para mim, como minha ex-namorada, a quem devo grande parte deste trabalho, alguns amigos e minha terapeuta; as experiências vividas que foram capazes de por si só me fazer enxergar o mundo mais plenamente. São todos esses elementos juntos que constroem os capítulos seguintes. As citações dividem espaço com as constantes análises de situações cotidianas e experiências pessoais de vida. Elas são mesmo tão frequentes no texto que lhe conferem inclusive certo ar de crônica e subjetividade.

Percebo que falar em subjetividade é quase uma heresia para os purismos de imparcialidade do método científico. Minhas experiências com seus guardiões me indicaram que eles estão numa cruzada pelo extermínio do "eu" no mundo da ciência, higienizá-la dessa imprestável primeira pessoa do singular, o que durante muito tempo me preocupou bastante, afinal, há vários traços de mim expressos neste trabalho. Foi um livro de Rubem Alves sobre o método científico que me trouxe certo conforto para seguir adiante:

"Colega aposentado com todas as credenciais e titulações. Fazia tempo que a gente não se via. Entrou em meu escritório sem bater e sem se anunciar. Nem disse bom dia. Foi direto ao assunto: "Rubão, estou escrevendo um livro em que conto o que aprendi em minha vida. Mas eles dizem que o que escrevo não serve. Não é científico. Rubão: o que é científico?" Havia um ar de indignação e perplexidade naquela pergunta. Uma sabedoria de vida tinha de ser calada: não era científica. As inquisições de hoje, não é mais a Igreja que as faz. (...) As inquisições se fazem com pessoas convictas. O Inquisidor não está interessado em ouvir as razões daquele que está sendo inquirido. Nenhuma instituição está livre dos demônios das convicções. Nem mesmo a ciência. Há um dogma sobre o qual todos estão de acordo: o dogma do método. O que é o dogma do método? É a rede que os cientistas usam para pegar seus peixes. E está certo: é preciso rede

para pegar peixe. O dogma aparece quando se diz que "real é somente aquilo que se pega com as redes metodológicas da ciência." Foi isso que fizeram com meu augusto amigo: ele foi mostrar a seus amigos os pássaros que havia encantado tocando flauta, e todos disseram: "Não foi pego com as redes metodológicas da ciência! Não é real! Não merece respeito!" A loucura chega ao ridículo. (...) Um projeto de pesquisa sobre a paixão dos homens pelas idéias não é admissível na linguagem da ciência. Não seria aceito para ser publicado numa revista científica indexada internacional. Não é científico. De que maneira um pianista provaria sua competência, com vistas a um grau de doutor de música? Resposta fácil: dando um concerto. A ciência contesta. A ciência não sabe o que é um concerto. Se o pianista quiser ter o grau de doutor, ele terá de escrever uma tese na qual a "qualidade" que ele sabe produzir é transformada num saber quantitativo duvidoso. Guimarães Rosa profetizou que os homens haveriam de ficar loucos em decorrência da lógica. E isso já está acontecendo em nossas instituições de pesquisa: vivem os pianos, mas os concertos estão proibidos!"⁵

Por mais que eu preencha os textos com a maior quantidade possível de citações para mostrar que se apoiam nos pensadores respeitados pela academia, não em mim, as palavras que preenchem este mestrado vêm do mesmo lugar de onde vem o beijo que dou em meu pai quando o encontro, o cartão apaixonado que escrevo para aquela que me encanta, a reação que me causa a atitude de algum colega, as piadas que animam meus amigos, a sensação de amor que sinto por trás das broncas de minha mãe, o silêncio que cultivo dentro de mim, a serenidade que me mantém calmo em momentos de confusão, a beleza que vejo no mistério...

Como reforça Jung, até mesmo as teorias de grandes pensadores são as suas confissões subjetivas:

"Chego a considerar minha contribuição como minha própria confissão subjetiva. É a minha psicologia que está nisso, meu preconceito que me leva a ver os fatos da minha própria maneira. Mas espero que Freud e Adler façam o mesmo e confessem que suas ideias representam pontos de vista subjetivos. Tenho plena consciência dos

⁵ ALVES, Rubem. O que é científico? São Paulo: Edições Loyola, 2007.

méritos de Freud e não tenho intenção alguma de diminuí-los. Sei, inclusive, que o que ele diz se adapta a um grande número de pessoas e é possível afirmar que tais pessoas têm exatamente o tipo de psicologia que ele descreve. Adler, cujo ponto de vista era completamente diverso também tem um grande número de seguidores e estou convencido de que muitos têm uma psicologia adleriana. Também tenho os meus - não tão numerosos quanto os de Freud - pessoas que presumivelmente têm a minha psicologia.⁶

A existência deste capítulo preocupado em dar os devidos pesos ao que compõe este mestrado é um reconhecimento sincero de que ele é uma extensão de mim no mundo, com toda minha lucidez e ingenuidade. Por mais que eu me esforce em tirar o máximo do meu olhar e me ater aos conceitos e discursos dos pensadores respeitados pela academia, seguir minha propensão a uma escrita subjetiva me permite refletir mais e melhor porque a observação sensível da vida cotidiana me costuma trazer mais reflexões que a leitura dos tais pensadores. Eles se complementam e enriquecem, claro, mas o ponto de partida, ao menos para mim, é quase sempre as situações da vida, não os livros. Portanto, acho justo trazê-las ao mesmo patamar de importância que parecem ter as citações.

⁶ JUNG, C.G. In: MARONI, Amnérís. Jung: o poeta da alma. São Paulo: Summus, 1998.

PARTE 1:
O PROBLEMA

OLHAR SEM VER

Não é difícil perceber que há algo acontecendo de errado em circunstâncias de evidente tensão. Ninguém deixa de reparar se por acaso começa uma briga, discussão ou qualquer simples ato de violência, física ou verbal. Todos concordam que há algum problema na sociedade ao se deparar com um mendigo dormindo na calçada, um garoto pedindo dinheiro no farol, a multidão de torcedores destruindo o estádio, o amigo contando que foi sequestrado ou assaltado. No entanto, a ausência de tensão evidente ou de expressões explícitas de problemas não é nenhuma garantia de que não há nada acontecendo de errado.

Quando tudo parece estar bem, descansamos nosso olhar, deixamos as coisas como estão e as reproduzimos sem hesitação para que tudo esteja bem novamente. Natural que seja assim, afinal, é um impulso humano cultivar o que há de bom para se viver. Mas da mesma forma que até mesmo um sentimento tão belo como o amor pode se transformar em rancor e destruição, é razoável admitir que justamente o que acreditamos ser bom para nós pode carregar dentro de si a nossa própria ruína. Na sociedade moderna, cultivamos e reforçamos uma série de comportamentos que são amplamente aceitos como bons e corretos. Concordo com a validade de muitos deles, mas acredito que há também uma boa parcela desses modos de encarar a vida que contribuem para sua própria deterioração. Para mim, eles são ainda mais alarmantes que todos os problemas explícitos de nosso cotidiano por não serem aparentes, por se revelarem de forma tão sutil que é preciso um olhar atento para percebê-los. E não se trata somente de se dispor a olhar, mas também de se livrar dos filtros que embaçam nossa visão. Acredito que no fundo este mestrado é um exercício do olhar, um registro das coisas mais

importantes que consegui enxergar e sobretudo daquilo que me permitiu ver um pouco melhor para proporcionar a outros a mesma possibilidade.

Ver melhor. O problema fundamental sobre o qual se debruça este mestrado é justamente o problema do olhar. Preocupa-me a qualidade com que enxergamos as coisas ao nosso redor, os outros, nós mesmos, as implicações de nossas posturas, o que elas geram, que tipo de mundo constroem. A sociedade moderna parece sofrer de uma miopia progressiva que a torna cada vez menos capaz de ver que reproduzimos uma série de comportamentos que, apesar de sua ampla difusão e aceitação social, atrofiam ainda mais nossa visão num ciclo vicioso de contínua cegueira.

É natural que haja algum estilo de vida hegemônico, um modo de encarar o mundo que ganha aderência na sociedade e se espalha entre a população. Por mais diversas que sejam as expressões desse jeito de viver, há sempre uma certa uniformidade que permite o melhor funcionamento das estruturas sociais. A economia, por exemplo, se beneficia muito mais no dia das mães quando todos consideram que comprar um presente para elas é a forma mais natural de demonstrar seu carinho. Escrever somente uma carta sincera buscando expressar os sentimentos que nutrimos por nossas mães constitui um comportamento que não colabora com o aquecimento da economia. Ele faz parte de um estilo de vida não muito adequado à manutenção dos pilares que sustentam a sociedade moderna, por mais que contribua para tornar o homem um pouco mais humano. Mesmo que todos escrevessem os maiores chavões, seria uma chance de vermos quão rasos somos ou quão desligados de nossos sentimentos estamos, o que já seria por si só um grande passo. Enquanto as cartas podem contribuir para a manutenção do que há de humano no homem, as compras funcionam melhor para a manutenção da sociedade como está, e ela parece ter seus meios de dar força a tudo que a sustenta, afinal, entre comprar um presente e escrever uma carta sincera, não há dúvidas sobre o que é mais comum nos dias de hoje. É como se ela atuasse como um organismo vivo que busca sua reprodução por meio de nós com o mesmo impulso à sobrevivência que existe nas formas mais simples de vida, exatamente como um vírus utiliza nossos corpos para se proliferar.

Acredito que muito do que consideramos normal e bom seja assim simplesmente porque é adequado à reprodução da sociedade, não necessariamente porque nos torna pessoas mais plenas. Mesmo a noção de plenitude, do que é uma vida melhor parece operar contra a própria melhoria de nossas vidas. É preciso olhar, observar mais e melhor. Os capítulos a seguir são fruto desse exercício, examinam alguns comportamentos comuns do nosso cotidiano para identificar o que estamos cultivando entre nós que deteriora nosso humanismo.

ENTRE MEIOS E FINS

Durante uma viagem com minha ex-namorada e um amigo em comum pela zona rural de Bueno Brandão, tivemos a felicidade de cruzar caminho com Seu Niltom, um velho agricultor da região. Ele desceu de seu cavalo ao reparar que havia ali espaço para conversa e passamos a tarde simplesmente jogando papo fora. Não foi nada que tenha dito que me faça ainda recordá-lo, mas sim a completa naturalidade com que parou seu trajeto para nos cumprimentar, a satisfação com que se entregava àquele encontro inesperado, a dignidade com que conversava revelando não se tratar simplesmente de um velho carente, o cuidado com que ouvia nossas histórias, a alegria com que contava as suas, o desapego sem receios com que falava seu português "errado", a espontaneidade que nos deixava à vontade, a sinceridade com que nos convidou para tomar um chá com sua mulher e filhos, o cuidado com que se despediu de cada um de nós, apertando firme nossas mãos e olhando agradecido nossos olhos. Encontrar com Seu Niltom me fez pensar sobre a importância do espírito da gratuidade nestes tempos em que tudo parece precisar de um objetivo, uma função, uma utilidade; sobre o resgate da sensibilidade para o fortalecimento de relações mais humanas; sobre a noção de "educado", já que, mesmo sem educação formal, Seu Niltom tem traços de humanismo mais fortes do que muitas pessoas "educadas" e cultas que conheço. Esses "repensares" contribuiram para que, a meu ver, eu me relacione um pouco melhor com as pessoas à minha volta, o que constitui uma melhoria de vida. No entanto, é evidente qual é a resposta ao se perguntar quem está melhorando de vida: aquele que foi fazer compras pela Quinta Avenida ou o outro que foi a uma pousada em Bueno Brandão? Rubem Alves relata questionamento semelhante:

"Acho que foi o Jaspers que disse que não viajava porque tudo o que era digno de ser aprendido estava na casa dele. Acho que não é bem assim. Na verdade, ele devia ter medo de viajar. Mas, num certo sentido, é bem uma verdade. Por exemplo, no meu escritório, posso passar mais de um ano mexendo nas coisas e não vou saber de tudo que está lá. É um universo pelo qual gosto de passear. Mas, quando chegam as férias, somos possuídos pela loucura do "preciso viajar". (...) As pessoas vão ao exterior para tirar fotografias, como se o objetivo da viagem fosse ter o que contar e mostrar. Então, tiram as fotografias e, depois, vão atormentar os amigos que as visitam. Qual é o objetivo de mostrar o álbum de fotos da viagem? É dizer "eu fui", "eu estive lá", "olha eu aqui junto da Torre Eiffel". Não é realmente a experiência de estar lá que se vai viver. Há pessoas que ficam tão preocupadas com a fotografia, que não têm tempo de simplesmente gozar o momento."⁷

Pode soar que eu esteja tecendo uma pretensa noção ideal de viagem em defesa dos destinos simplórios, ou pior, que eu tenha inveja de quem viaja ao exterior. Nada disso. Trata-se de reconhecer que viajar parece ser menos um meio para sermos melhores e mais a própria melhoria em si: poder viajar a um destino de luxo já é por si só o sinal de que sua vida está melhorando, mais ainda se for para consumir o que ele oferece de sofisticado. Tal possibilidade parece ter um impacto muito maior do que os significados dos momentos vividos durante a viagem, se eles contribuíram ou não para a criação ou fortalecimento de relações mais humanas. De fato, não é costume se falar sobre o que traz dentro de si o viajante que retorna, o que fez com ele a viagem antes de devolvê-lo a sua casa. Fala-se sim sobre o que traz dentro das malas, a lista de pontos turísticos "ticados", as dicas de restaurantes.

Mais do que uma ocorrência específica no campo do turismo, *essa inversão entre meio e fim é antes um traço marcante da sociedade moderna*, que se manifesta em diversas áreas, inclusive nas relacionadas à erudição. Não acredito que seja leviano afirmar que a extensão do conhecimento de uma pessoa, livros lidos, filmes vistos, peças assistidas, obras de arte visitadas, costuma causar muito

⁷ ALVES, Rubem. Encantar o mundo pela palavra / Rubem Alves, Carlos Rodrigues Brandão. Campinas, SP: Papirus, 2006.

mais impacto que o resultado que elas produziram em sua vida, como tudo isso contribuiu para uma relação mais plena com o mundo. Reproduzir discursos de autores importantes, relacioná-los com algum filme ou peça que diz algo parecido, ilustrar a ideia com a obra de um artista famoso produz uma atmosfera de intelectualidade que causa um impacto tão forte nas pessoas que muitos acabam encarando o conhecimento como um fim, não um meio para sermos mais humanos. Ser capaz de estabelecer associações elaboradas que impressionem acaba despertando o desejo pela leitura e pelo enriquecimento cultural mais do que a busca por um jeito melhor de viver. A erudição se transforma numa ginástica mental que funciona mais para descrever o mundo de forma rebuscada do que aumentar nossa compreensão sobre ele. Sem qualquer carga de birra, sinceramente costumo ficar mais tocado por um livro infantil ou um pequeno poema que ouvir professores, palestrantes e intelectuais de todos os tipos tecerem as mais complexas relações entre ideias de pensadores famosos exibindo toda a extensão de seu conhecimento. Tal prática chega mesmo a contribuir para a difusão de uma vaidade intelectual que faz crescer as filas dos que ostentam suas leituras como quem exhibe o carro novo que acabou de comprar. E esvazia-se o salão daqueles poucos que transformam sua erudição num olhar que encanta tanto quanto os olhos de Mário Quintana para as coisas da vida cotidiana, revestindo de beleza as coisas mais banais:

"- O mais triste do vento do deserto é que é um vento analfabeto - dizia um vento da cidade a uma tabuleta oscilante.

- Não - rinchava a tabuleta -, o mais triste do vento do deserto é que ele não tem recordações.

- Sempre sentimental, essa velha pintada... - pensou consigo o vento da cidade, passando adiante.

O vento da cidade era um pedante.

O lampião da esquina não dizia nada: ardia de febre.¹⁸

É evidente que muito do que deveria ser apenas um meio para sermos melhores se transforma na própria melhoria em si. Perdemos a mão em muitos aspectos de nossas vidas por conta dessa inversão. Mais do que causa ou consequência, ela é uma expressão de outro traço marcante da sociedade moderna: *a valorização do quantitativo sobre o qualitativo*. Não tenho receio em afirmar que esse viés está

¹⁸ QUINTANA, Mário. Caderno H. São Paulo: Globo, 2006.

impregnado de tal forma em nossos olhares que define o próprio modo de agirmos no mundo. Não é à toa que ele faz parte do cerne de um dos ícones mais valorizados da sociedade moderna: o profissional bem sucedido.

Tornar-se um empresário ou alcançar um emprego que traga uma larga e estável renda capaz de comprar o que existe de mais sofisticado e exclusivo entre as últimas novidades de produtos e serviços proporcionando todo tipo de conforto e suprimindo toda sorte de desejos e caprichos, sejam quais forem. É bem razoável admitir que tais elementos são mais fundamentais para compor o retrato de um profissional de sucesso do que qualquer outro: só a descrição de uma pessoa profundamente humana, por exemplo, não basta. Generosidade, cuidado, respeito entre outros traços de humanismo se enquadram na categoria de "acessórios opcionais". Melhor se houver, claro, mas quando se tira absolutamente tudo o que pode ser tirado até o limite do que constitui a imagem de um profissional de sucesso, o que sobra é o seu alto padrão de vida, não a qualidade da vida que leva. A própria noção de "qualidade de vida" parece estar muito mais atrelada a capacidade de compra, de bancar o custo de ambientes e serviços que possam trazer mais conforto e tranquilidade, do que à beleza e profundidade do modo como uma pessoa enxerga a vida.

É evidente que essa imagem do profissional bem sucedido tem um apelo enorme na sociedade moderna. Não acredito ser leviano afirmar que tornar-se um profissional assim seja uma das maiores buscas da maioria dos jovens e adultos; que seja inclusive o desejo de seus pais zelando prudentemente pela estabilidade financeira dos filhos. Trata-se de um ícone que carrega consigo tantos anseios sociais que parece ter se transformado num dos caminhos mais seguros para uma vida tranquila e feliz. De fato, ao nos depararmos com alguém que conquistou um trabalho que lhe permite ter um alto padrão de vida, é bem comum sermos acometidos, ou mesmo arrebatados dependendo de quão alto seja esse padrão, por uma forte sensação de que tal pessoa alcançou a plenitude da vida. Há quem busque inclusive repetir os mesmos passos para alcançar as mesmas conquistas. No entanto, a mesma reação não se mostra igualmente comum quando nos deparamos com alguém que simplesmente nos mostra um jeito mais belo de olhar para uma situação do dia a dia, que nos apresenta uma forma mais sensível de lidar com nossas amizades, que nos propõe uma nova possibilidade de amar. Isso

parece ser um indicador quase irrisório de que tal pessoa está vivendo uma vida mais plena frente ao impacto de um apartamento sofisticado com uma decoração luxuosa e carros importados na garagem. A rigor, a não ser que aconteça algum caso de flagrante desvio de caráter, o modo como o proprietário de tais bens se relaciona com o mundo ao seu redor não parece importar muito para concluirmos que ele deu certo na vida. Pelo contrário, como ressalta João Pereira Coutinho, ao conhecer alguém o primeiro passo parece ser sempre descobrir o padrão de vida da pessoa, não seu modo de viver:

"Filme conhecido: entro numa festa, alguém apresenta alguém. Primeiros sorrisos, primeira pergunta: "Então o que é que faz?" Peço desculpa, preciso de uma bebida. Dupla. E o meu nome? Não quer saber o meu nome? A minha mundividência, sapiência, sensibilidade e sanidade? Não, apenas meu trabalho. O meu trabalho é o meu cartão identitário. A minha conta bancária é marca da minha excelência moral. Então respondo. A minha resposta é avaliada por critérios produtivos. No final, o meu apartamento, o meu carro, o meu salário e o meu escritório são processados na cabeça meritocrática de quem calcula tudo e avalia tudo. E agora, podemos conversar?"⁹

Obviamente todos devem buscar os recursos necessários para viver bem. No entanto, quando tais recursos se tornam a própria plenitude em si ao invés de serem apenas um meio para alcançarmos uma vida mais plena, viver bem começa a representar um modo quantitativo de encarar o mundo que contribui para sua própria deterioração ao restringir nossa capacidade de reparar na qualidade das relações humanas. Apesar da alarmante constatação, o viés quantitativo parece não sofrer muitas ameaças, pelo contrário, ele se revela bastante adequado às necessidades de conveniência e rapidez da sociedade moderna. Ao transformar o mundo material em certificados de qualidade, o homem é poupado do exercício de procurar a qualidade das coisas. Elas já estão dadas por um terceiro. Não importa se é o poder aquisitivo que atesta a qualidade de vida, se é a fama que atesta a qualidade do cantor, se é o preço que atesta a qualidade do presente, se é o título que atesta a qualidade do acadêmico, se é o cargo que atesta a qualidade do profissional, o importante é que a qualidade está atestada por um elemento que

⁹ COUTINHO, João Pereira. Avenida Paulista. Rio de Janeiro: Record, 2009.

tem ampla aderência e aceitação social e isso basta para garantir o dinamismo da sociedade.

O resultado, no entanto, é desastroso: cultivamos uma superficialidade aguda que se manifesta incessantemente em diversos aspectos de nossas vidas. Tornamo-nos pouco a pouco menos capazes de ver além do aparente, além do que salta evidente aos olhos. De tanto receber a qualidade pronta dos certificados sociais sem ter que buscá-la por si só, nossa visão parece ter ficado tão sedentária que não tem mais forças para caminhar longas distâncias, exatamente como um obeso que pede mais uma pizza pelo *delivery* para não ter que andar, que ironicamente é a melhor solução para sua obesidade cada vez mais mórbida.

Paula Lima é uma cantora famosa. Não sei precisar o quanto famosa é, mas certamente muito mais do que todos os outros atores que compõe junto com ela o elenco da versão brasileira de *Cats*, o musical da *Broadway*. Fui ver o espetáculo e fiquei impressionado pelo notável clamor com que o público aplaudiu todas as entradas da cantora no palco, ainda mais porque geralmente se aplaude ao final da performance, não antes mesmo dela começar. Curioso é que seus colegas de palco não tenham recebido o mesmo reconhecimento. Não sou nenhum entendido de performances artístico-musicais, mas mesmo um leigo acharia difícil aceitar que os atores da peça tenham qualidades musicais tão destoantes quanto o volume dos aplausos para cada um. É evidente que a qualidade reconhecida em Paula Lima pelo público que lá estava foi menos o resultado de um olhar ativo sobre ela, e mais a aceitação passiva de um certificado de qualidade que sua fama lhe confere. Pode parecer que este parágrafo seja uma tentativa de fazer justiça musical, mas minha intenção é simplesmente ressaltar que aquilo que cultivamos dentro de nós se manifesta em tudo o que fazemos, mesmo nas coisas mais simples, como aplaudir alguém no teatro.

O próprio reconhecimento do valor na sociedade moderna revela-se comprometido por nossa incapacidade de ver além do evidente. Reconhecemos o valor do médico que salva a vida do corpo, pois os efeitos da doença são aparentes, é possível tocar a carne aberta que sangra, e se o ferimento não é exposto, a tecnologia o evidencia no raio-x do osso quebrado, nos resultados do exame de sangue. No entanto, parecemos praticamente cegos para reconhecer o

valor daqueles que salvam a vida simplesmente, que conservam no mundo formas de viver que compõe a nossa própria salvação.

Sempre tive profunda admiração e empatia por garçons que cumprem com orgulho e dignidade sua função. Esses sentimentos vêm do reconhecimento de que são eles os embaixadores de um traço fundamental de humanismo que torna nossas vidas muito mais plenas: a beleza do ato de servir. Ela contém um espírito de gratuidade imprescindível para fazer frente ao individualismo egoísta que corrói as relações humanas, além de uma humildade necessária para a retomada do diálogo. Entendo que se possa alegar que é ingenuidade minha ver tanta virtude num garçom, que todos só pensam nos 10%, que a maioria teve que se resignar ao trabalho por não conseguir profissão melhor, além daqueles que tratam mesmo mal os clientes. Concordo com as alegações, mas elas não invalidam a beleza do papel do garçom no mundo, da mesma forma que a existência de médicos corruptos e degradantes não abala a importância da medicina. Acredito que ingenuidade maior e mais preocupante é não reconhecermos que os garçons são tão importantes para nossa salvação quanto os médicos.

Entendo que equiparar as duas profissões possa ser encarado como uma apologia romântica aos humildes. No entanto, trata-se apenas de constatar que temos um viés em nosso olhar que determina o valor das coisas ao nosso redor por critérios que parecem não incluir a beleza de como se enxerga a vida. *A miopia da superficialidade parece ter impossibilitado nossos olhos de se encantar.* Nos deslumbramos, com certeza. Ficamos impressionados com o espetáculo e a sofisticação que o mundo moderno é capaz de produzir. Mas encanto é diferente porque pressupõe o encontro de uma beleza que não é material, uma beleza sensível. Acredito inclusive que muito do que nos deslumbra não tem beleza alguma: quando acaba a forte impressão que causam, nada mais fica. E talvez essa seja uma boa diferença entre deslumbramento e encanto, o último abre perspectivas. Luiz Barco deixou muito claro para nós alunos em suas aulas que seu apreço pela matemática e pela ciência em geral não tem a ver com a utilidade prática delas em nossas vidas. Esse apreço vem da beleza com que tais matérias o fazem enxergar o mundo, elas lhe abrem perspectivas que simplesmente o encantam.

O resultado é a supervalorização do que deslumbra e a total desvalorização do que encanta. O universo do espetáculo e da sofisticação ganha um peso tão enorme que praticamente soterra aquilo que poderia nos abrir caminhos mais plenos de se viver. Como é natural do ser humano buscar aquilo que é valorizado entre seus semelhantes, surge daí a alarmante sensação de que viver bem é basicamente usufruir desse universo de valor.

Há um quadro no programa do apresentador Luciano Huck que ilustra bem essa situação. Ele escolhe uma família humilde e reforma toda sua casa, transformando-a praticamente numa casa de luxo. Como todas as empresas querem ter sua marca exposta num programa de alta audiência como é o dele, não faltam doações dos mais sofisticados artigos que se possa colocar numa casa. Ao final da "boa-ação", a família chora e Luciano Huck é idolatrado, a ponto de ter sua foto colocada entre os santinhos de uma das famílias que foi "abençoada" por ele. Eu realmente não duvido que o apresentador seja movido por um verdadeiro sentimento de compaixão, um genuíno espírito de bondade que o mobiliza em cada reforma de casa. No entanto, é inegável que em cada quadro, apesar da boa intenção, ele contribui ingenuamente para reforçar a equivocada noção de que viver bem é ter acesso à sofisticação. Pode-se alegar que é exatamente o oposto, que ao reformar a casa ele valoriza aqueles que demonstraram viver formas belas de vida, ainda mais em ambientes que favorecem justamente o contrário. No entanto, é evidente que o impacto do espetáculo da sofisticação e até mesmo o seu tempo de exibição durante o programa é muito maior do que a valorização do estilo de vida que a família leva.

Certamente, todos reconhecem que ter uma vida confortável é apenas uma parte de nossas buscas, que viver é algo maior e inclui a dedicação aos nossos relacionamentos. No entanto, não acredito que seja leviano afirmar que, apesar da preocupação, *demonstramos uma determinação muito maior para conquistar o padrão de vida que desejamos do que para alcançar uma vida mais plena.* Passamos grande parte de nossas vidas trabalhando para alcançar a renda que possa sustentar esse padrão, e de fato há um nítido empenho por buscar tudo aquilo que possa nos tornar ainda mais importantes no universo do trabalho, onde colocamos todo nosso esforço físico e mental. Entretanto, quando se trata dos mundos extra-profissionais, é igualmente nítido que o empenho não é o mesmo.

Quando saímos de nosso trabalho, é comum estarmos tão cansados que buscar formas mais plenas de vida não é prioridade. Ela exige esforço, afinal, a sociedade moderna se mostra mesmo muito mais preparada para oferecer deslumbramento, transformando essa busca ainda mais difícil.

Para que não fique a sensação equivocada de que este capítulo é uma manifesto contra a burguesia, vale ressaltar que, no fundo, o problema não reside em buscarmos o padrão de vida que almejamos ou mesmo adquirirmos o que ele nos proporciona quando o alcançamos. O problema está em nos isentarmos de buscar também, com igual ou maior empenho, formas mais plenas de se viver. De fato, entre ricos e pobres, há tanto pessoas que vivem futilmente quanto outras que cultivam uma vida muito bela. Não há muita diferença entre a elite que ostenta todo o luxo que é capaz de comprar e os ladrões que a assaltam. Muitos milionários, como jogadores de futebol, *rappers* norte-americanos, celebridades do *showbusiness*, compartilham da mesma mediocridade que os traficantes do morro. A diferença está somente na expressão dessa mesma superficialidade, tão semelhante que não surpreende que famosos jogadores de futebol se divirtam nos bailes *funk* promovidos pelo tráfico. Alto padrão de vida não tem a ver com plenitude de vida. Quando ignoramos essa diferença, entramos num ciclo vicioso que nos leva novamente a inverter meios e fins, valorizar o quantitativo sobre o qualitativo, ceder à facilidade dos certificados, reforçando mais e mais uma superficialidade que lenta e progressivamente nos faz perder pouco a pouco tudo aquilo que nos torna humanos.

MUITO PRAZER, POR FAVOR

Finalmente, chega sexta-feira. A perspectiva iminente de dois dias livres enche todos de um alívio que relaxa até mesmo as expressões mais sisudas de quem acumulou preocupações desde segunda. O fim do dia inunda-se com o entusiasmo dos que planejam o que fazer à noite, sábado e domingo numa agradável expectativa de viver bons momentos, sozinhos, com seus amigos, amores ou familiares. Quando começam a se revelar durante o final de semana o que são os tais bons momentos, é possível observar uma série de atividades que se repetem com bastante frequência na sociedade moderna. Basta abrir o guia de algum grande jornal para identificar boa parte delas: cinema, restaurantes, teatro, bares, dança, casas noturnas, passeios, shows, concertos, exposições, guloseimas. O futebol, os esportes em geral, a cobertura televisiva deles e os programas de televisão também têm um peso expressivo. Há ainda outras atividades, como a leitura, que, mesmo sem muita aderência social, também se mostram presentes.

Apesar da grande diversidade de opções para se aproveitar o tempo livre, é possível observar através delas uma forma específica de viver o ócio. Ela se manifesta com tanta regularidade que parece ser hegemônica. Sua ampla difusão, entretanto, não significa necessariamente que seja boa para o homem. Trata-se do evidente impulso da sociedade moderna em transformar finais de semana, férias e qualquer tempo livre em momentos de puro deleite e descanso. Deleitar o corpo com todo conforto e caprichos deliciosos que o trabalho dos dias úteis pode pagar e descansar a mente com diversão e entretenimentos que a esvaziem de

preocupações, para que todos possam começar a segunda-feira com energia renovada para reproduzir com fôlego total as funções do trabalho.

De fato, essa relação com o ócio não parece representar equívoco algum. Pelo contrário, ela não só soa natural como vem de reações muito legítimas do homem ao ritmo de trabalho a que é submetido. O avanço tecnológico se encarregou de adiantar os prazos do mundo. O tempo que demorava para uma carta chegar a seu destinatário foi reduzido ao clique do *send* do *email*. Junto com o volume extraordinário de facilidades que proporciona, a tecnologia contribuiu para uma pressão no ambiente de trabalho igualmente extraordinária. A substituição do trabalho braçal pelas máquinas aumentou incrivelmente a produtividade e o homem tem que acompanhar o ritmo. Mas somos humanos, não máquinas. O resultado é uma sensação latente e contínua de que estamos sempre cansados, sempre atrasados, sempre devendo, sempre cansados demais. Tudo o que queremos é um pouco de descanso, um pouco de deleite, que o ritmo de trabalho se encarrega de negar. Surge inclusive um sentimento de compensação: quem se esgotou por conta do trabalho sente que merece se recompensar à altura, tanto maior o deleite e o descanso quanto maior foi o desgaste da semana.

No entanto, por mais legítimo que seja esse desejo, sucumbir a ele só contribui para manter tudo como está: *ao reduzi-lo a prazer, justamente o ócio, que poderia contribuir para nos libertar de nossas inércias, acaba funcionando para reforçá-las ainda mais*. O problema não reside no conforto em si ou nas delícias que a sociedade é capaz de produzir. Eu mesmo escrevi boa parte deste mestrado nos *Americas* da cidade comendo saborosos *frozens* com calda de chocolate, que me garantiram horas de permanência nas macias poltronas e mesas do restaurante. Muito menos na diversão e entretenimento. Tive a felicidade de participar certa vez de uma palestra que me pareceu muito interessante sobre as contribuições que a brincadeira pode trazer na formação de uma criança, só para citar um exemplo. Além disso, imagine quão insuportável seria viver num mundo sem risadas ou em ininterrupta produtividade. O problema está em encerrar as formas possíveis de viver o ócio no prazer que podem proporcionar. Pior ainda, determinar a importância de cada uma delas de acordo com seu potencial de prazer. É a perseguição do prazer pelo prazer, como acena Michel Maffesoli:

"O espírito do tempo se expressa na precipitação e na velocidade. Mas uma velocidade que, em fim de corrida, por sua própria aceleração, apresenta uma certa imobilidade. O que é importante na intensidade do momento é a perseguição do prazer pelo prazer. A busca do prazer que se esgota no ato, que não mais se projeta sobre o futuro. Ao mesmo tempo, esse cuidado dos "bons momentos", não se orientando de forma alguma no sentido de uma finalidade a ser atingida, acentua, paradoxalmente, a própria idéia do caminhar. Um caminhar como uma sucessão de instantes intensos."¹⁰

O resultado é um desperdício incrível do rico papel que o ócio pode exercer para alcançarmos uma vida mais plena. Não acredito ser leviano afirmar que o cinema é encarado muito mais como uma fonte de descanso para a mente do que provocação para instigá-la. A maior evidência é a própria supremacia de filmes cuja qualidade do roteiro tem menor importância que a quantidade de efeitos especiais, sequências de ação, demonstrações idealizadas de amor, piadas engraçadas, e todos os artifícios capazes de prender a atenção do público. Esses são mesmo elementos fundamentais para a fórmula mágica dos *blockbusters*, que levam milhões às salas de cinema. O impulso ao descanso mental é tão forte que mesmo os poucos sucessos de bilheteria com roteiros notadamente preocupados em abrir perspectivas para observarmos melhor a vida que levamos acabam sendo reduzidos aos atrativos dos arrasa-quarteirões. Não considero exagerado afirmar que, para o público em geral, o que fica de um filme como *Wall-E* acaba sendo mais a sofisticação dos efeitos especiais e a emocionante história de amor entre os dois robôs do que os alertas ao estilo de vida que cultivamos na sociedade moderna. Não se trata absolutamente de transformar todos os filmes em fontes de reflexão, afinal, aqueles que só frequentam as salas que exibem exclusivamente filmes "cults" não raro tomam ares esnobes de intelectualismo que acabam revestindo de pedantismo o próprio exercício de refletir. Trata-se antes de reconhecer que desperdiçamos muitas chances de repensar a vida que levamos ao reduzir o ócio a descanso e deleite.

Como o cinema, outras atividades que costumam ocupar nosso tempo livre parecem sofrer tal redução. Viagens podem ser possibilidades reais de afastamento da ordem cotidiana, distância que nos permite olhar um pouco

¹⁰ MAFFESOLI, Michel. Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro:Record, 2001.

melhor para a vida que reproduzimos diariamente, privilégio raro considerando a força com que o ritmo acelerado do nosso tempo nos carrega em sua enxurrada. Estar aberto para compreender como vivem as pessoas dos lugares que visitamos potencializa ainda mais a revisão do próprio estilo de vida. No entanto, é bem comum que essa pausa preciosa se encerre no descanso do conforto do hotel, no deleite dos restaurantes e compras, no entretenimento dos passeios turísticos. Em alguns casos, a viagem é só mesmo um diferente plano de fundo para se reproduzir durante dias exatamente as mesmas coisas que seriam feitas num final de semana livre de qualquer obrigação: pode ser diferente o nome da cerveja, da balada, da moeda, mas a embriaguez, o beijo sem compromisso, o estilo da música, o "pacote-da-felicidade" continua exatamente igual. Ao invés de permitir a reflexão sobre essa felicidade, a viagem acaba contribuindo para uma manifestação ainda mais entusiasmada dela. Considerando a superficialidade que se evidencia em nossas vidas, chega a ser preocupante que o ócio atue simplesmente para a reprodução do mundo que aí está, com tantos cenários preocupantes, como este que observo ao ser convidado para a festa de uma amiga, que irá comemorar seu aniversário em uma "balada da moda".

Como se trata de uma amiga querida, vou, apesar de nunca me sentir muito à vontade em tais lugares e sempre sair deles com uma profunda sensação de que são desnecessários e até mesmo degradantes. Dessa vez, não é diferente. Já na rua começa uma disputa desesperada por atenção que se estende até o fim da noite. Motoristas abrem suas janelas para exibir a potência de seus sistemas de som, que brigam entre si pela atenção das mulheres na calçada, como se o volume da música fosse a própria medida da sua potência sexual. Um ou outro motociclista acelera abruptamente para o barulho de seu motor superar o som dos carros. Ao entrar no local, está instaurado o desfile patético de mulheres que esbanjam um desdém hipócrita que não disfarça o desespero de serem desejadas. O mesmo desespero move os homens que se lançam sobre elas numa busca igualmente patética por testar os limites de quanta satisfação sexual conseguem extrair delas para si. Há no ar uma estranha e latente necessidade de ser feliz, tão forte que parece mesmo uma obrigação, como se fosse esse o ambiente mais propício para a felicidade, de modo que é praticamente inadmissível desperdiçar tal oportunidade. Numa busca frenética e afobada, ser feliz se manifesta de formas um tanto deturpadas: é preciso beber e beber mais até ficar bêbado

porque alguém precisa fazer algo marcante para que todos riem, para que a noite seja memorável. Todos entram num torpor generalizado que logo faz eclodir alguma briga num canto, uns ficam completamente inconvenientes de tão embriagados, outros começam a vomitar, e assim o ambiente vai tomando uma atmosfera de degradação humana impressionante.

Sei que exagero e generalizo na minha descrição, mas não acredito que ela esteja muito distante do que constitui uma festa para boa parte dos jovens e mesmo adultos que consideram a balada como a principal forma de se viver o ócio, de se aproveitar o final de semana.

Antes que eu comece a soar antipático, como quem não gosta de se divertir, entenda, não sou contra aproveitar o tempo livre. Muito pelo contrário. Chego mesmo a pensar para quem são úteis os tais dias úteis da semana, se para o homem ou o mercado. Como acredito mais na segunda opção, prezo cada segundo de ócio que ele me proporciona e procuro não desperdiçá-los. De fato, quando me liberto das funções que devo exercer no trabalho, "não ter o que fazer" me enche de possibilidades. Sinto enorme prazer em conversar por horas com meus amigos, fazer silêncio em mim para me investigar, rever meus primos e parentes, jogar handebol com meus colegas de time, rir banalidades com minha família na mesa do jantar, desenhar caricaturas e abstrações, combiná-las com recortes de revistas até encontrar um equilíbrio que me traga um certo prazer estético, fuçar nos trabalhos de ilustradores, designers e artistas plásticos em busca de imagens que agradem meus olhos, registrar constatações do cotidiano, desfiá-las no meu blog, espiar os artigos dos colunistas do jornal, as tirinhas de seus cartunistas, os livros dos escritores e poetas que aprecio à procura de ideias que me encantem, organizar meu quarto e os arquivos do meu computador, descobrir músicas novas, cantar nos ensaios e apresentações da banda, enquadrar paisagens ao meu redor com a câmera fotográfica em busca de composições agradáveis, checar a programação cultural da cidade, ver um filme que me desperta interesse, peça de teatro, exposição, espetáculo.

De fato, essas atividades costumam me trazer momentos muito prazerosos, mas definitivamente não é a busca por prazer que me leva a cultivá-las em meu tempo livre. Se me divirto com meus amigos jogando conversa fora numa mesa de bar

não é porque busco diversão neles, busco apenas estar com eles porque seus jeitos de se relacionar com o mundo me cativam de alguma forma. *Prazer é simplesmente um dos resultados acidentais possíveis de uma busca anterior: encontrar formas encantadoras e instigantes de se relacionar com a vida.* O ócio como fonte de encontro, não de prazer. Encontro com os amigos, familiares, consigo mesmo, com o conhecimento, a arte, num momento de curiosidade em que se procura observar o outro em busca de novos olhares. E não se trata somente de incorporá-los, mas também de construí-los em conjunto, deixando de lado imposições de julgamento e impulsos de reafirmação das próprias certezas. É resgatar o diálogo. Há claro o embate de ideias, mas muito mais pela tentativa de ampliar a compreensão abrindo novas perspectivas e revelando complexidades do que pela vaidade mesquinha de apresentar uma resposta tão completa que encerre o debate. A intenção é sempre ampliar, não encerrar, afinal, esse movimento de ampliação constitui o próprio exercício da reflexão e é dele que surgem novos olhares, até chegarem os que encantam.

Resgatar o encontro e promover a partir dele o diálogo pode contribuir para sermos um pouco mais humanos, criarmos novas formas de relacionamento, mais plenas, ao invés de só reproduzirmos o que já fazemos simplesmente porque estamos cansados demais. O ócio é justamente a pausa preciosa que nos permite encontrar novos caminhos além dos já tão desgastados trajetos de nossas inércias. De fato, repetir parece ser uma das grandes vocações da sociedade moderna. Para não correremos o risco de perder nossos empregos, reproduzimos tanto uma série de lógicas que mantém o mercado ativo, sustentam o bom funcionamento da economia, que mesmo quando estamos fora do ambiente de trabalho continuamos a repetição, transformando os finais de semana em palco de manifestações das mesmas lógicas. Ocorre que apesar de favorecerem o mercado, seus efeitos para as relações humanas não são igualmente favoráveis. João Pereira Coutinho aponta com grande lucidez as implicações da "cultura dos resultados":

"As pessoas falam, sim, mas raramente conversam. Qual a diferença? Falar é coisa utilitária, que começa e acaba com um propósito comum. Conversar, não: desde logo porque "conversar" implica dois sentidos. Falamos e escutamos. E falamos. E escutamos. Como uma dança que

precisa de dois parceiros: dois parceiros que avançam e recuam pelo simples prazer de dançar. Existe disputa. Mas existe também a natureza vagabunda de uma conversa: a forma como vai deambulando pelas ruas da intimidade sem ninguém saber exatamente como, para onde, ou porquê. (...) Tudo isso implica um desprendimento do tempo, e da "cultura dos resultados", que a modernidade enterrou sem retorno.

Boris Fausto cita as festas de sociedade, onde as pessoas não conversam: vão disparando frases, tentando vencer a resistência do alarido. Vou mais longe: a cultura do ruído surgiu e instalou-se, precisamente, para esconder a vacuidade das pessoas. Para esconder, no fundo, como os seres humanos se tornaram desinteressantes. Nada para dizer. Nada para escutar. Às vezes, o ruído em volta é até um alívio (para eles) e uma benesse (para nós).¹¹

Assim como faz sentido relacionar a vacuidade das pessoas à reprodução da "cultura dos resultados" no diálogo, acredito que seja bem razoável admitir que há outros prejuízos ao homem acentuados por *lógicas que o impulso da reprodução tratou de transportar equivocadamente para as relações humanas*. Imagino quantos comportamentos cultivamos simplesmente por pura inércia, sem nem repararmos mais na sua pertinência em nossas vidas. Num dos folhetos de cursos do Instituto Palas Athena, li certa vez um conto que ilustra muito bem essa situação:

"Um grupo de cientistas pôs cinco macacos numa jaula. No meio dela, uma escada, e sobre ela um cacho de bananas. Quando um macaco subia a escada para pegar as bananas, um jato de água fria era jogado nos que estavam no chão. Depois de certo tempo, quando um macaco subia a escada para pegar as bananas, os outros que estavam no chão o enchiam de pancadas. Com mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas. Após isso, substituíram um dos macacos por um novo. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, sendo retirado pelos outros que o surraram. Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo não subia mais a escada. Um segundo substituto foi colocado na jaula e o mesmo ocorreu com este, tendo o primeiro participado com entusiasmo na

¹¹ COUTINHO, João Pereira. Avenida Paulista. Rio de Janeiro: Record, 2009.

surra do novato. Um terceiro foi trocado e o mesmo ocorreu. Um quarto e afinal o último dos cinco integrantes iniciais foi substituído. Os pesquisadores então tinham na jaula um grupo de cinco macacos que, mesmo nunca tendo tomado banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse pegar as bananas. Se fosse possível perguntar a algum deles porque batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza, dentre as respostas, a mais freqüente seria: "Não sei, mas as coisas sempre foram assim por aqui."

Percebo que insistir nos prejuízos causados pelo ímpeto da reprodução cria um viés no meu discurso que abala sua validade. Pode-se alegar que o mal não está na reprodução em si, afinal, bons costumes são mesmo para serem reproduzidos amplamente por toda a sociedade. São eles inclusive que garantem a integridade dos cidadãos de bem. Que mal haveria no trabalhador que acorda cedo, cumpre seus deveres com dignidade, cuida de sua família com zelo e goza nos finais de semana do descanso que lhe é merecido? No entanto, acredito que justamente ele é uma ameaça para si e o mundo ao seu redor na medida em que se entrega à reprodução, mesmo que seja a do jeito "certo" de viver. O filme *A Fita Branca* revela com grande clareza como a própria reprodução dos bons costumes transforma um pequeno vilarejo da Alemanha num ambiente insustentável de intolerância e hipocrisia.

Agir com integridade não significa necessariamente que ela faz parte de nós. Há uma diferença entre a postura ativa de buscar a virtude, com todas as indagações do que venha a ser enfim essa tal virtude, e a passividade de seguir com rigor uma cartilha de bom convívio social. Ela pode garantir o funcionamento da sociedade, livrando-nos aparentemente do caos, mas permite que as pessoas se isentem do exercício da reflexão. É como ficar parado no farol vermelho numa rua deserta. A lei existe para regular o trânsito e é mesmo necessário que todos a sigam para que não haja acidentes. No entanto, é bem comum que ao reproduzir o que as normas de trânsito exigem, simplesmente paramos de pensar sobre o assunto, afinal, a sociedade já se deu ao trabalho de fazê-lo e as respostas estão compiladas num código de condutas que de fato garante o bom funcionamento do trânsito. O resultado é que mesmo quando estamos numa rua deserta, paramos no farol vermelho, sem nem darmos conta de que a ausência de carros, pessoas e animais faz com que as regras de trânsito nesse momento percam totalmente o

sentido pelo simples e óbvio fato de que não há trânsito! Quando a regra de algo perde esse algo, só sobra uma regra simplesmente, que não se aplica a nada. Mas a repetição constante causa uma ruptura tão grande com a reflexão que até mesmo o óbvio passa despercebido.

Ao cedermos à reprodução contínua, mesmo que dos bons costumes, caímos no perigo iminente de cessar a reflexão e com ela nosso discernimento e espírito crítico. Abre-se espaço para o crescimento de uma alienação que nos leva ao cumprimento cada vez mais cego de determinações e normas alheias a nós, que não necessariamente têm compromisso com a plenitude da vida humana. De fato, no universo corporativo os funcionários seguem as decisões de suas empresas, que apesar de serem "pessoas" jurídicas, não têm nada de humano. Elas atuam a favor do mercado, não do homem. Compará-las com uma pessoa, revela que seus comportamentos se encaixam perfeitamente ao perfil psicológico de um psicopata, como ressalta o documentário *The Corporation*. O exemplo do farol vermelho é apenas uma pequena manifestação banal, mas há outras muito maiores e absolutamente mais temerosas, como o próprio nazismo. Eichmann é um dos nomes notórios do Holocausto por ter sido responsável pela logística do transporte de judeus entre campos de concentração garantindo a eficiência do extermínio. Sobre o julgamento por sua participação nos crimes cometidos pela Alemanha na Segunda Guerra Mundial, Hannah Arendt¹² constata que o engenheiro não era um demônio ou a personificação da maldade, ele era apenas uma pessoa normal tão acostumada a reproduzir com empenho a ordem social vigente, que já não era mais capaz de refletir sobre o bem e o mal, afinal, bastava seguir o que a sociedade entendia como bom para ter dentro de si a garantia de que estava fazendo o bem. Portanto, continuou colocando sempre sua capacidade a favor da reprodução dessa ordem social, mesmo quando ela se transformou em nazismo.

Noto que citar o Holocausto passa a impressão de que sofremos os efeitos da alienação somente nos grandes movimentos de intolerância humana. No entanto, acredito que somos atingidos constantemente por uma série de Eichmanns cotidianos cujo humanismo foi deteriorado pela reprodução. Eles seguem tanto as

¹² ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

determinações alheias que já não demonstram mais capacidade de discernir a pertinência delas aos contextos que se montam à sua frente. Perderam o bom-senso e vão perdendo aos poucos tudo aquilo que nos torna humanos.

Paro o carro no estacionamento, pego o ticket, saio e quando chego ao meu destino por algum motivo decido ir embora. Volto então rapidamente ao estacionamento, onde meu carro está há menos de três minutos, e o funcionário me cobra os dez reais da primeira hora. "Mas eu não fiquei nem três minutos! Não tem tolerância de 5, 10 minutos?" Ele me responde que não tem tolerância e percebo que realmente a única coisa que existe ali naquele momento é a intolerância. Ele alega que já cadastrou meu carro no sistema e como não é possível conversar com um sistema, o que resta com o fim diálogo é só mesmo a intolerância. Não há o que fazer. Mas será mesmo?

Não é possível que não haja no sistema alguma forma de liberar um carro cadastrado sem pagar, ainda mais quando consta a sua permanência relâmpago no estacionamento. Mesmo que não exista essa possibilidade, o funcionário pode explicar para o dono por que me liberou sem pagar. Se este for um capitalista implacável sedento por qualquer nota de dez reais que não aceite nenhuma explicação para liberar carros gratuitamente, só de o funcionário me apresentar essa realidade, já me aliviaria muito saber que ele também não concorda com a cobrança, mas abatê-la está além de sua capacidade. Ele continuaria me dizendo "não há o que fazer", mas ao menos eu saberia que ele se importou comigo, e nas entrelinhas ainda me mostraria uma saída: falar com o dono do estacionamento.

O que incomoda é a indiferença plena, mas ele simplesmente não se afeta, assim como Eichmann não sofria por ajustar a logística do extermínio, afinal, a decisão absurda de cobrar dez reais por três minutos é transferida do funcionário para o sistema, isentando-o de qualquer constrangimento ou culpa. Não é ele que está cobrando, é o sistema. Portanto, ele não precisa se preocupar em buscar uma saída para meu caso, não precisa nem ao menos me escutar. O sistema lhe dá o aval para manter-se indiferente, garante a confortável sensação de que não há nada de errado na omissão.

Acredito que os efeitos da reprodução são devastadores para o humanismo e preocupa perceber que eles atuam de forma tão sutil que muitos de nós cultivamos um Eichmann interior sem perceber, afinal, é assim que se faz isso, é daquele jeito mesmo que se faz aquilo, essa é a maneira certa, não, esta aqui é a errada, e assim repetimos tudo isso novamente, ainda mais quando estamos cansados e o mundo todo já está preparado para fornecer o necessário para se repetir o que sempre se fez, isentando-nos pouco a pouco da reflexão sobre todos esses fazeres até entrarmos numa completa alienação.

É essa perspectiva alarmante que aumenta a importância de tudo aquilo que pode nos tirar da inércia de nossas vidas. O ócio pode exercer um papel fundamental para combater o problema desde que atue a favor do encontro promovendo o diálogo com o outro: amigos, familiares, grupos sociais, a própria pessoa consigo mesma, conhecimento, arte... Ao reduzir ócio a prazer, desperdiçamos uma chance preciosa demais de encontrarmos formas mais plenas de vida. É como deixar de comer frutas já que o prazer de seu sabor é o que importa, então basta consumir o aroma delas que a indústria de alimentos produz. O resultado é a fragilidade da saúde privada das vitaminas e outros benefícios das frutas. Assim como o escorbuto vem da falta de vitamina C, não da falta do sabor da laranja, muitas "doenças" que acometem as relações humanas vêm da falta de encontro e diálogo no ócio, não da falta de prazer nele.

PARTE2:
A EDUCAÇÃO

FALTA DE EDUCAÇÃO

Minha prima comenta comigo que meu tio se incomoda profundamente com seu quase descaso à leitura dos jornais. Ao ver minha reação, ela sente um alívio, como se eu lhe tirasse da consciência um peso. Percebo então que sua indiferença às notícias foi transformada em culpa e imagino que seu pai tenha grande participação nesse processo. No entanto, reconheço que a preocupação do meu tio vem de um legítimo sentimento de amor por minha prima. Ele sabe que, no ambiente do trabalho, o quanto estamos a par dos acontecimentos do mundo exerce um peso considerável sobre nossa imagem. Prezando pelo sucesso da carreira de sua filha, ele insiste na leitura dos jornais e transformar sua indiferença em culpa é a forma que encontrou para tanto. Por outro lado, compreendo minha prima e confesso que compartilho de seu quase descaso com as notícias: acesso o jornal que assino para ler o editorial, os colunistas que aprecio e as tirinhas dos cartunistas. Notícias, só mesmo uma ou outra que me chama a atenção.

Longe de ser preguiça ou birra às implicações paternas, essa postura comum entre nós é antes uma reação a algo preocupante que observamos por trás do tal apreço às notícias: que ele parece vir mais da vaidade que do exercício da reflexão. Não acredito ser leviano afirmar que boa parte da motivação por manter-se "atualizado" vem ou do receio ao constrangimento de não saber o que dizer quando alguém comentar sobre algo que está na mídia, ainda mais no ambiente de trabalho, ou da busca por prestígio, afinal, exibir domínio de vasta quantidade de atualidades costuma causar forte impressão nas pessoas. Ambos os casos são evidências de um compromisso com a imagem pessoal. Enquanto o

primeiro cuida da sua manutenção, o segundo atua a favor de sua promoção. Certamente há quem leia o jornal em busca de variados ângulos sobre o mesmo evento para junto com outras pessoas, num processo franco de diálogo, destrincharem sua complexidade permitindo-lhes alcançar novos olhares sobre o tema, ou mesmo relacionar notícias diversas entre si procurando compreender melhor a complexidade de nossas vidas. No entanto, é bem mais comum nos depararmos com um cenário não tão promissor. Ao invés de conversa, falar sobre uma notícia em evidência logo se transforma num *check list* de quem conseguiu guardar mais informações sobre o caso, seguido de um desfile de julgamentos que servem mais para reafirmar as próprias certezas do que abrir novas perspectivas de análise. O jornal acaba sendo um grande arcabouço de atualidades que é melhor serem armazenadas, pois alguém pode testar seu conhecimento no corredor da empresa, reunião com o chefe do núcleo, apresentação de projeto ao cliente, exatamente como um policial rodoviário que para aleatoriamente os carros na estrada para checar se o motorista está com os documentos em dia, se os dados estão atualizados.

O que chama a atenção é que a avaliação que se faz de alguém para na própria entrega do conteúdo que lhe foi solicitado. Mostrar que se está a par do acontecido basta para que a pessoa seja bem vista pelo grupo. Parece não importar muito se aquilo lhe abre portas para a reflexão, se faz ou não algum sentido em sua vida. Melhor se fizer, claro, mas é quase um capricho. Tirando algumas exceções, não é ainda assim que a maioria das escolas e faculdades avalia seus alunos? Eles memorizam uma infinidade de conteúdos curriculares que despejam nas provas de cada matéria e voltam para casa reclamando mais uma vez que não entendem porque precisam saber isso ou aquilo, afinal, simplesmente não faz o menor sentido para suas vidas, não lhes faz refletir sobre nada. Incorporamos durante os muitos anos de nossa vida acadêmica um critério de avaliação que contribui para reforçar ainda mais a evidente superficialidade de nossas vidas. Montaigne compartilha da mesma preocupação:

"Os cuidados e as despesas de nossos pais visam apenas a nos encher a cabeça de ciência; sobre o discernimento e a virtude pouco se fala. (...) Facilmente perguntamos: "Ele sabe grego ou latim? Escreve em verso ou em prosa?" Mas, se ele se tornou melhor ou mais ponderado,

isso era o principal e é o que fica por último. Seria preciso perguntar quem sabe melhor, e não quem sabe mais. Trabalhamos apenas para encher a memória, e deixamos o entendimento e a consciência vazios. Assim como às vezes as aves vão em busca do grão e o trazem no bico sem o experimentar, para dar o bocado a seus filhotes, assim nossos pedagogos vão catando a ciência nos livros e mal a acomodam na beira dos lábios, para simplesmente vomitá-la e lançá-la ao vento.¹²

Sempre acreditei e continuo acreditando que a educação é capaz de nos libertar dos equívocos apontados nos capítulos anteriores. No entanto, percebo que essa educação libertária a que me refiro constitui uma parcela pequena das instituições formais de ensino na sociedade moderna por conta de sua forte ligação com o mercado. Assim como é possível encontrar vestígios de nossa herança educacional na relação deturpada que cultivamos com o jornal, há outras evidências ainda mais marcantes que a educação formal contribui para a manutenção dos problemas do olhar que tiram de nós pouco a pouco o que nos torna humanos, ao invés de nos libertar deles.

Por conta do mestrado, visitei um conhecido coordenador do Colégio São Luís, onde estudei durante muito tempo. Como se trata de uma pessoa por quem tenho empatia, o encontro logo se transformou numa conversa sincera e agradável. Conteí minhas intenções de contribuir para que educação possa exercer seu papel de humanizar os alunos e expus boa parte do que está escrito até agora. Ficou nítido para mim como meus questionamentos sobre a sociedade moderna estavam bem alinhados com as próprias preocupações dele. No entanto, ele me revelou com pesar que há um bom tempo o colégio já estava sendo cobrado pelos pais por um caminho diferente. O recado era claro: iniciativas de humanização são bem vindas, mas fundamental mesmo é que os alunos estejam aptos a superar a exigência dos vestibulares. Ninguém quer colocar seus filhos num colégio que não os prepare bem para entrar nas melhores faculdades, ainda mais quando as mensalidades são altas, como costuma ser o custo do ensino privado no país. As melhores faculdades são aquelas que preparam seus alunos para conquistar os melhores empregos. Os melhores empregos são os que pagam bem o suficiente para sustentar um alto padrão de vida. E o alto padrão de vida é a garantia da

¹² MONTAIGNE, Michel de. A educação das crianças. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

felicidade que todo pai zeloso deseja a seus filhos. No final das contas, a cobrança dos pais que o coordenador comentava comigo é simplesmente a manifestação de um amor verdadeiro. É simples assim, simples de uma complexidade assustadora, e implicações desastrosas.

Atendendo ao desejo de seus "investidores", os pais que pagam as altas mensalidades, o objetivo final das instituições de ensino é transformar seus alunos em "profissionais de sucesso", ou seja, essencialmente, pessoas capazes de bancar um alto padrão de vida. Como são restritas tanto as vagas para se usufruir desse "sucesso" quanto as vagas das melhores faculdades, a educação formal orienta todo seu esforço para a competitividade. Escolas se preocupam em formar alunos competitivos para o vestibular, faculdades em formar profissionais competitivos para o mercado de trabalho.

O que determina a competitividade de cada um é sobretudo sua capacidade de dar lucro para a empresa. A relevância de um profissional está diretamente ligada à percepção de quanto ele é capaz de contribuir para alcançar ou superar as metas de faturamento. A não ser que se prove que funcionários mais humanos dão lucros maiores às empresas, como ocorreu com a sustentabilidade, é evidente que o humanismo não será a prioridade principal da educação.

Ao substituir formação de seres mais humanos por profissionais competitivos, a relação com o conhecimento também se transforma: ele deixa de ser porta para a reflexão e passa a aperfeiçoamento de competências instrumentais. Os currículos educacionais são preenchidos com os conteúdos mais úteis para se vencer no vestibular e no mercado de trabalho. Estudo é antes uma ferramenta de conquista, não um meio para repensarmos a vida que levamos. Carlos Rodrigues Brandão acena a mesma perspectiva:

"Você sabe que grande parte do que a gente sente e entende (por educação) é o oposto do que encontra hoje em palavras e promessas. Palavras que vão desde outdoors de colégios e faculdades em época de vestibular ou matrículas até livros sobre educação. Não se fala em linha de montagem, porque seria demais, mas a idéia é a de que se educam crianças e jovens para serem competentes, especializados, competitivos, aptos a serem bem-sucedidos no mercado de trabalho.

*Isso passa por uma espécie de uniformização diferenciadora, que é uma armadilha terrível. É o mesmo ensino, com as mesmas palavras de ordem, para que se aprenda inglês, matemática, português de um jeito quase igual, usando os mesmos livros, as mesmas metodologias, às vezes, muito bem disfarçadas por todo o aparato informático. Ou seja, é uma espécie de robotização uniformizadora crescente. O que se espera é que os melhores se destaquem, mas não por serem pessoais, originais, harmônicos, pacíficos, solidários, amorosos, e sim por serem os melhores reprodutores daquela competência instrumental e utilitária.*¹³

Não acredito que seja leviano afirmar que na sociedade moderna desenvolver a capacidade de pensar significa afinar o raciocínio para que ele permita que uma pessoa desempenhe com excelência tudo aquilo que seja útil para ela conquistar o alto padrão de vida que deseja. Até mesmo os sentimentos e emoções transformam-se em meios para alcançar essa conquista: ter inteligência emocional é ser capaz de lidar com as relações humanas a seu favor. É evidente o individualismo a que serve o exercício de pensar. Cultivamos um pensamento muito mais instrumental que crítico. Raciocinamos bastante, mas refletimos bem pouco.

Ao ignorar a reflexão, jogamos fora uma importante chance de enxergar a superficialidade que penetra cada vez mais fundo nas relações humanas e a inércia que a mantém. A educação formal coloca todo seu esforço para formar vestibulandos e profissionais super capacitados para exercer suas funções sem parecer se importar se eles saem de suas salas de aula igualmente super autoritários e arrogantes ou, mesmo os que se mantêm prestativos, se saem superficiais. Luiz Barco, preenchendo suas aulas com os ensinamentos afetuosos que a vida lhe presenteou, lembrava-nos em suas aulas:

"Somos preparados para ser grandes profissionais, mas não para amar nossas esposas, compreender nossos filhos, montar um mundo

¹³ ALVES, Rubem. Encantar o mundo pela palavra / Rubem Alves, Carlos Rodrigues Brandão. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

*generoso dentro de nossas próprias casas. Nós não estamos formando pessoas mais generosas, mas mais competitivas.*¹⁴

O desenvolvimento da qualidade humana é praticamente lançado à sorte. Sorte de sermos criados numa família generosa que se ama, sorte de vivermos alguma situação que nos desperte dúvidas sobre a vida que levamos, sorte de amarmos alguém que busca alternativas para resgatar seu humanismo, sorte de cruzarmos com algum professor que se importa em conversar com seus alunos sobre as deturpações de nossas vidas cotidianas, sorte de nascermos mais sensíveis, sorte de sermos tocados por algum filme, livro ou algo que nos abra novas perspectivas, sorte. De fato, percebo que as pessoas ao meu redor que considero mais humanas passaram em algum momento de suas vidas por uma sequência fortuita de algumas dessas e outras sortes que lhes despertaram o interesse por buscar formas mais plenas de vida, mesmo que intuitivamente. É como se o acaso se encarregasse de proporcionar a alguns a verdadeira educação, como ressalta Rubem Alves:

*"Há um tipo de educação que tem por objetivo produzir conhecimentos para interferir no mundo, que é a educação científica e técnica. Mas há uma educação - e é isso que chamo realmente de educação - cujo objetivo não é fazer nenhuma transformação no mundo, é transformar as pessoas."*¹⁵

No entanto, contar com a sorte é tão pouco quanto as iniciativas e projetos de escolas, universidades e organizações independentes sendo aplicados para tentar promover em seus alunos uma postura de maior reflexão capaz de formar seres mais humanos. A educação formal, que tem abrangência para transformar esse pouco em muito por atuar na formação de milhões de cidadãos, parece simplesmente ignorar o papel libertário que o ensino pode exercer. Tião Rocha compartilha da mesma preocupação:

¹⁴ BARCO, Luiz. Depoimento [29 set. 2008]. São Paulo. Universidade de São Paulo. Disciplina PSC5010, Humanismo e Criatividade nas Inovações Tecnológicas.

¹⁵ ALVES, Rubem. Encantar o mundo pela palavra / Rubem Alves, Carlos Rodrigues Brandão. Campinas, SP: Papirus, 2006.

"Eu aprendi em Moçambique que para educar uma criança é preciso de toda uma aldeia. Querer botar isso na conta da escola, que ela cuide da educação integral, de formar eticamente as pessoas, melhores cidadãos, pessoas de bem, generosas, com convivência pacífica, é complicado. Ela sozinha não dá conta. No entanto, ao mesmo tempo, ela não está aberta pra gente poder entrar e transformar a quantidade de aulas de matemática em aulas generosidade, cidadania e afeto entre as pessoas. Isso tem que mudar. A educação ainda não atingiu 10% da sua capacidade de formação. Para ela transformar o mundo, precisa se transformar. Eu fui professor, fui treinado para ser um professor acadêmico, formal, lousa... Eu fiz isso porque era um jeito de cumprir o ritual da academia. Passei por lá com louvor. Só que na prática a vida me mostrou o contrário: que aquilo funcionava muito pouco porque o processo de perda é muito maior do que o de ganho. A escola deveria cumprir bem a sua função social. Ela está atrelada com uma lógica econômica, mercantil, sempre com o foco no mercado de trabalho, na profissão... Se ela forma bem um profissional tecnicamente, cientificamente, ótimo. Mas isso é só um pedaço. Outra questão é falar que ela está produzindo gente educada. Esse é o problema. Nas minhas experiências com alunos de medicina, a gente chegava à seguinte conclusão: que 50% dos alunos quando saem da faculdade de medicina acham que são deuses; os outros 50% têm certeza. O que é importante de se perceber é isso."¹⁶

Chega a ser irônico constatar que passar pelas instituições formais de ensino para ser educado representa uma falta de educação, daquela libertária, verdadeira, que poderia abrir caminhos para nos libertarmos dos problemas levantados nos capítulos anteriores. Pelo contrário, a educação formal, atrelada às exigências do mercado, acaba contribuindo para mantê-los, exatamente como um óculos que usamos para melhorar nossa miopia, mas que acaba piorando-a ainda mais por estar com o grau errado.

¹⁶ ROCHA, Tião. Programa Roda Viva. São Paulo: TV Cultura, 10 dez. 2007. Entrevista concedida a Paulo Markun, Fernando Rossetti, Gilberto Nascimento, Renata Cafardo, Júlio Moreno, Uirá Machado, Mozart Neves Ramos.

CERTEZAS MAL EDUCADAS

Por que é tão agradável e interessante conversar com algumas pessoas e tão chato e irritante conversas com outras? O que transforma uma conversa em prazer ou irritação? O fenômeno sempre me instigou muito. É bem comum esbarrarmos com comentários como "ela é cabeça-dura", "ele não sabe conversar", "o santo não bateu", "a gente tem afinidade de ideias". No entanto, são tão reducionistas que só contribuem para encerrar a compreensão da dúvida.

Constantemente estamos às voltas com assuntos que exigem de nós alguma definição, desde os rumos de um projeto de peso no trabalho à escolha do que comer no jantar. Assim como resolvemos sozinhos muitas coisas, há muitas outras que necessitam de um conjunto de pessoas. Nesses momentos em que pares ou grupos precisam discutir para chegar a uma decisão, percebo que demonstramos um nítido despreparo para o diálogo. Mais do que uma percepção pessoal, não acredito que seja leviano afirmar que ele é um traço marcante da sociedade moderna. De fato, acredito que o diálogo ocorre pouco nas discussões e conversas, um desperdício alarmante considerando as ricas contribuições que pode proporcionar para o humanismo.

Entro em mais uma reunião de trabalho e não demora até que a discussão comece a gerar atritos e desconfortos. Nesses momentos, costumo redobrar minha atenção para observar melhor a dinâmica que as pessoas assumem entre si para gerar tanto desentendimento. Alguém começa a expor seu ponto de vista sobre o assunto em pauta e antes mesmo de terminar seu raciocínio outro já interrompe ao primeiro aparente sinal de discordância de opiniões. Pode ser que nem sejam

discordantes, mas só a suspeita já basta. Todos parecem ter já sentado à mesa com uma decisão pronta que irão defender impassíveis até o fim, de modo que ninguém se mostra muito disposto a escutar o outro. Quem escuta parece fazê-lo muito mais para verificar se a discussão está caminhando a seu favor do que para tentar genuinamente compreender a validade das outras opiniões, mesmo as contrárias à sua. Escutar demonstra uma passividade que não bate com o espírito competitivo e pró-ativo que o mercado valoriza, de modo que não é bom ficar calado. Há mesmo a sensação de que está bem quem está falando mais. A preocupação por estar bem se revela aos poucos. À medida que a reunião se desenrola, é possível observar que a disputa de rumos a se tomar foi sutil e inconscientemente transformada numa outra disputa: a de vaidades. Todos se revelam ávidos por conquistar o título de quem detém o maior domínio sobre o assunto em questão. A esse ponto, o diálogo já está totalmente comprometido e a discussão deturpada. Não se trata mais de ampliar a compreensão sobre o assunto a partir da relação entre os diferentes pontos de vista. Trata-se antes de sobrepor a sua opinião sobre as outras para criar uma aparente sensação de vitória, afinal, quem "vence" a discussão é agraciado com o título. Para provar ao grupo que sua análise é tão completa que será difícil alguém pensar em algo melhor, é preciso revesti-la de uma solidez inabalável. Daí se inicia um verdadeiro festival de imposição de certezas, cada um munido de uma porção delas para proteger e atacar num conflito mesquinho que simplesmente paralisa a discussão, pois ninguém está disposto a caminhar, todos estão plantados no chão, agarrados a suas certezas.

Por mais controversa que seja tal postura, entende-se que ela se mantenha porque há de fato um estímulo considerável: "vencer" discussões no trabalho pode lhe conferir certo ar de maior preparo capaz de melhorar sua imagem profissional a ponto de se converter em promoções dentro da empresa. No entanto, o que leva alguém a manter a mesma postura numa conversa despretensiosa entre amigos?

Percebo que as pessoas com quem não consigo conversar direito, que costumam transformar a conversa em algo chato e irritante, todas elas demonstram a mesma propensão a acreditar que suas opiniões são tão completas que encerram o assunto, como se depois delas só coubesse aos outros ou corroborá-las ou

buscar um novo assunto. Uso o termo propensão porque acredito que esse comportamento tem uma origem muito maior e mais preocupante do que a simples vaidade. Para se sentir capaz de chegar a tantas respostas definitivas sobre tantos assuntos diferentes, é preciso alimentar dentro de si um verdadeiro arsenal de certezas. É realmente impressionante como pessoas assim estão sempre muito certas do que estão falando. Mesmo quando conseguem admitir que talvez sua opinião tão completa possa quem sabe não ser tão sólida assim, não raro há algo no tom de suas vozes que denuncia tratar-se muito mais de uma questão de etiqueta para não soarem arrogantes do que humildade genuína. É como se o conhecimento humano fosse um arcabouço de conteúdos que contém respostas definitivas sobre quase todas as questões do mundo e só os mais inteligentes conseguem enxergá-las. Portanto, a inteligência de alguém está diretamente ligada à quantidade de respostas certas que carrega dentro de si. Não é praticamente essa a descrição de como somos avaliados na educação formal?

Acredito que nosso despreparo para o diálogo é um resultado acidental grave da formação que recebemos. Ela carrega consigo um viés no modo de se relacionar com o conhecimento que cria em nós um ímpeto à busca da resposta certa, reflexo condicionado que nos afasta do diálogo. E é justamente no solo das certezas que o ensino formal construiu suas escolas. Numa sala de aula, os alunos sentam em suas carteiras e recebem passivamente as certezas de seus professores. É quase um exercício de exaustiva memorização de respostas certas que devem ser entregues ao serem solicitadas nas provas bimestrais e semestrais. Não há conversa, não há questionamento, só certezas. Muitas delas vêm de elaborados raciocínios que exigem atenção e dedicação do aluno para serem compreendidas. O esforço mental que demandam reforça a sensação de que há realmente respostas definitivas para tudo que só a razão consegue alcançar. Construir um raciocínio rebuscado parece ser inclusive uma espécie de garantia de que estamos mais perto delas. No entanto, por mais sólido e bem estruturado que seja um pensamento, se ele é usado para encerrar o diálogo ao invés de promovê-lo, transforma-se numa ameaça para nós mesmos, como reforça Edgar Morin:

"O conhecimento é, pois, uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro. Entretanto, é nas certezas doutrinárias, dogmáticas e intolerantes que se encontram as piores ilusões; ao contrário, a consciência do caráter incerto do ato cognitivo constitui a oportunidade de chegar ao conhecimento pertinente, o que pede exames, verificações e convergência dos indícios. (...) Uma vez mais repetimos: o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas entre arquipélagos de certezas."¹⁷

Há algumas pessoas por quem alimento profunda admiração pela beleza como encaram a vida. Para mim, é muito claro que o conhecimento atua dentro delas a favor da dúvida, não da certeza, transformando-se em porta para reflexão ao invés de arcabouço de respostas. Cada passo de seu desenvolvimento intelectual promove novos questionamentos sobre a validade de suas relações com os outros e o mundo ao seu redor, numa constante revisão de si mesmas. Esse processo as leva a um estado de humildade que lhes permite reconhecer que a vida tem uma complexidade tão vasta que há tanto que simplesmente não entendemos que podemos estar cultivando equívocos mesmo no que acreditamos que seja certo. Trata-se do reconhecimento de Clarice Lispector que entender que não entendemos pode nos tornar mais plenos:

"Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É um bênção estranha, como ter loucura e não ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo."¹⁸

Minhas experiências como participante de grupos de diálogo promovidos pelo psico-terapeuta Arnaldo Bassoli me apontam com clareza que o diálogo nasce

¹⁷ MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez: UNESCO, 2002.

¹⁸ LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

exatamente quando as pessoas dispostas a discutir ou conversar assumem uma postura de humildade em relação ao grupo. Ao invés de impor, todos compartilham seus diferentes pontos de vista para que se alcance o máximo possível da complexidade do assunto abordado. Esse é o intuito inclusive quando alguém discorda da opinião do outro. Há um entendimento de que não é um ataque à pessoa, mas sim uma colaboração ao seu ponto de vista para que o movimento de contrapontos possa ampliar ao máximo as perspectivas que se abrem. Todos se mantêm atentos para substituir o ímpeto de julgar a opinião do outro pela curiosidade de compreendê-la. Escutar é ainda mais importante que falar, pois é preciso entender onde as opiniões se complementam ou divergem. Trata-se de um esforço colaborativo de relacionar pontos de vista e analisar a validade e pertinência de cada uma delas. Essas são bases fundamentais do diálogo, como reforça David Bohm¹⁹:

"No diálogo, não buscamos o convencimento e a persuasão, o objetivo não é ganhar discussões. Seu propósito é suspender as opiniões e observá-las - ouvir os pontos de vista de todos, suspendê-los e a seguir perceber o que tudo isso significa. Se pudermos perceber o que significam todas as nossas opiniões compartilharemos um conteúdo comum, mesmo se não concordarmos completamente. (...) Isso faz parte do pensamento coletivo - pessoas pensando juntas. Em algum momento, acabaremos por compartilhar nossas opiniões sem hostilidade, e então seremos capazes de pensar juntos. Por outro lado, se apenas defendemos opiniões, não o seremos."

Definitivamente, é muito mais do que a mera aglutinação de opiniões uniformizadas por alguém que se deu ao trabalho de costurá-las, como costuma ocorrer com os textos coletivos produzidos nas plataformas digitais de ensino a distância. O diálogo favorece o alcance da complexidade, fundamental para lidarmos com as questões da nossa "era planetária" como ressalta Edgar Morin:

"Há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu

¹⁹ BOHM, David. Diálogo: comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.

*contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios da nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade*²⁰

Além da complexidade exterior, das questões do planeta, há ainda outra que o diálogo acessa: a interior, das próprias pessoas. Quando a ansiedade de falar e a vaidade de sentir-se ouvido são substituídas pela serenidade da escuta é possível manter um estado de observação de si mesmo. Todos se investigam sempre que uma opinião os incomoda ou agrada para tentarem compreender quais são os pressupostos que cada um carrega dentro de si e que os fazem sentir tais reações de incômodo ou agrado. Trata-se de um esforço de reconhecer os filtros, preconceitos, tudo aquilo que carregamos dentro de nós, nossas luzes e sombras que nos fazem ser o que somos. O mesmo processo aplica-se também no olhar sobre o outro: escutar com atenção a fala de alguém para conseguir encontrar quais são os pressupostos dos quais ela parte para dizer aquilo, numa busca que pode ser inclusive participativa, em que os dois lados buscam compreender melhor um ao outro, deixando de lado julgamentos e irritações. Voltando novamente a David Bohm:

*"Isso é parte do que considero diálogo: as pessoas se dão conta do que está nas mentes umas das outras, sem chegar a quaisquer conclusões ou julgamentos. Os pressupostos emergirão. Se você ouvir alguém cujos pressupostos lhe parecem ofensivos, sua resposta natural poderia ser ficar irritado, ou excitado ou algo assim. Mas veja-se suspendendo esses sentimentos. Foi só porque seu interlocutor surgiu com o pressuposto contrário que você descobriu o que tinha. Pode descobrir outras pressuposições e todos as suspenderão, as observarão e verão o que elas significam."*²¹

Esse movimento contribui para que ambos livressem-se de julgamentos reducionistas, como "ela é chata", "ele é sem noção", e reconheçam a complexidade de cada um, resgatando uma tolerância e respeito que tornam as

²⁰ MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez: UNESCO, 2002.

²¹ BOHM, David. Diálogo: comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.

relações mais humanas. Lucilene Cury revela preocupação semelhante ao indicar que é preciso nos libertarmos de nossas "paradigmatologias" para propiciar a comunicação:

"Outra dificuldade a ser superada é a não comunicação entre as idéias, teorias e visões de mundo entre indivíduos e culturas. Há grande dificuldade entre as teorias para se comunicarem entre si, não há compreensão de argumentos adversos, porque cada pensador está tão fechado em sua própria paradigmatologia que é incapaz de "traduzir" corretamente a idéia do outro. É preciso estar atento ao seguinte: são as estruturas de pensamento que devem se comunicar e não apenas a informação, pois é necessário compreender o modo de estruturação de outros tipos de pensamento que não o próprio."²²

Diálogo, reflexão, humildade, auto-conhecimento e complexidade podem ser alcançados quando paramos de cultivar certezas e respostas definitivas, quando o conhecimento deixa de explicar e passa a gerar desconfiança. Daí a genialidade da fala de Riobaldo em Grande Sertão, Veredas, *"Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa."*, e a grande lucidez de Luiz Barco ao afirmar em uma de suas aulas que se considera mais provocador que professor. No entanto, a educação formal nos ensina a responder, não a perguntar. Estudamos para nos encher de certezas, não de dúvidas. Com esse tipo de formação e a evolução absurda da tecnologia chegaremos ao dia em que a sátira de "O Guia do Mochileiro das Galáxias" deixará de ser mera ficção para se tornar realidade:

*"- Então há mesmo uma resposta? - exclamou Phouchg.
- Há mesmo uma resposta - confirmou Pensador Profundo.
- A resposta final? À grande Questão da Vida, do Universo e Tudo o Mais?
- Sim.
(...) - Diga logo!
- Está bem. - disse o computador - A Resposta à Grande Questão...
- Sim...!
- Da Vida, o Universo e Tudo o Mais..."*

²² CURY, Lucilene. A nova racionalidade sob um olhar amoroso. In: Cremilda Medina - Milton Greco (org.). Caminhos do saber plural - dez anos de trajetória. São Paulo: 1999.

- *Sim!*
- *É... - e fez uma pausa.*
- *Sim!*
- *É...*
- *Sim!!!*
- *Quarenta dois - disse Pensador Profundo -, com uma majestade e uma tranqüilidade infinitas. (...)*
- *Quarenta e dois! - berrou Loonquawl - É tudo que você tem a nos dizer depois de sete milhões e quinhentos mil anos de trabalho?*
- *Eu verifiquei cuidadosamente - disse o computador -, e não há dúvida de que a resposta é essa. Para ser franco, acho que o problema é que vocês jamais souberam qual é a pergunta.*²³

²³ ADAMS, Douglas. O Guia do Mochileiro das Galáxias. São Paulo: Sextante, 2004.

ENCANTADORAMENTE INÚTIL

Há um tempo, estive num casamento. O evento sorriu vibrante como costuma ser, mas lembro-me sempre de outra beleza quando alguém menciona aquela noite. Havia um casal de irmãos, duas crianças brincando de adultos com o divertido acréscimo inusitado de anos que lhe emprestavam o terno e vestido. Eram filhos da noiva que estava prestes a se casar novamente. Durante a cerimônia, algum pensamento maldoso deve ter soprado no ouvido da menina, pois seus olhos desataram um choro farto e triste de uma tristeza profunda, como se estivesse prestes a perder a própria mãe. A tia mais próxima se abaixou e conversou para tentar entender o que nem mesmo a menina deveria entender. Beijou então um bocado de beijos automáticos para cessar seu choro, mas de nada adiantou. O coração da menina parecia sentir a hipocrisia dos beijos. Eis que seu irmão se aproximou, parou ao seu lado, envolveu-a com o braço esquerdo e lá ficou, contente, sorrindo à sua mãe que ali se entregava a um novo amor. Não disse nada e no conforto de seu silêncio feliz, a irmã foi aos poucos sendo invadida por pensamentos mais alegres que a sorriram novamente. Esse delicado momento foi a cerimônia de amor mais linda do casamento para mim. Ele sugere algo que Adélia Prado já compreendeu e tratou de traduzir com toda a beleza de sua poesia:

*"Minha mãe achava estudo
A coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,*

*Ela falou comigo: 'Coitado, até essa hora no serviço pesado'.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.²⁴*

Permanecer abraçado à irmã em silêncio, arrumar pão e café para o pai cansado são sutilezas que só mesmo a sensibilidade consegue alcançar. Certamente há um tipo de educação capaz de formar pessoas sensíveis. No entanto, definitivamente não se trata da nossa educação formal. Escolas e faculdades orientam a formação de seus alunos para as cobranças do mercado de trabalho. Há uma série de atributos que se espera de um profissional, desde seu conhecimento técnico a perfis psicológicos traçados pelos departamentos de RH. Alguns são bem conhecidos, como domínio de línguas, outros são tão chavões que já viraram chacota, como "pró-atividade". No fundo, os atributos que realmente importam são os que fazem a empresa lucrar e não acredito que seja leviano admitir que eles giram invariavelmente em torno da capacidade de raciocínio. Mas não raciocinar para refletir sobre a vida que levamos. Trata-se antes de raciocinar para descobrir como atingir os melhores resultados financeiros: usar nosso conhecimento instrumental, identificar os processos mais produtivos, relacionar-se com pessoas mais influentes, enxergar oportunidades, minimizar ameaças...

Quem consegue concluir uma graduação passou por ao menos duas décadas desenvolvendo a razão, não a sensibilidade. Na escola, aprendemos a raciocinar para dar conta dos conteúdos exigidos nos vestibulares. Na faculdade, continuamos aprimorando nossa capacidade de raciocínio para lidar com os conteúdos instrumentais necessários à profissão que escolhemos. No emprego, ampliamos nosso raciocínio para operar o mundo ao nosso redor a favor das metas que cada funcionário deve bater. Fecha-se então o ciclo para a instauração de um verdadeiro império da racionalidade pragmática, que implica numa forma específica de encarar a vida: por meio dela, tudo recebe uma função, uma utilidade.

Dar funções às coisas não constitui por si só mal algum, e é mesmo natural do homem que assim proceda. No entanto, é inegável que na sociedade moderna

²⁴ PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 2010.

busca-se ao limite a funcionalidade prática, excesso que traz um resultado desastroso: *ao invés de nos relacionarmos com as pessoas e as coisas ao nosso redor, nos relacionamos com a função delas*. Simplesmente deixamos de enxergar quem existe por trás do papel que exerce, gerando uma impessoalidade tamanha que parecemos mais autômatos com algumas funcionalidades que seres humanos. No universo inanimado, é definitivamente muito claro que as coisas não passam de ferramentas com utilidades específicas, algumas inclusive iguais às dos homens. A função assume um caráter identitário. De fato, nossas profissões parecem ser tão relevantes para dizer quem somos que é uma das primeiras coisas que se costuma perguntar ao conhecer alguém. Tudo tem um sentido dado por sua utilidade e isso parece satisfazer muito bem as pessoas. Chega a soar mesmo desnecessário pensar em novos sentidos para as coisas, a não ser, claro, que eles sejam úteis. No entanto, o viés funcional com que enxergamos o mundo produz um notável estreitamento em nosso olhar, afinal, conseguimos ver o que as coisas são, mas não o que podem ser, como ressalta Manoel de Barros:

*"Se a gente jogar uma pedra no vento
Ele nem olha para trás.
Se a gente atacar o vento com enxada
Ele nem sai sangue da bunda.
Ele não dói nada.
Vento não tem tripa.
Se a gente enfiar uma faca no vento
Ele nem faz uí.
A gente estudou no Colégio que vento
é o ar em movimento.
E que o ar em movimento é vento.
Eu quis uma vez implantar um costela
no vento.
A costela não parava nem.
Hoje eu tasquei uma pedra no organismo
do vento.
Depois me ensinaram que vento não tem
organismo.
Fiquei estudado."²⁵*

²⁵ BARROS, Manoel de. Poemas rupestres. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Manoel de Barros recorda-nos que as coisas nascem para ser, indefinidamente, e que não há nada mais triste do que algo preso no que é. Ele extravasa os sentidos que lhes encerram, "perde a inteligência das coisas para vê-las", trazendo novos olhares para o mundo: o chão pare a árvore, a lesma atravessa o dia primeiro que o sol, tão lento que as águas criam cabelo até ele se por, tão devagar que as pessoas sempre pensam que hoje ainda é ontem, o poste inclinado quer deitar-se no chão para descansar, o poste abandonado é adotado pela natureza como árvore, o avô cai da escada como um armário e é o armário que quebra três pernas, o jacaré tomando sol bebe um copo de luz, quando urra, quebra o silêncio do lugar deixando cacos espalhados pelo chão, o silêncio do homem de lata escorre pela sua boca cortada, a garça pousa na solidão de uma pedra, pedras negociam com as aves, o mato toma conta do abandono, o lagarto lambe o azul do silêncio, palavras descem com a chuva, o homem anoitecido quer amanhecer. A observação sensível da natureza do Pantanal lhe permitiu ficar "ensinado de terra", libertando seu olhar dos filtros da educação formal:

*"Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave
O menino pegou um olhar de pássaro -
Contraíu visão fontana.
Por forma que ele enxergava as coisas
por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra.
E tal.
As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era
só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua."²⁶*

²⁶ BARROS, Manoel de. Poemas rupestres. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A inegável beleza de como Manoel de Barros enxerga o mundo traz consigo uma constatação preciosa: *libertar-se do ímpeto de enxergar somente a utilidade das coisas abre portas para nos relacionarmos com a beleza delas*. A poesia é bela justamente porque não tem nenhum compromisso com a utilidade, pelo contrário, ela é inútil, como saliente Ferreira Gullar:

"O poeta, digamos, é avassalado pelo cheiro de um jasmineiro na noite e, por não pretender explicar nada, mas apenas expressar aquele acontecimento extraordinário na história do homem (porque assim é para ele), tenta transformar em verbo o vívido, para que os demais homens o conheçam e o vivam na leitura. Pouco importa o que seja o cheiro do jasmim segundo a ciência, pouco importa o que já disseram sobre o jasmim outras pessoas ou ele mesmo: o poeta começa do zero, e não porque assim o deseje, mas porque a vida lhe impõe. (...) E porque começa sempre do zero, a poesia, que não evolui, acrescenta à experiência humana um outro tipo de conhecimento, que não explica os enigmas da existência nem revoluciona a tecnologia; um conhecimento que não serve para nada, a não ser reafirmar o nosso espanto e a nossa frágil humanidade."²⁷

Enxergar a beleza tem implicações muito maiores do que um simples capricho estético ou exercício de imaginação. Ela é fundamental para regenerarmos nossa capacidade perdida de nos encantarmos com o mundo. O encanto é a surpresa de perceber que existe algo por trás da coisa vista, é o arrebatamento de vislumbrar grandiosidade em algo tão sutil que passa mesmo despercebido, é relacionar-se com um terceiro simbólico por meio do outro, material, como Adélia Prado:

*"Um trem de ferro é uma coisa mecânica,
mas atravessa a noite, a madrugada, o dia,
atravessou minha vida,
virou só sentimento."²⁸*

²⁷ GULLAR, Ferreira. In: Vários autores. Boa companhia: poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

²⁸ PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 2010.

É descobrir um universo único e fascinante dentro de cada pessoa, como Liniers revela em sua série "gente que anda por aí"²⁹:



²⁹ LINIERS. Macanudo. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2008.

Encanto é observar o exercício de fazer poesia e chegar a Deus, como Mário Quintana:

*"Repara como o poeta humaniza as coisas: dá hesitações às folhas, anseio ao vento. Talvez seja assim que Deus dá alma aos homens."*³⁰

É olhar para uma ostra, seu interior negro com uma pérola brilhante, e enxergar um céu de noite com lua cheia, como Manoel de Barros:

*"O osso da ostra
A noite da ostra
Eis um material de poesia"*³¹

É deparar-se com uma amiga querida prestes a morrer e ver através dela a vida, sentir o sol e por meio dele a própria angústia, como o personagem de João Anzanello Carrascoza:

*"O sol descia lentamente dos edifícios, aqui e ali recortados pela luz das janelas, e seus raios se espalhavam sangrentos pelo horizonte, e eu não conseguir ver Dora como uma criatura turva; ela era barro, sim, igual a todos nós, mas a bondade a cozinhou a altas temperaturas, e lhe deu a transparência dos vidros, pela qual eu podia ver os mecanismos da vida funcionando em desordem dentro dela. (...) Dora vazando vida."*³²

É encontrar numa cebola um hall de catedral gótica, rosas, água e cristal, como relata Rubem Alves:

"Uma vez, na época em que eu atendia como psicanalista, um paciente me disse: "Gosto muito de fazer comida para meus amigos. Vou para a cozinha, preparo um bolo e adoro fazer isso. Mas, alguns dias atrás, aconteceu uma coisa. Fui cortar uma cebola - e já cortei centenas de cebolas antes -, e na hora em que cortei a cebola e olhei para ela,

³⁰ QUINTANA, Mário. Caderno H. São Paulo: Globo, 2006.

³¹ BARROS, Manoel de. Matéria de poesia. Rio de Janeiro: Record, 2007.

³² CARRASCOZA, João Anzanello. O volume do silêncio: João Anzanello Carrascoza. Seleção e posfácio: Nelson de Oliveira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

percebi que nunca tinha visto uma cebola. Aqueles anéis concêntricos, lindos, e a luz incidindo naqueles anéis perfeitos. E tive a impressão de que estava vendo o hall de uma catedral gótica. Acho que estou ficando louca". Nesse momento, fui até a estante e peguei um livro de Pablo Neruda, Odes Elementares, e li um poema: "Ode à cebola". (...) Olha o que Neruda fala da cebola: "Rosas de água com escamas de cristal". As cebolas, daqui pra frente, não serão mais as mesmas. Esse é um dos poderes da poesia. Ela abre nossos olhos."³³

Trata-se de um exercício do olhar que nos permite encarar qualquer coisa como um através. É a partir daí que conseguimos encontrar sentidos mais profundos nas relações que estabelecemos com o mundo ao nosso redor. É assim que consigo enxergar o Eichmann por trás do funcionário do estacionamento e tantas outras constatações que constituem este mestrado. A inutilidade da poesia permite regenerar nossa capacidade de ver o mundo com mais plenitude, o que a torna encantadoramente inútil. Apreço do qual Edgar Morin também compartilha:

"O ocaso do século XX deixou como herança contracorrentes geradoras. Freqüentemente, na história, contracorrentes suscitadas em reação às correntes dominantes podem-se desenvolver e mudar o curso dos acontecimentos. Devemos considerar: (...) a contracorrente de resistência à vida prosaica puramente utilitária, que se manifesta pela busca da vida poética."³⁴

Quando mais se amplia a visão, mais aspectos que constituem a sociedade se revelam a nossos olhos, num movimento que nos permite pouco a pouco compreendê-la melhor. A partir da compreensão do que é próprio da sociedade, abrimos caminho para descobrir o que então é próprio de cada um de nós, permitindo-nos distinguir um pouco melhor os papéis sociais que exercemos daquilo que realmente somos em nossa essência. Esse processo de ampliação da consciência nos faz renascer paulatinamente em direção ao eu que nascemos para ser, como explica Amnérís Maroni sobre o conceito de individuação de Jung:

³³ ALVES, Rubem. Encantar o mundo pela palavra / Rubem Alves, Carlos Rodrigues Brandão. Campinas, SP: Papirus, 2006.

³⁴ MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez: UNESCO, 2002.

"Não há individuação sem que a cultura de determinado período se torne consciente. Individuar-se, diferenciar-se da cultura em que estamos inseridos e da qual somos, até certo ponto, o produto significa tornar consciente a imagem do mundo e de si mesmo, saber o que o mundo é e o que eu sou. (...) Compreende-se assim que na sociedade moderna há um profundo abismo entre o que se é como indivíduo, e o que se é como um ser coletivo. A função no indivíduo é desenvolvida à custa de sua individualidade. No plano coletivo, o indivíduo pode atingir o máximo identificando-se com sua função coletiva e, ainda assim, como individualidade, ser um bárbaro."³⁵

Diante de tamanha contribuição da poesia, é alarmante que seu ensino na educação formal seja tão tímido e ainda limitado à identificação de estilos e métricas poéticas que só contribuem para diminuir o interesse dos alunos. Eu mesmo só comecei a apreciar a poesia depois de concluir a graduação pela sorte de amar alguém que a ama. Mário Quintana reforça que todos deveriam não só ler poesia como fazer seus próprios versos:

"A poesia é necessária. Título de uma antiga seção do velho Braga na Manchete. Pois eu vou mais longe ainda do que ele. Eu acho que todos deveriam fazer versos. Ainda que saiam maus, não tem importância. É preferível, para a alma humana, fazer maus versos a não fazer nenhum. O exercício da arte poética representaria, no caso, como que um esforço de autosuperação. É fato consabido que esse refinamento do estilo acaba trazendo necessariamente o refinamento da alma. Sim, todos devem fazer versos. Contanto que não venham mostrar-me."³⁶

Irônico é pensar que já tínhamos essa incrível capacidade de se encantar quando éramos crianças, como lembra Rubem Alves:

"As crianças vêem. Elas se encantam com o mundo. Quando minha neta tinha um ano de idade, a mãe dela fez uma festa de aniversário, com bexiga colorida, decoração e tudo mais. No meio da festa, a menina sumiu e, quando a encontramos, estava no gramado, encharcada, com

³⁵ MARONI, Amnérís Ângela. E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

³⁶ QUINTANA, Mário. Caderno H. São Paulo: Globo, 2006.

*o vestido novo molhado. Ela segurava nas mãos uma coisa mil vezes mais interessante do que a festa: uma minhoca. Ela estava absolutamente encantada.*³⁷

A perda desse olhar infantil comprova que nossos olhos são ajustados por uma série de filtros sociais, reforçados inclusive por nossa educação formal, que não necessariamente funcionam a favor do homem. Deixar de ver beleza no mundo é o que faz Adélia Prado chegar mesmo a considerar uma doença ser gente grande:

*"Meu Deus,
me dá cinco anos.
Me dá um pé de fedegoso com formiga preta,
me dá um Natal e sua véspera,
o ressoar das pessoas no quartinho.
Me dá a negrinha Fia pra eu brincar,
me dá uma noite pra eu dormir com minha mãe.
Me dá minha mãe, alegria sã e medo remediável,
me dá a mão, me cura de ser grande,
ó meu Deus, meu pai,
meu pai."*³⁸

Depois de um bom tempo encantando-me com o mundo pelos olhos dos poetas que admiro, percebo que comecei a desenvolver uma relação mais contemplativa com as coisas ao meu redor, não só com o mundo físico, como o universo etéreo das ideias. As que me fazem mais sentido são aquelas que me encantam, não necessariamente as que têm o raciocínio mais sólido e bem estruturado. Luiz Felipe Pondé demonstra a mesma tendência ao afirmar que simpatiza com o darwinismo simplesmente porque sua beleza o comove:

"Sim, simpatizo com o darwinismo. Mas nem por isso sou ateu. (...) O darwinismo me comove, assim como Shakespeare. (...) Prefiro a idéia de comportamento como destino, maldição. Mas minha relação com o darwinismo sempre foi mais estética do que um mero convencimento racional. O que primeiro me cativou no darwinismo foi a descrição da

³⁷ ALVES, Rubem. Encantar o mundo pela palavra / Rubem Alves, Carlos Rodrigues Brandão. Campinas, SP: Papirus, 2006.

³⁸ PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 2010.

*origem do ser humano como uma saga contra um meio ambiente terrível e contra os horrores de nossa própria "alma" pré-humana. A solidão dos nossos ancestrais combatendo os elementos externos e internos me parece uma ode à beleza humana, arrancada da indiferença das pedras.*³⁹

Essa postura contemplativa da vida traz uma importante implicação. O exercício que a poesia permite de olhar as coisas como um através, de procurar o que existe por trás delas, me faz reparar melhor naquilo que a vida traz para mim. O carro à minha frente para no meio da rua de pista única para que a motorista cumprimente a amiga que acabou de ver na calçada. No instante em que a cena ocorre à minha frente, a única coisa que penso é "Que folgada!" e fico prestes a manifestar toda minha indignação pela buzina. No entanto, como que num desdobramento de mim mesmo, olho para o eu que se indigna e penso que se ela está feliz de encontrar a amiga e essa parada irá trazer um momento de felicidade para ambas, por que não contribuir para a alegria delas? Por que impedi-las de se cumprimentarem? Só porque quero chegar alguns segundos mais cedo no meu destino? E no final das contas, não irá todo mundo ficar parado no próximo farol de qualquer jeito? Mas pode ser que eu esteja contribuindo para reforçar uma falta de bom-senso da garota ao me omitir da reclamação. Mas como saber, se ela não tinha onde mais parar? E se ela tem um ótimo bom-senso, mas um carinho por sua amiga maior ainda? Mas então vale colocar as amizades acima do respeito aos outros? E quando chego a essa pergunta, já estou a quilômetros de onde tudo começou.

Seja pelo acaso ou por uma ordem insondável do universo, a vida cruzou nossos caminhos, o meu e o da garota, e desse encontro surgiu algo, ao qual eu poderia ter respondido com uma boa buzina reagindo mecanicamente ou instintivamente como costumamos fazer com a maioria absoluta dos acontecimentos banais da nossa vida cotidiana. No entanto, parei para contemplar o evento, buscar o que existe por atrás dele, ver através, conversar com aquilo que a vida trouxe para mim. Acredito que essa relação de diálogo com a vida é o começo fundamental para repensarmos nosso jeito de viver. Tenho plena consciência de que foi exatamente dessa postura que surgiu este mestrado, há muitos anos, quando um

³⁹ PONDÉ, Luiz Felipe. Os olhos do macaco. Folha de São Paulo, pág. E11, 24/mai, 2010.

dia comecei a conversar com a vida ao invés de simplesmente conquistá-la, como somos todos instruídos a agir.

É nítido que a sociedade moderna transformou a vida em elemento de conquista. Essa é uma das noções mais fortes do universo corporativo, que exerce influência expressiva nas pessoas que nele estão imersas. Participei certa vez de um projeto com uma série de profissionais de áreas e cargos diversos do banco Itaú, desde diretores a estagiários. O que me faz recordar dele, no entanto, não é o trabalho realizado, que sinceramente já não me lembro direito, mas sim o dia de apresentação dos participantes. Dentre outros atributos, cada um deveria citar um filme que marcou sua vida e explicar os motivos da escolha. Como estou sempre atento a uma boa dica de filme para ver, prestei bastante atenção a essa parte e, ao final de todas as apresentações, fiquei realmente impressionado com a quantidade considerável de pessoas que escolheram seus filmes por conta da admiração que tinham pela determinação e astúcia demonstrada pelo protagonista para conquistar a vida ou até mesmo o império que desejava. Concordo que pode ter sido mera coincidência. No entanto, antes de um fato isolado que se restringe somente a certos funcionários de um único banco, não acredito ser exagerado intuir que se trata da manifestação de um traço marcante do próprio universo corporativo. De fato, quando se ouve sobre caminhos para o "sucesso" profissional, desde entrevistas com *headhunters* e *CEOs* a publicações de auto-ajuda, é bem comum deparar-se com discursos que reforçam a noção de que cabe a você conquistar a vida que deseja.

O homem é o dono de seu próprio destino: basta usar a raciocínio para traçar as metas, identificar os meios e alcançar seus objetivos. Lembro-me de uma história que ilustra bem essa noção. A chefe de uma amiga estava satisfeita por ter alcançado quase tudo o que queria: cargo almejado na empresa, estabilidade financeira, alto padrão de vida, boa renda para usufruir da sofisticação que o mundo moderno é capaz de oferecer. Faltava uma única coisa: o amor. Solução simples. Traçou uma meta: deveria estar namorando até tal data e conseguiu cumprir a "tarefa" antes mesmo do seu prazo de entrega tamanha era a sua eficiência. Gosto dessa história porque ela revela a supremacia absoluta que o homem parece sentir sobre a vida. É evidente que na sociedade moderna a vida está aí para ser conquistada, não para conversarmos com ela. As coisas do

mundo estão aí para serem usadas a nosso favor, não para contemplarmos sua beleza. Criança que se encanta com minhoca tem que ir logo para escola aprender a pensar grande.

DISCIPLINAS DO OLHAR

Entrei na sala, sentei numa cadeira, puxei o pedaço de mesa que ela oferecia, coloquei sobre ele meus pedaços aleatórios de sulfite, minha caneta qualquer e a expectativa ansiosa de como seria o curso que se propunha a analisar como pensadores de diversas áreas enxergavam a religião. Logo chegou a professora, Marília Fiorillo, acompanhada literalmente de seus vários óculos, quase uma simpática indicação do que estava por vir, afinal, nós também iríamos olhar por lentes variadas: Deus pelos olhos do biólogo neodarwinista Richard Dawkins, pela psicanálise de Freud, pelo antropólogo e neurocientista Pascal Boyer, pelo filósofo iluminista David Hume, e pelo sociólogo Max Weber. A atmosfera de diálogo estabelecida entre a professora e nós alunos me passou a verdadeira sensação durante o semestre de que tais pensadores eram como convidados especiais que se sentavam conosco à mesa a cada aula para conversarmos sobre as relações entre religião e seleção natural das espécies, neurose obsessiva, comportamento da mente, ceticismo, ética dos protestantes. E depois ainda montamos uma grande mesa redonda para ouvi-los debater sobre o tema escutando suas consonâncias e divergências, do estilo ao conteúdo. Foi como a metáfora deste trecho do poema "Junho, 1968" de Jorge Luis Borges. Reorganizar os livros na estante, não pela arrumação em si, mas para colocar diferentes autores para conversar:

*"o homem dispõe os livros
nas estantes que aguardam
e sente o pergaminho, o couro, o pano
e o prazer que lhe dão a previsão de um hábito
e o estabelecimento de uma ordem.
Stevenson e outro escocês, Andrew Lang,*

*retomarão aqui, magicamente,
a lenta discussão que interromperam
os mares e a morte a Reyes de certo não irá desagradar
a vizinhança de Virgílio.*⁴⁰

As plantas do nosso jardim transcendental se beneficiaram tanto com o adubo de quem deixou deus apodrecer na terra quanto com a luz de quem manteve Deus brilhando no céu. Conversando sobre religião, acabei aprendendo sobre biologia, psicologia, antropologia, neurociência, filosofia e sociologia. Por terem se ligado a um tema que faz parte de minha vida, como a religião deve ser para muitos, tais conhecimentos continuam se relacionando dentro de mim até hoje com outros conteúdos. Deparo-me ligando espontaneamente os memes de Dawkins com a filosofia de Hegel, a neurose de Freud com as leis de trânsito, a neurociência de Pascal Boyer com a semiótica, e imagino que outras relações ainda estão por vir. Carlos Rodrigues Brandão relata experiência muito semelhante que proporcionou a seus alunos:

*"Para você ter uma idéia, no semestre passado, em plena pós-graduação de Geografia na Universidade Federal de Uberlândia, propus um curso sobre Guimarães Rosa. Um curso inteiro de leituras dele e sobre ele. Um curso que terminou com uma "Jornada Guimarães Rosa", envolvendo biólogos, geógrafos, poetas, dançarinas (terminou com um grupo de dança e teatro) e com um excursão a Cordisburgo, terra natal de João Guimarães Rosa, e ao Andrequicé, onde vive Manuelzão, personagem de uma novela dele. Fomos terminar o curso lá no sertão, um julho.*⁴¹

Pude viver uma experiência educacional sem disciplinas, sem barreiras, sem cortes e limites, sem humanas, exatas e biológicas, apenas o conhecimento que flui e deságua onde é chamado, que se liga de múltiplas maneiras construindo perspectivas novas e inusitadas que podem nos indicar caminhos mais pertinentes. A complexidade do mundo é tão vasta que todo conhecimento se liga de alguma forma, então por que não chegar a ele a partir de um tema instigante

⁴⁰ BORGES, Jorge Luis. Poesia - Jorge Luis Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁴¹ ALVES, Rubem. Encantar o mundo pela palavra / Rubem Alves, Carlos Rodrigues Brandão. Campinas, SP: Papirus, 2006.

que faz parte de nossas vidas? É o que Luiz Barco chama de "ideias-mãe". As disciplinas se transformam em jeitos de ver o mundo, lentes, óculos, disciplinas do olhar, não pacotes de conteúdos instrumentais para vencer os outros no vestibular e no mercado de trabalho. É exatamente assim que Barco nos apresentou a matemática em seu curso⁴²: por meio dela assistimos a uma peça de teatro, vimos o granizo cair do céu, pousamos aeronaves, escrevemos frases engraçadas, falamos sobre o infinito, lemos livros infantis, enxergamos a fala. Não sabia mais quem era a metáfora de quem: se a palavra do número, ou se o 2º do 1º. Não estudamos uma disciplina, olhamos para a vida a partir dela, diferença sutil que resgatou a beleza da matemática.

Certamente seria muito mais proveitoso para professores e alunos se ao invés de assimilarem disciplinas pudessem simplesmente conversar sobre aspectos de suas vidas trazendo para a conversa a matemática, a biologia, a poesia, a física, a química, a filosofia, a psicologia, a educação física, a meditação, a literatura... Colocar diferentes pontos de vista para pensar um tema em comum constitui uma reforma do jeito de ensinar que certamente colabora para gerar a reforma do pensamento rumo à complexidade de Edgar Morin:

*"É evidente que a reforma de pensamento precisaria de uma reforma do ensino tal como este necessitaria da reforma de pensamento. É evidente que a democratização do direito de pensar precisaria de uma revolução paradigmática que permitisse a um pensamento complexo reorganizar o saber e ligar os conhecimentos hoje fechados nas disciplinas. Uma vez mais, constatamos a inseparabilidade dos problemas, o seu caráter circular ou em espiral, cada um dependendo dos outros, o que torna a reforma de pensamento tanto mais difícil e, ao mesmo tempo, tanto mais necessária, pois só um pensamento complexo poderia considerar e tratar essa circularidade interdependente."*⁴³

⁴² Disciplina de pós-graduação Humanismo e Criatividade nas Inovações Tecnológicas ministrada pelo professor Luiz Barco no segundo semestre de 2008 na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

⁴³ MORIN, Edgar. Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: EdufRN, 1999.

Há ainda outras valiosas implicações da religação de saberes por "ideias-mãe", como resgatar discussões importantes demais para serem deixadas de lado. Chega a ser quase um absurdo constatar que assuntos tão fundamentais para o ser humano como amor, paixão, sexo, são simplesmente ignorados pela educação formal. É ao mesmo tempo irônico e hipócrita, já que é nas próprias escolas e faculdades que surgem tantos amores e paixões que levam naturalmente a relações sexuais. A união de olhares das mais diversas disciplinas sobre os assuntos poderia ampliar as perspectivas dos alunos contribuindo para que refletissem sobre seus próprios relacionamentos. A omissão contribui para o surgimento de mais casos deturpados, como jovens em pleno vigor físico comprando pílulas para ereção, pois aprenderam com os filmes pornôis e a herança do machismo que sexo se resume a penetração. Certamente o ensino poderia exercer importante papel para as pessoas encararem com mais plenitude amor, paixão, sexo e outros temas cuja reflexão foi lançada à sorte. Trata-se de um resgate da vida do aluno no currículo escolar que Morin chama de adequação aos objetos naturais e culturais:

"As disciplinas deveriam, por outro lado, apresentar uma adequação a objetos que sejam a um só tempo naturais e culturais, como o mundo, a Terra, a vida, a humanidade. Esses objetos desapareceram do ensino, eles encontram-se retalhados e dissolvidos não somente pelas disciplinas físicas e químicas, mas também pelas biológicas (posto que as disciplinas biológicas tratam de moléculas, genes, comportamentos etc. e rejeitam a própria noção de vida, considerada como inútil); da mesma forma, as ciências humanas retalharam e ocultaram o humano enquanto tal. (...) Com os objetos naturais nós reencontramos as grandes perguntas que por todo o tempo agitaram a consciência humana e que todo adolescente faz a si mesmo. (...) Enquanto fragmentado, o saber não oferece nem sentido, nem interesse, ao passo que, respondendo às interrogações e curiosidades, ele interessa e assume um sentido."⁴⁴

⁴⁴ MORIN, Edgar. A religação dos saberes. O desafio do século XXI. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Além de trazer o cotidiano para dentro da sala de aula, encarar disciplinas como lentes de olhar para o mundo é uma possibilidade preciosa de transformar experiências afetivas da vida particular de cada um em porta para a reflexão, que certamente poderia auxiliá-las a viver mais profundamente tais momentos. Imagino quantas experiências afetivas valiosas são ignoradas todos os dias pela educação formal, misturando-se ao pó do giz as cinzas das possibilidades desperdiçadas de conversar com o coração do aluno, fonte inesgotável de calor para as caldeiras da aprendizagem.

Minha ex-namorada tem uma memória melada. Suas experiências se grudam de tal modo nela que lembranças da infância se mantêm tão vivas quanto o presente. Ela se recorda ainda hoje do dia em que sua amiga canina Jolie morreu. Imagine o alvoroço que se passa dentro de uma criança ao experimentar pela primeira vez a morte de alguém amado. É como uma explosão por dentro. Tudo que explode gera energia e tudo que acontece debaixo da pele entra no domínio do coração. A morte da Jolie poderia ter sido o começo de uma jornada pelo conhecimento ao qual certamente minha ex-namorada se lançaria com toda sua energia e amor, passando pelo que pudesse contribuir para viver da melhor maneira possível aquele momento: a biologia, a religião, a poesia, a compaixão, a geografia, a literatura, a história, a arte, a química, a amizade, a psicologia... Seria inclusive um belo meio de eternizar a Jolie, viva para sempre no meio das aprendizagens de tal jornada. Quando fossem lembradas, estariam emaranhadas aos seus pelos: ela iria sabê-las de coração, ao invés de cor. No entanto, quando minha ex-namorada então criança chegou ao colégio no dia seguinte, foi empurrada novamente para dentro dos "conteúdos disciplinares" que nada falavam sobre sua amiga. Carlos Rodrigues Brandão compartilha da mesma perspectiva:

"Costuma-se perguntar: "O que uma criança de quinta série precisa saber para ser promovida para a sexta série?" Mas creio que a pergunta deveria ser: "O que uma criança de oito anos precisa conhecer para vivenciar profundamente suas experiências?"⁴⁵

⁴⁵ ALVES, Rubem. Encantar o mundo pela palavra / Rubem Alves, Carlos Rodrigues Brandão. Campinas, SP: Papirus, 2006.

Por fim, o ensino temático poderia ainda contribuir para que as disciplinas se relacionassem com a individualidade de cada aluno. Os alunos apaixonados por música, por exemplo, mergulhariam no assunto acompanhados por professores de diferentes áreas para que o estudo da música abrisse portas à matemática, à poesia, ao afeto, à língua portuguesa, à medicina, ao amor, à física, à psicologia, à história, à religião e quanto mais conhecimentos fossem possíveis. Dessa forma, meu colega de sala no ensino médio poderia ter tido mais chances de se interessar pelas disciplinas que estudávamos ao invés de se afastar delas a cada aula em que o professor falava sobre sua matéria sem mostrar a melodia que existia dentro dela. Ele queria ouvir o som das disciplinas, mas só se deparava com palavras e números mudos. Quem vive a música dentro de si, procura por ela no mundo, inclusive na escola. Essa, por sua vez, o considerava um péssimo aluno, sem nenhuma disposição para o estudo. A sentença estava dada: mau aluno. Era ele que não queria aprender. Não se pensava nada sobre a escola não saber ensinar.

Hoje, percebo que meu colega de colégio se encerrou numa especialização que parece limitar o desenvolvimento de sua consciência. O conhecimento atua dentro dele muito mais para reforçar suas habilidades que para promover a reflexão. Estudar música definitivamente não o faz pensar sobre a vida, mas sim sobre o apuramento técnico necessário para conquistar melhores empregos. Esse viés o afasta de refletir sobre suas relações com os outros e o mundo ao seu redor, mantendo-o alheio ao que o torna intolerante, egoísta, menos humano. Penso com pesar sobre esse caso, pois vejo como a música é para outro amigo uma verdadeira fonte de abertura para novos saberes humanos e reflexão sobre a vida que levamos. Quando disse no começo do capítulo que me deparei ligando espontaneamente os memes de Dawkins com a filosofia de Hegel, ele acrescentou à relação que assim como Hegel imaginava que as ideias surgem para os pensadores que estão preparados para recebê-las, ao compor, ele não consegue se considerar dono da melodia que acabou de criar, sente simplesmente que conseguiu encontrá-la no mundo. Essas relações entre vida e conhecimento religando saberes até então isolados em suas disciplinas nos leva pouco a pouco ao reconhecimento da complexidade capaz de ampliar nossa consciência, tornando-nos mais preparados para encontrar dentro nós aquilo que nos torna intolerantes, egoístas, cada vez menos humanos. Ao encarar as disciplinas como

olhares para o mundo, a educação formal dá um importante passo a caminho do conhecimento como porta para a reflexão e todas as suas valiosas implicações.

DO PPT AO GIZ

Às vezes, sinto falta da lousa. Antes, minha saudade se fazia pelas boas lembranças do colégio que se misturaram ao pó do giz. Como o adorável professor de Português, Roberto Cassiano, que no seu entusiasmo por nos ensinar apagava a lousa com as próprias mãos. Hoje, algo mais faz a minha saudade: o mau uso das tecnologias da comunicação no ensino.

Há tempos que a educação formal vem sendo inundada por um tsunami de informatização. A incorporação de tais tecnologias no cotidiano do ensino parece declamar com voz apoteótica que elas finalmente conseguiram ascendê-lo a um estágio mais evoluído. Não é raro ouvir tal voz saindo da boca de escolas e faculdades falando sobre si mesmas para conquistar novos ingressantes. Chega mesmo a ser inadmissível uma instituição de ensino que não tenha ao menos alguns computadores. No entanto, todas as minhas experiências como aluno me sussurram uma dúvida que considero fundamental para o uso pertinente dessas tecnologias: elas contribuem para aluno e professor se relacionarem de novas maneiras entre si e com o conhecimento ou só proporcionam mais conforto e comodidade para as práticas acadêmicas?

O giz na lousa é progressivamente substituído pela projeção de apresentações, quase sempre feitas no Power Point. A tecnologia impressiona, mas transpor os apontamentos da lousa para um suporte eletrônico e dividi-los em slides não muda em nada o modo como o aluno se relaciona com a matéria. Em alguns casos, o resultado chega a ser ainda pior. Escrever na lousa demanda tempo, obrigando o professor a registrar somente os pontos principais do que está ensinando. Com o

Power Point, não. O tempo de um clique é o suficiente para projetar à parede a quantidade de texto que couber no slide, e quanto menor a letra, mais informação. O aluno vê na projeção absolutamente tudo o que o professor diz. Como o discurso se duplica idêntico, um ou outro se torna desnecessário. Irônico é desconfiar que certos professores não saberiam o que falar a seus alunos sem os slides para soprar-lhes a matéria a qualquer momento.

Seguindo a definição de virtual proposta por Pierre Lévy, o Power Point é virtual porque seu uso ainda não liberta potências que existem dentro de si:

"A palavra virtual vem do latim medieval virtualis, derivado por sua vez de virtus, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes."⁴⁶

Há uma potência contida nas apresentações como as de Power Point que pode ser liberada tornando seu uso mais pertinente: proporcionar novas maneiras de se relacionar com o discurso do professor além de suas palavras. Acredito que uma boa maneira de ir além do que o giz pode dar é desenvolver narrativas visuais que traduzem em símbolos ou imagens o raciocínio do professor, materializando como se dá a construção do seu pensamento. Obviamente, isso requer um grau de especialização que nenhum professor deve ter e daí cabe às instituições de ensino reconhecer que de nada adianta a tecnologia sem profissionais especializados que possam trabalhar junto ao corpo docente para tirar o melhor proveito dela.

Buscar novas formas de relação com o conteúdo deveria ser a base da substituição da lousa por apresentações. No entanto, o giz foi trocado pelo Power Point simplesmente porque é mais cômodo. Por que me cansar de escrever na lousa se posso projetar tudo o que quiser quantas vezes desejar com o esforço mínimo de alguns cliques no mouse? Por que xerocar dezenas de cópias do texto

⁴⁶ LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Ed.34, 1996.

para entregá-los em sala de aula se posso colocá-lo no repositório do TIDIA⁴⁷ para os alunos imprimirem em suas casas? Por que explicar as ideias de algum autor se posso exibir uma entrevista dele mesmo falando sobre o que pensa? Por que preciso imprimir meu trabalho se posso enviar por e-mail para o professor? Por que copiar a matéria se o Power Point que o professor está apresentando estará à disposição no repositório? Por que juntar todos os alunos para uma discussão sobre o tema em questão se posso abrir um fórum ou um texto coletivo no TIDIA? Por que pagar dezenas de aulas para um professor se posso gravar uma delas e colocar o vídeo no outro curso de EAD que ofereceremos aos alunos?

Mesmo iniciativas que são tratadas como embaixadoras de uma nova fronteira da educação acabam servindo para a simples comodidade das práticas educacionais. Esse é o fim de tantas aplicações de tecnologias da comunicação no ensino, mesmo que muitas delas tenham sido concebidas por propósitos mais nobres. Elaborados ambientes virtuais de ensino a distância, como o próprio TIDIA, sofisticados aparatos tecnológicos, como carteiras e lousas digitais conectadas, por mais impressionantes que sejam, não vejo contribuir para uma nova relação do professor e aluno entre si e com o conhecimento. Elas apenas reproduzem num suporte digital ou num ambiente virtual a mesma educação formal de sempre. Se é para manter tudo como está, então não penso duas vezes entre tecnologias de comunicação no ensino e o simpático pó de giz de meu adorável professor de Português.

⁴⁷ Sigla para Tecnologia da Informação no Desenvolvimento da Internet Avançada, um ambiente virtual de aprendizagem no formato de software livre financiado pela Fapesp e utilizado pela Universidade de São Paulo entre outras instituições de ensino.

PARTE 3:
O PROJETO-PILOTO

REDES DE SENTIDO

Diante de todas as reflexões já expostas que este mestrado me proporcionou, veio naturalmente o impulso por transformá-las em algum projeto capaz de contribuir para o resgate do humano em nós. Um projeto que pudesse ser de preferência oferecido a instituições de ensino formal como uma alternativa para formarem não só profissionais competitivos, mas seres um pouco mais humanos.

A sociedade moderna está estruturada de forma tão complexa que o ciclo da cegueira é fundamental para não colocar em risco a reprodução contínua de bases importantes do seu funcionamento, como o mercado sempre aquecido, por exemplo. A educação formal perdeu drasticamente o papel libertador que poderia exercer quando seu compromisso com o mercado de trabalho se tornou maior do que com o homem em si. Escolas e faculdades formam seus alunos para serem profissionais competitivos, não para se relacionarem melhor, construírem ambientes de generosidade, diálogo, afeto... A formação que recebemos pode propiciar o "sucesso profissional", mas implica no reforço constante de uma estrutura mental adequada a nos manter cegos às ameaças que produzimos a nós mesmos. Como resultado, muito do que consideramos normal e mesmo correto contribui para tirar de nós nosso próprio humanismo, pouco a pouco nos desvencilhamos silenciosa e inadvertidamente de boa parte do que nos torna humanos sem nem reparar.

Apesar de a sociedade moderna alimentar um estilo de vida que mantém nosso olhar num ciclo de cegueira, é possível libertá-lo de suas miopias colocando-o num novo ciclo em que o conhecimento abre perspectivas para os olhos observarem

melhor o cotidiano e a observação do dia a dia suscita novas inquietações que abrem portas para a busca de mais conhecimento. Esses questionamentos pessoais são capazes de promover um encontro genuíno com obras que podem contribuir para ampliar sua compreensão. O estudo se transforma, portanto, num refinamento do olhar para vermos mais e melhor e assim o ciclo se atualiza continuamente, trazendo dúvidas que pouco a pouco nos fazem repensar o mundo ao nosso redor e nós mesmos.

Nesse ciclo, é clara a existência de dois eixos complementares: 1. o conhecimento que promove observação; 2. a observação que leva ao conhecimento. Tal divisão me permitiu enxergar com mais clareza onde eu poderia atuar dentro das minhas limitações para aplicar um projeto de pesquisa.

Até alguns meses após minha qualificação, eu alimentava a vontade de contribuir para o primeiro movimento do ciclo. Pensei em alternativas que procurassem ampliar o olhar dos alunos, trazer novas perspectivas, tirar alguns dos filtros que nos impedem de ver, como os que foram apresentados nos capítulos anteriores. A poesia tinha um papel fundamental nos projetos que concebi. Cheguei mesmo a montar uma proposta de oficinas de reflexão da vida moderna a partir dos poemas de Manoel de Barros, Adélia Prado e Mário Quintana. No entanto, meu entusiasmo em contribuir para mudanças na educação formal logo viu que não era compatível com os limites impostos por minha própria disponibilidade de horários no trabalho, além da confissão sincera do meu antigo coordenador de colegial revelando que a escola onde estudei estava sendo cobrada pelos pais por uma formação mais voltada ao vestibular, não tanto à qualidade das relações humanas.

Reconhecendo as limitações das minhas possibilidades, percebi que seria mais viável e adequado contribuir para o segundo movimento do ciclo: estimular a observação do cotidiano. Coloquei então meu empenho para buscar alternativas capazes de contribuir para tal objetivo e entre as ideias que surgiram nasceu o projeto de pesquisa deste mestrado: o site "Redes de Sentido". Ele foi criado e programado durante o mês de fevereiro de 2010, e no começo de março foi publicado na internet pelo endereço eletrônico <http://bit.ly/redesdesentido>.

O site é um acervo de elementos comuns do dia a dia transformados em portas para a reflexão. Ao invés de nos relacionarmos com suas funções, cada elemento leva ao sentido que tem para alguma pessoa. Trata-se do exercício de "ver através". Quem clica em jardinagem, por exemplo, depara-se não com a descrição literal da atividade ou dicas de plantio, mas com a reflexão que ela despertou em algum participante, como no caso de Patrícia Vieira, que consegue enxergar relações maquinais por meio da jardinagem:

"O gosto por cactos e o sucesso no cultivo de cinco exemplares de totens desérticos me levaram a construir um pequeno jardim com vinte e sete espécies de plantas na sacada do meu apartamento. Hoje, um ano depois de iniciar a plantação, posso me declarar aprendiz de jardineira. E, como aprendiz de jardineira, sei que cada planta tem necessidades específicas de umidade, luminosidade, adubo, poda e espaço. (...) Minha primeira idéia ao contabilizar tantas tarefas foi montar um calendário. Em pouco tempo, tornei-me uma jardineira eficiente. Seguir o calendário era divertido, pois media a minha disciplina. O problema é que, com mais tempo, percebi que as plantas, sua saúde, seu aspecto, suas flores, frutos e cheiros pouco importavam na minha ânsia de seguir o método. Inconscientemente, com a melhor das intenções (manter meu jardim bonito), desliguei-me do jardim e passei a me relacionar com o método. As roseiras, o herbário, as orquídeas, a pimenteira passaram de protagonistas a figurantes de uma trama que poderia chamar-se O Método e a Jardineira Estéril.

Na semana passada, acordei da hipnose técnica. Vi que o sistema constitui uma barreira, uma cortina que determina a minha relação com a natureza. Relação que, se baseada em olhar atento e sensibilidade, exclui a necessidade de controle inorgânico. Se eu colocar o dedo no vaso da romãzeira, saberei se ela está ou não com sede (muitas vezes, reguei o solo ainda úmido porque o calendário mandava). O brilho das folhas da Ixora me informa se falta algum nutriente e o lírio da paz amarela se estiver com insolação. São sinais muito claros e muito simples, que não exigem nada além de tato, visão, olfato e disponibilidade para o outro – que, neste caso é a natureza. Se me apegar à tabela, perco a planta, desvinculo-me de seu fluxo natural

que, justamente por ser natural, não é linear, não obedece ao tempo cronológico e muito menos às minhas regras.

Ver-me iludida na obediência de um cronograma de jardinagem, despertou-me para outras relações esvaziadas de sentido que mantenho. Por exemplo, quando rotulo as pessoas à minha volta. O rótulo é um organizador do mundo, na medida em que, com ele, eximo-me de observar atentamente as mudanças diárias das pessoas. Todo mundo muda (como as plantas) diariamente. Somos sempre um gerúndio, um sendo. Colocar um rótulo é definir, é usar o verbo ser, quando deveríamos usar o verbo estar. Com o rótulo, atribuo ao rotulado estabilidade que é ilusória. Facilita, pois não exige o esforço e a disponibilidade da atenção. Mas, por ser ilusão, nos distancia. Deixo de enxergar o movimento vital e misterioso (que se assemelha a uma dança, já que, quando um dos parceiros muda o passo ou o ritmo, o outro é levado a alterar sua participação também) e passo a consumir o rótulo. Perco a pessoa e a riqueza que pode advir de uma relação que cresce sob olhar atento dos envolvidos e, quando (e se) me der conta, talvez veja que a pessoa que achava existir morreu e eu fiquei com uma embalagem vazia nas mãos.⁴⁸

Foram convidados para participar do projeto amigos e colegas que sempre enxerguei como pessoas introspectivas. O que entendo por introspecção não tem a ver com timidez, mas sim com um impulso à relativização. São pessoas que já me mostraram não ter o costume de simplesmente aderir a algo, mesmo que seja amplamente aceito como normal e até mesmo bom, sem antes pensar um pouco sobre a sua pertinência. A opção por tal perfil foi uma tentativa de potencializar as chances de construir um acervo mais rico de significados para os elementos do cotidiano ao reunir pessoas já acostumadas a refletir sobre a vida que levamos. Muitas tinham inclusive seus próprios blogs, onde costumavam publicar suas reflexões periodicamente. Como consequência desse critério de seleção, pessoas introspectivas próximas a mim, os participantes foram estudantes universitários de cursos de humanas formados há menos de 5 anos ou ainda cursando a graduação.

⁴⁸ VIEIRA, Patrícia. Relações maquinais. Disponível em: <http://sites.google.com/site/redesdesentido/patriciavieira/txt1>. Acesso em 10 ago. 2010.

25 pessoas aceitaram participar do projeto. A proposta era simples: durante 45 dias, de 01 de março a 15 de abril de 2010, elas deveriam alimentar o site "Redes de Sentido" com reflexões desencadeadas a partir de elementos do dia a dia, quaisquer que fossem. As pessoas deveriam observar a vida cotidiana em busca de sutilezas e coisas banais que as fizessem refletir por representarem algo maior, por haver alguma coisa por trás delas. Tais reflexões deveriam ser desenvolvidas em texto dissertativo para serem publicadas no site.

Para compreender melhor o funcionamento do site, é importante explicar e visualizar sua estrutura. Na homepage, estão listados todos os elementos que despertaram a reflexão de algum dos participantes. Eles vão desde coisas banais do dia a dia, como estacionamento, a filmes que estiveram em cartaz e citações de livros. É como um dicionário que, ao invés de carregar o sentido literal das palavras, carrega os sentidos que elas têm para diferentes pessoas.

Redes de Sentido

Todos Elementos

- ["Os opostos se atraem"](#)
- [Estacionamento](#)
- [Pingue-Pongue da Mongólia](#)
- [Jardinagem](#)
- [Despedida](#)
- [Bolha](#)
- [Maria Antonieta](#)
- [Felicidade](#)
- [Música](#)
- [Cozinhar](#)
- [Preço](#)
- [Palm Top](#)
- [Sol](#)
- [Janela](#)
- ["O senhor mire e veja..."](#)
- [Cidadania](#)
- [Conteúdo](#)
- [Chuva](#)
- [Teatro](#)
- [Ônibus](#)
- ["De nada a liberdade se..."](#)
- [Executivo](#)
- [Mãe](#)
- [Trânsito](#)
- [Organização](#)
- [Boneca de Argila](#)
- [Tudo Acontece em Elisabethtown](#)
- ["Se não puder fazer tudo..."](#)
- [Banalidades](#)
- [Árvore](#)
- [Lua](#)
- [Barbie](#)
- [Excursão Infantil](#)
- ["Nós somos mortos em..."](#)
- [E-mail](#)
- [Cronograma](#)
- [Diversidade](#)
- [Neve](#)

Elementos em Categorias

- [Cotidianos](#)
- [Fatos Históricos](#)
- [Filmes](#)
- [Fotografias](#)
- [Músicas](#)
- [Citações](#)

Participantes

- [Alexandre Oyamada](#)
- [Aline Shizue](#)
- [Beatriz Amêndola](#)
- [Bruno Leite](#)
- [Camila Castelo](#)
- [Cíntia Santana](#)
- [Datise Biasi](#)
- [Gilson de Carvalho](#)
- [Graziela Oliveira](#)
- [Lorraine More](#)
- [Patrícia Vieira](#)
- [Paola Nogueira](#)
- [Pedro Chammé](#)
- [Rafael Borsanelli](#)
- [Victor Correia](#)

Ao clicar em um dos itens, como jardinagem, por exemplo, abre-se sua respectiva página. Ela apresenta *links* para: 1. a reflexão que ela despertou em algum participante; 2. os elementos que foram relacionados no desenvolvimento de tal reflexão.

Ao clicar no título da reflexão que o elemento despertou, abre-se sua página. Ela contém o texto dissertativo que desenvolve o sentido dado ao item pelo autor, aquilo que "viu através", que vislumbrou por trás do elemento em questão. Seguindo o exemplo, jardinagem leva à dissertação "Relações Maquinais", que revela o sentido que Patrícia Vieira dá à atividade.

Ao final do período de um mês e meio dado aos 25 participantes do projeto, 7 não entregaram nenhum texto. Trata-se de um volume considerável, praticamente um terço do total. Essa desistência sugere que destrinchar nossas reflexões por meio do exercício da escrita demanda um tempo e dedicação muitas vezes incompatíveis com as exigências do dia a dia e o cansaço que elas produzem. No fundo, a falta de tempo é uma evidência de que existem muitas prioridades anteriores. Consta-se, portanto, que o projeto pode ser melhor aproveitado se vier acompanhado de momentos regulares para a escrita, que podem ser estabelecidos com cada participante.

Os outros 18 participantes, entre os quais me incluo, trouxeram para o site 26 reflexões*. Todas desenvolvem algum sentido novo que dão a um elemento cotidiano, relacionando-o a outras coisas do dia a dia que manifestam o mesmo sentido. O resultado foi a contribuição de 64 elementos** para o acervo do site, um arcabouço de olhares.

Assim como a jardinagem abre interessantes perspectivas sobre as relações humanas para Patrícia Vieira, há vários outros elementos no site que materializam a experiência de "ver através", que foram nitidamente portas tanto para alguns participantes pensarem sobre o homem e a vida moderna quanto para outros descobrirem um pouco mais sobre si mesmos. No entanto, é perceptível que há reflexões, em menor escala, que são simples relatos de experiências pessoais, descrições que não constituem descobertas a partir de algo do dia a dia.

Apesar de ocorrerem em menor escala, tais textos são evidências de que é preciso uma combinação entre o conhecimento para a reflexão capaz de abrir nossos olhos para ver mais e melhor aliado ao exercício da observação. Daí constata-se que o projeto pode ganhar pertinência ao servir de extensão a uma educação do olhar, ao ser parte de um curso, oficina ou outra iniciativa educacional com essa proposta, como a própria oficina de poesia para repensar sobre a vida moderna que desenvolvi, mas não tive disponibilidade para testar neste momento.

* As 26 reflexões de todos os participantes estão compiladas no anexo 1, pág. 93.

** Os 64 elementos estão listados no anexo 2, pág. 120.

De qualquer forma, seguindo os ajustes que se mostraram necessários para o melhor aproveitamento do site, ele se revela uma ferramenta viável de educomunicação⁴⁹ para diagnosticar o problema do olhar, checar nossa capacidade de ver além das funções, do aparente, do superficial. A estrutura do site pode ser facilmente replicada para qualquer instituição educacional ou mesmo outras que quieram descobrir a profundidade dos significados que as coisas da vida cotidiana têm para seus alunos. Trata-se de uma pequena contribuição aos esforços para a formação de homens e mulheres um pouco mais humanos.

⁴⁹ Em seu artigo "Mas, afinal, o que é educomunicação?", Ismar de Oliveira Soares define a atividade como "um conjunto de ações destinadas a: 1. integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação; 2. criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos; 3. melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas." Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em 12 ago. 2010.

REFERÊNCIAS

01. ALVES, Rubem. Ao professor, com o meu carinho. Campinas, SP: Verus Editora, 2004.
02. _____. Educação dos sentidos. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
03. _____. Encantar o mundo pela palavra / Rubem Alves, Carlos Rodrigues Brandão. Campinas, SP: Papirus, 2006.
04. _____. Na morada das palavras. Campinas, SP: Papirus, 2003.
05. _____. O que é científico? São Paulo: Edições Loyola, 2007.
06. ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
07. BARROS, Manoel de. Concerto a céu aberto para solos de ave. Rio de Janeiro: Record, 2009.
08. _____. Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal. Rio de Janeiro: Record, 2007.
09. _____. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record, 2009.
10. _____. Gramática expositiva do chão. Rio de Janeiro: Record, 2007.
11. _____. Matéria de poesia. Rio de Janeiro: Record, 2007.
12. _____. Poemas rupestres. Rio de Janeiro: Record, 2004.
13. BOHM, David. Diálogo: comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.
14. BORGES, Jorge Luis. Poesia – Jorge Luis Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
15. BOYER, Pascal. Religion explained. New York: Perseus Books Group, 2001.

16. CARRASCOZA, João Anzanello. O volume do silêncio: João Anzanello Carrascoza. Seleção e posfácio: Nelson de Oliveira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
17. CITELLI, Adilson. Comunicação e educação. A linguagem em movimento. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.
18. CLARKE, Arthur Charles. Um dia na vida do século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
19. COUTINHO, João Pereira. Avenida Paulista. Rio de Janeiro: Record, 2009.
20. CURY, Lucilene. A nova racionalidade sob um olhar amoroso. In: Cremilda Medina – Milton Greco (org.). Caminhos do saber plural – dez anos de trajetória. São Paulo: 1999.
21. _____. O dilema da pesquisa: um modelo para iniciantes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
22. DAWKINS, Richard. Deus, um delírio. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
23. EGAN, Kieran. A mente educada. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
24. EPICURO. Carta sobre a felicidade: (a Meceneu). São Paulo: Editora UNESP, 2002.
25. FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
26. GULLAR, Ferreira. In: Vários autores. Boa companhia: poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
27. HUME, David. Diálogos sobre a religião natural. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
28. LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed.34, 1993.
29. _____. Cibercultura. São Paulo: Ed.34, 1999.
30. _____. O que é o virtual? São Paulo: Ed.34, 1996.
31. LINIERS. Macanudo, n.1. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2008.
32. _____. Macanudo, n.2. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2009.
33. _____. Macanudo, n.3. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2010.
34. LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
35. MAFFESOLI, Michel. Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro:Record, 2001.
36. MARONI, Amnérís. E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.
37. MARONI, Amnérís. Jung: o poeta da alma. São Paulo: Summus, 1998.

38. MONTAIGNE, Michel de. A educação das crianças. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
39. MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
40. _____. A religião dos saberes. O desafio do século XXI. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
41. _____. Introdução ao pensamento complexo. Rio de Janeiro: Sulina, 2005.
42. _____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez: UNESCO, 2002.
43. PONDÉ, Luiz Felipe. Os olhos do macaco. Folha de São Paulo, São Paulo, pág. E11, 24 mai. 2010.
44. PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 2010.
45. VIEIRA, Patrícia. Relações maquinais. Disponível em: <http://sites.google.com/site/redesdesentido/patriciavieira/txt1>. Acesso em 10 ago. 2010.
46. QUINTANA, Mário. Caderno H. São Paulo: Globo, 2006.
47. SCHOPENHAUER. Parerga und Paralipomena; tradução de Philippe Humblé e Walter Carlos Costa. Florianópolis, SC: Editora Paraula, 1993.
48. ROCHA, Tião. Programa Roda Viva. São Paulo: TV Cultura, 10 dez. 2007. Entrevista concedida a Paulo Markun, Fernando Rossetti, Gilberto Nascimento, Renata Cafardo, Júlio Moreno, Uirá Machado, Mozart Neves Ramos.
49. WEBER, Max. The sociology of religion. Beacon Pres, 1993.

ANEXOS

ANEXO 1: REFLEXÕES DOS PARTICIPANTES

HUMANIDADE ESTACIONADA

Odeio estacionamentos por vários motivos, a começar por seus preços cada vez mais abusivos. Mas o que realmente me incomoda é a relação de seus funcionários com o "sistema". Já aconteceu comigo mais de uma vez: paro o carro no estacionamento, pego o ticket, saio e quando chego no meu destino por algum motivo decido ir embora. Volto então rapidamente ao estacionamento, onde meu carro está há menos de três minutos, e o funcionário me cobra os dez reais da primeira hora. "Mas eu não fiquei nem três minutos!" Não importa, ele já cadastrou meu carro no sistema. Não há o que fazer. Mas será mesmo?

Não é possível que não haja no sistema alguma forma de liberar um carro cadastrado sem pagar, ainda mais quando consta a sua permanência relâmpago no estacionamento. Mesmo que não exista essa possibilidade, o funcionário pode explicar para o dono por que me liberou sem pagar. E se este for um capitalista implacável sedento por qualquer nota de dez reais que não aceite nenhuma explicação para liberar carros gratuitamente, só de o funcionário me apresentar essa realidade, já me aliviaria muito saber que ele também não concorda com essa cobrança, mas abatê-la está além de sua capacidade. Ele continuaria me dizendo "não há o que fazer", mas ao menos eu saberia que ele se importou comigo, e nas entrelinhas ainda me mostraria uma saída: falar com o dono do estacionamento.

O que incomoda é justamente a indiferença plena. E preocupa perceber que o sistema, a burocracia e outros agentes de regulação afins se transformam em potencializadores de indiferença. A decisão absurda de cobrar dez reais por três minutos é transferida do funcionário para o sistema, isentando-o de qualquer constrangimento ou culpa. Não é ele que está cobrando, é o sistema. Portanto, ele não precisa se preocupar em buscar uma saída para meu caso, não precisa nem ao menos me escutar. O sistema lhe dá o aval para manter-se indiferente, garante a confortável sensação de que não há nada de errado na omissão.

É preciso que o funcionário tenha um certo grau de humanismo para que ele se importe comigo a ponto de abandonar sua zona de conforto e me ajudar a encontrar uma solução, nem que ela seja me olhar com empatia e desabafar com sinceridade que não há nada que possa fazer - sutileza que exige ainda mais humanismo para acontecer. Encontrar pessoas assim é raro, e deve continuar sendo, afinal, são as indiferentes que estão protegidas pelo sistema.

Pode parecer exagero escrever tudo isso por conta de uma indignação mesquinha pelo prejuízo de dez reais. Mas não se trata do dinheiro. O caso do estacionamento me mobiliza tanto porque é para mim uma entre muitas e muito maiores manifestações do mesmo processo preocupante: o homem terceirizando tudo aquilo que o torna humano. Preocupar-se com o outro é uma atitude fundamentalmente humana, mas o funcionário do estacionamento não precisa preocupar-se comigo, a decisão é do sistema. Ações humanas, como olhar para o outro, parecem cada vez menores num universo de elementos inanimados em plena expansão. É essa a mensagem que escuto quando vejo esta foto de Cartier Bresson.

Seguindo esse caminho, a humanidade chegará em breve num ponto em que será necessário que alguma máquina com sentimentos, como o Wall-E, nos lembre o que é ser humano.

MATERIALIZAÇÕES DA AUSÊNCIA

Pode me perguntar onde está qualquer coisa no meu quarto, na minha mala, ou qualquer arquivo no meu micro. Eu sei. Se entrar de olhos fechados nele, encontro o que quiser. Se alguém estiver procurando algo no meu computador, sei dizer exatamente em que pasta está. Se precisarem pegar alguma coisa na minha mala, já digo em que compartimento a encontrará. Minha organização é impecável. Os semelhantes são reunidos em grupos e todos os grupos recebem o espaço de que precisam dentro do meu quarto, minha mala, meu computador.

Saber onde tudo está não representa, no entanto, uma extensa memória. Pelo contrário, ela é curtíssima. São bem poucas as coisas que consigo lembrar do passado e minha memória imediata parece nunca funcionar direito. Deixo o celular sobre a mesa da sala e logo esqueço onde o deixei. Tomo banho, lavo o cabelo e em seguida lavo novamente sem lembrar que acabei de fazê-lo. Saio do quarto para beber suco na cozinha e quando chego já não sei mais o que fui fazer ali.

Essa oposição entre organização extensa e memória curta me fez perceber a relação de compensação que existe entre elas: já que não consigo lembrar onde colocar as coisas, é preciso que estejam sempre no mesmo lugar. É mais fácil lembrar que o celular está no bolso direito da mala do que guardar a cada momento onde o deixei.

No fundo, todas minhas organizações são muletas para minha memória, são extensões dela no mundo. Como falta memória dentro de mim, produzo-a através do meu quarto, minha mala, meu computador. Isso me fez supor que se há algo importante que deveria existir dentro de nós mas não existe plenamente, esse algo se materializa concretamente no mundo para se fazer presente.

Essa idéia começou a fazer mais sentido para mim quando me deparei com uma longa tropa de policiais em frente a um estádio de futebol em dia de jogo. Como a organização e a memória, os policiais eram a materialização concreta, em carne e osso, da capacidade de controlar impulsos agressivos que faltava dentro dos torcedores que estavam no estádio. Eles não eram mais apenas homens da ordem cumprindo sua profissão, eram a materialização da ausência, um contra-peso que se fazia presente no mundo, como se ele buscasse misteriosamente um equilíbrio.

O bordão amoroso de que os opostos se atraem começou a me soar mais profundo desde então.

DIMENSÕES DISTORCIDAS

Outro dia eu estava subindo a alameda Campinas, em São Paulo, e como sempre, às sete horas da noite: trânsito. Farol fechado, carro atravessado, asfalto molhado. Calor, vidros abertos. Enquanto eu ia passando pelos carros, ia ouvindo e prestando atenção (de curiosa mesmo) nos motoristas.

O primeiro estava ouvindo uma música eletrônica pesada. No carro da frente, uma caminhonete tocava um sertanejo animadíssimo e seu motorista cantava junto, e um terceiro veículo abrigava uma menina que ouvia a última música do Black Eyed Peas. Alguns estavam parados batendo os dedos na lataria do carro. Outras, conferiam o rímel no espelinho interno do carro. Vários falavam no celular, alguns gritavam, outros reclamavam, uma mulher ria muito. Um menino dirigia com o instrutor da auto-escola. Um homem dirigia enquanto a mulher ao lado falava com as crianças no banco de trás. Um velhinho prestava muita, muita atenção no sinal, curvado sobre o volante. Um casal olhava cada um para um lado da rua, e mal se falavam. Em outro carro, um sujeito engravatado xingava e buzina. E aí todos buzina. Abria o farol e todos aceleravam, menos o velhinho. Poucos davam seta para mudar de faixa. Todos eles estavam em seu universo privado.

Se tirássemos o carro que lhes envolvia, estariam todos lado a lado. E isso destruiria o tal universo particular. Seriam obrigados a olhar um para os outros, e inevitavelmente interagiriam. Eu acho curiosíssimo! Como o simples fato do paulistano usar tanto o carro consegue afetar positivamente a individualidade! Isso muda tudo.

Além disso, isso me intriga porque em três quarteirões, na mesma rua, mesmo bairro, mesmo clima, mesma hora, mesmo dia, eu vi mil gostos diferentes, mil dias diferentes. O ponto é esse: pare para pensar em tudo o que você fez em um dia. Agora pare para pensar no que você não fez: alguém fez isso por você. Se você não foi ao cinema, alguém há de ter ido. Se você dormiu o dia inteiro, alguém trabalhou. Se você ouviu hip-hop, alguém ouviu samba. Agora multiplique isso pela cidade de São Paulo. Pelo estado. Pelo Brasil. Pessoal, O MUNDO NÃO PÁRA! O que me deixa louca é que não existe nada que ninguém esteja fazendo nesse exato momento. E isso faz com que eu seja tão pequena.

Mas, ao pensar que todos nós vivemos no nosso carro, na nossa música, nossa vida torna-se tão grande. Tudo o que temos somos nós mesmos. O que ninguém pode tirar de mim, eu. E aí isso se torna tão grande. Muito louco pensar nisso! E por fim, eu mesma desconheço meu tamanho...

VALE A PENA!

Quarta feira, dia de feijoada e de bar com os amigos. Cultivando a vida saudável, estávamos nós por volta das cinco da tarde, abrindo a primeira cerveja. Logo depois da aula, o assunto é o mesmo: reclamar dos professores, do sistema de avaliação, das regras da faculdade, do curso que é chato. Enfim, vamos tomar uma cerveja para distrair e relaxar. Já tínhamos mudado de assunto quando um cara, aparentemente na casa dos quarenta, sentado sozinho, uma cerveja e um copo, vem nos dedicar umas palavrinhas! Ele começa falando que é um cara muito bem formado, estudou em uma boa faculdade, tinha mestrado, estudou fora do país, fez tudo o que sempre lhe disseram ser importante. Então, ele se dirige especialmente para um amigo meu e pergunta: "Você é feliz? Porque eu vejo que você tem medo de perder o amor da sua vida. E que você não faz o que você realmente gosta". E a partir daí começou a fazer mil reflexões sobre a vida e ressaltou no final: "Faculdade, Mestrado, Dinheiro... Essas coisas a gente luta muito para conseguir, mas no final, o que vale mesmo é isso aí que vocês estão fazendo nessa mesa: amizade".

Eu não vim aqui para falar "Meu Deus, o cara sabe de tudo!". Seria uma mentira danada, sem contar o estado em que a figura se encontrava: bêbado e sozinho. Mais do que natural foi a sua reflexão sobre amizade. Mas mesmo assim, o fato de ele aparecer ali, naquela hora, em que todo mundo só reclamava, me fez pensar naquilo que realmente vale a pena.

Valer a pena. Para mim, o que vale a pena é algo pelo qual eu aceito tomar certo risco em busca do prazer que me proporcionará. As coisas que valem a pena não cabem dentro das obrigações, nem da repressão. Elas são exclusivas de cada um, seguem as nossas preferências, e, portanto, refletem nossos prazeres. Podemos descrever em que está a felicidade das pessoas perguntando-lhes que nível de risco elas correriam para obter certa coisa/pessoa/experiência.

Ninguém faz valer a pena. Nós fazemos SE vale a pena. No fundo todo mundo sabe o que realmente quer da vida, mas às vezes temos medo de perseguir essas vontades malucas. Vale a pena namorar? Vale a pena ficar solteiro? Vale a pena ganhar menos para trabalhar com aquilo que realmente gostamos? Vale a pena fazer um mestrado? Não há resposta para o que realmente vale a pena. Para mim ninguém vai ser feliz sem realizar as "coisas que valem a pena". Seja viajar ou se trancar em casa. Seja casar ou não.

Parece bobagem, mas desde que eu comecei a agir pensando naquilo que para a mim vale a pena, eu parei de me chatear quando os custos de fazer o que eu gosto pesavam. Nada vem de graça, porque a gente sempre poderia estar em outro lugar, fazendo outra coisa, sempre há um custo de oportunidade. O importante é que esse custo seja menor do que a utilidade proporcionada por nossas escolhas. Tenho certeza que isso não é nada novo, não é nada que você nunca tinha pensado. Chega a ser meio óbvio. Mas no meio de tanta cobrança, de tanta regra, de tanta correria, de tanto trânsito, acabamos nos esquecendo de pensar nisso. Às vezes, esquecemos de nos agradar.

ERROS LIVRES

Você acorda de manhã, toma banho, come alguma coisa, escova os dentes e, como todo mundo, sai para trabalhar. De carro, óbvio. Você dirige tranquilamente pelo seu caminho de sempre e, quando se dá conta, está a um passo de entrar naquela rua movimentada que, por algum infelicíssimo cálculo de engenharia, se afunila justamente nesse trecho. Mas tudo bem. Você, cauteloso, observa o trânsito e espera o momento certo para entrar. E quando ele aparece, você vai. Simples, não?

Deveria ser, mas não é. Um milímetro a menos que você vire a direção, a curva fica ligeiramente mais aberta e você "fecha" o apressadinho a uns bons metros de você. Aí: PEEEEEEEEEEENN. Uma buzina. Você então joga o carro para o outro lado. E, sem querer, sobe na calçada. O carro morre. PEEEEEEEEEEEEEEENN. Mais buzinas. Você, que já nem raciocina mais devido ao estresse, se recompõe e coloca o carro de volta no seu curso normal. Agora tudo está bem, não?

Hã... Na verdade, também não. Porque por trás dessas buzinas não está uma suposta preocupação com a segurança alheia. E sim a mais simples e pura intolerância ao erro. A cena descrita acima durou poucos segundos. Logo, é sensato pensar que os outros motoristas poderiam aguardar uma pequena fração de tempo até que você retomasse o controle e voltasse a andar normalmente.

Mas não é assim que acontece. As pessoas vivem hoje em um ritmo tão frenético, tão desenfreado, que simplesmente não dá tempo de errar. Ou de tolerar os erros dos outros. Queremos tudo aqui e agora, perfeito. A busca incessante por resultados imediatos e impecáveis

pauta cada uma de nossas atitudes (já reparou no quanto você fica irritado se uma página da web demora poucos segundos a mais para carregar?).

Assim, cada erro é visto como um desperdício de força, energia, tempo, e, é claro, dinheiro. O clichê "Time is money" tornou-se uma espécie de mantra silencioso: não pronunciado, mas mesmo assim fortemente enraizado em nossas mentes. Quanto mais erros cometemos, mais tempo perdemos e, conseqüentemente, mais dinheiro também.

Isso me lembra, aliás, de um filme chamado Tudo Acontece em Elizabethtown. Logo no início, o protagonista Drew Baylor, um designer, é demitido da empresa em que trabalha por ter criado um modelo de tênis que foi um fracasso de vendas e causou um prejuízo monumental.

Diante de uma situação dessas (que é ficcional, mas com certeza teria acontecido em nosso mundo real), me vem uma pergunta: o que há de humano em punir alguém dessa forma por um erro no trabalho? Todos já passaram ou irão passar por isso. Aliás, todos nós estamos sujeitos a erros, independente do aspecto de nossas vidas a que ele se relacione. Não seria muito mais enriquecedor simplesmente poder ajudar quem o cometeu, ensiná-lo outros caminhos?

Ao criarmos essa cultura de intolerância ao erro, creio que estamos subordinando nós e os outros uma lógica perversa, que pouco a pouco coloca sobre nós mais peso do que é digno suportar. Não é justo, por exemplo, que um jovem recém saído do ensino médio tenha que se martirizar por achar que escolheu a faculdade errada. Algo que já é considerado difícil por muitos (o processo de decisão da carreira), torna-se um processo extremamente doloroso quando a pessoa tem a obrigação de não errar. Afinal, caso ela não acerte logo de cara, terá de lidar com o fato de, segundo o senso comum, ter desperdiçado preciosos anos de sua vida.

Aliás, vejo um grande problema nessa última frase. Se enxergamos apenas o suposto desperdício de tempo, ao invés de nos solidarizar com a fase difícil pela qual ele passa e tentar ajudá-lo, onde raio foi parar a nossa humanidade? Pois acredito que a partir do momento em que condenamos previamente o outro sem nos colocar em seu lugar, perdemos a nossa sensibilidade, ou seja, deixamos de ser humanos.

Não estou dizendo para simplesmente passar a mão na cabeça de todos aqueles que erram, erraram ou errarão; mas para ser sensível o suficiente para tentar compreender o que a levou a isso e tentar ajudá-la a crescer a partir disso. Afinal, como diria Gandhi, "de nada vale a liberdade se ela não inclui a liberdade de errar."

NO ÔNIBUS

Num fim de tarde qualquer, voltei para casa de ônibus. Era a típica hora do rush paulistana, com direito àquelas longas filas de automóveis completamente parados e a dezenas de pessoas se amontoando nos corredores dos ônibus.

Comecei a observar ao meu redor: gente fitando fixamente as janelas, mulheres segurando suas bolsas, jovens ouvindo música, pessoas dormindo... e é, claro, gente lutando para poder conseguir chegar à porta e descer em seu ponto.

Até aí, nada fora do comum. Tudo corria como sempre ocorre em qualquer ônibus dessa cidade, nesse horário. Eis que, subitamente, ouve-se a voz do cobrador: "Pode ir com calma, gente. Vamos esperar todo mundo descer".

Veio, primeiro, um estranhamento, daqueles de fazer levantar as sobrancelhas. Essa frase parecia simplesmente não se encaixar. Era como um descompasso numa bela melodia, ou um rabisco na obra de um grande artista. Soava destoante, quase errada.

Mas logo em seguida ela se revelou em toda a sua força. Uma frase tão simples conseguiu fazer todo o ônibus parar. Trouxe uma calma e uma segurança que eu, pelo menos, nunca havia visto antes. As pessoas que se engalinhavam ao longo do corredor, tentando abrir quase que a força sua passagem, pararam, se recompuseram, e, de forma educada e organizada, conseguiram completar o seu caminho.

A fala do cobrador representou uma ruptura enorme, mas ao mesmo tempo, sutil. E é aí que reside sua beleza: suavemente, ela quebrou a ordem estabelecida. Rompeu aquele status quo do nosso cotidiano corrido, em que a educação e até mesmo o bom senso são deixados de lado, e predominam o individualismo e a filosofia do "matar ou morrer".

Aliás, essa rotina a que nos acomodamos, de pensar primeiro no nosso próprio conforto, é um grande contra-senso. Pensamos que nos sairemos melhores se tivermos que nos preocupar apenas com nós mesmos – afinal, o que importa, no caso do ônibus, é que eu consiga descer e chegar no meu destino o mais rápido possível. Porém, quando todas as pessoas pensam dessa forma, se estabelece o caos. Afinal, são vários indivíduos se amontoando em um pequeno corredor, em direção a uma porta estreita. Com essa confusão, as pessoas demoram mais para descer e, assim, se atrasa o percurso do ônibus. Dessa forma, toda aquela eficiência e velocidade que cada pessoa tinha por objetivo fica comprometida.

Logo, porque não fazemos como o cobrador e simplesmente rompermos com isso?

A preocupação com o coletivo não só é algo básico e necessário à nossa condição de seres humanos, como também pode melhorar e muito a nossa vida e a daqueles ao nosso redor. Acho que devemos começar a nos guiar pela máxima "se não puder fazer tudo, faça tudo que puder". Por mais clichê que soe, cada esforço pode sim fazer a diferença para mudarmos o sistema em que nos colocamos.

SOBRE NOVOS FORMATOS DE MÍDIA

Sempre que um novo formato de mídia surge, as pessoas têm dificuldade em lidar com ele, principalmente na criação de conteúdo. Acabam, então, usando a nova plataforma com conteúdo adaptado da antiga. Por exemplo, quando a câmera filmadora foi inventada, não se fazia cinema, filmava-se peças de teatro; quando o rádio começou a ser usado pelo jornalismo, o texto falado não era pensado para rádio difusão, e sim um jornal impresso era lido no ar. Com a internet acontece a mesma coisa. Muitas vezes, não se faz conteúdo pensando nas possibilidades e no funcionamento das ferramentas de internet e, quando se pensa, com exceções, é de forma incompleta e pobre. No site do Estadão, por exemplo, é possível ler todo o conteúdo do jornal - através de um arquivo em pdf, cópia exata do jornal impresso.

A SINCERIDADE

"A sinceridade, simples e certa dentro desta imensidão de pensamentos curiosos e espontâneos."

Este pensamento surgiu há alguns anos, quando comecei a trabalhar com educação infantil. Ele continua persistente e se mostrou comprovadamente verdadeiro. Sempre fui fascinada pelo mundo mágico que existe em meio à toda realidade tocável ao meu redor. E estar com crianças me mostra a cada dia como toda essa magia é real, presente e perfeitamente possível.

Nossa mente é capaz de coisas assustadoramente surpreendentes, e apesar de ter virado gente grande, não me permito, e não me é permitido por estes pequenos seres, de forma alguma esquecer minhas crenças infantis. Porque realmente, algo só não é possível se eu não quiser fazê-lo possível.

Dor quase sempre é de mentirinha, e logo passa. Tudo é real e sempre muito sincero. As crianças são sinceras como muitos gostariam de ser... e por que não são? Somos nós quem as ensina o alfabeto, o nomes das coisas, pronúncia, as horas, os porquês... Mas se pudéssemos por um instante deixar nossa profissão de educadores, cumprir as regras, horários, conteúdo... e ficássemos só a observar um mundo inteiro acontecendo pelos olhos de uma criança, não

voltaríamos nunca mais ao lado de cá. Sincero. Bom ou ruim, que te agrade ou não. A sinceridade basta:

- O seu desenho ficou lindo (e acho mesmo).
- Sua letra ficou feia. (Ué?! E vai dizer que não?)
- Aquela teacher é chata. Não gosto dela.
- O que você fez no seu cabelo? Tá meio estranho.
- Pra que você quer aprender japonês? Não vai te servir pra nada!!
- Muito bonito seu casaco, teacher.
- Meu pai disse que não gosta muito do seu pai.
- Ela que é a sua irmã? Ela é mais bonita que você, né?!

Acredito que uma das maiores falhas do processo de educação de uma pessoa é sermos ensinados a deixar de acreditar. Eu fui ensinada a deixar de acreditar. Nasci nesse mundo e tentam me convencer que é assim mesmo... é assim que as coisas funcionam. O conformismo é a regra.

Acho que trabalhar com crianças virou um pouco do meu escape. Eu POSSO acreditar no que eu quiser. Eu POSSO fazer acontecer o que quiser. Eu POSSO dançar na chuva com meu guarda-chuva colorido. Eu POSSO chorar em qualquer lugar se eu estiver precisando disso. Eu POSSO sujar toda minha roupa pelo simples prazer de me sujar. Eu POSSO dar um grito bem alto pra me libertar de um sentimento, por mais que não me entendam muito bem. E tudo bem, e todo mundo pode.

Faz tão bem poder tudo isso. E cada criança, com quem eu passo cinco minutos que seja, me ensina um mundo de possibilidades, um mundo lindo e muito colorido, por mais que as vezes preto e branco.

Ensinar o alfabeto, a ler e a escrever, é muito, MUITO pouco comparado ao universo de conhecimento (re-conhecimento) que essas criaturinhas nos trazem. Por mais que nosso trabalho seja difícil, cansativo e muito delicado, ao fim de um dia é gratificante perceber que elas aprenderam o que você lhes trouxe naquele dia. No entanto, dormir e "saber" pensar e criar tantas coisas gostosas, divertidas, coloridas, lindas..... aprender a viver (re-viver) criativamente é incomparavelmente mais gratificante.

Precisa-se de crianças para pintar essas mentes cansadas e preguiçosas por aí.

COMO SE FOSSE A PRIMEIRA VEZ

A segunda-feira despreziosa e fria de hoje me proporcionou uma das experiências mais significativas dos últimos anos: flocos de neve caíam singelamente sobre ruas, carros, árvores e guarda-chuvas em Barcelona.

Vi neve pela primeira vez.

A reação imediata foi abrir a janela e tentar "pegar" alguns flocos cheios de graça. A segunda, sentar-me e admirar a beleza daquela cena. Os flocos dançavam, convidativos. A terceira foi, portanto, vestir roupas adequadas e entregar-me à euforia de experimentar algo novo. Queria mergulhar naquele quadro, fazer parte da paisagem.

Senti-me uma criança vendo o mar pela primeira vez.

Não lembrava qual era a sensação de ter contato com algo completamente novo.

Foi quando olhei para as pessoas ao meu redor: entregadores de materiais de construção descarregavam suas cargas; motoristas seguiam apressados; mães arrastavam crianças de um lado para outro; tiazinhas e tiozinhos se encolhiam em seus cachecóis.

E ninguém – nem as crianças! – parecia sequer notar que um fenômeno de beleza extraordinária estava acontecendo naquele exato instante. Apatia generalizada. "Cada um no seu quadrado" (hit inventado por uma tal de Sharon, que certamente sem querer revela um monte de verdades sobre a sociedade em que vivemos).

Tudo bem, as pessoas já devem ter visto neve outras vezes e isso já é algo incorporado às suas rotinas (quer dizer, mais ou menos: em Barcelona não nevava como hoje desde 1962). Tá, mas essas pessoas devem viajar para outros países da Europa onde há neve. Enfim, de um jeito ou de outro, aquilo não era para elas nenhuma novidade.

Nesse momento pensei em quantas vezes vi o mar pela primeira vez. Ou admirei o pôr-do-sol pela primeira vez. Ou comi arroz, feijão, ovo e tomate pela primeira vez. Temo que somente uma, quando eu era criança. As outras todas eu desperdicei ou, inconscientemente, banalizei.

Propus a mim mesma, então, o exercício de manter a inocência do olhar para todos os fatos da minha rotina: de escovar os dentes (já notou quão automaticamente você faz isso?) a aconchegar-me numa cama confortável (em geral, deito já com sono e capoto).

Resolvi tentar perceber cada situação habitual como se fosse a primeira vez. Há uma comédia romântica com esse nome, aliás. Henry é um veterinário que se apaixona perdidamente por Lucy.

O problema é que ela sofre de perda de memória de curto prazo, e se esquece de fatos que acabaram de acontecer. Henry, então, é obrigado a conquistá-la dia após dia.

Talvez fôssemos muito mais autênticos se nos permitíssemos olhar para os fatos cotidianos de maneira espontânea. Se hoje, por exemplo, eu estivesse na TPM, provavelmente veria a neve pela primeira vez e não ficaria eufórica – ainda que igualmente maravilhada; sentiria frio, cólica e sairia de casa apenas e tão somente se chovesse chocolate ao leite.

Como seria beijar meu marido pela primeira vez todos os dias? E conversar com uma velhinha na rua? E comer pão com manteiga? E dar bom dia sorrindo para o cobrador de ônibus? E ouvir um bem-te-vi te acordando de manhã?

O problema é que nos "calejamos" das coisas. Já tentou tocar violão? Seus dedos doem até que calejam. Você, então, se acostuma e consegue tocar sem se machucar.

É quase isso o que fazemos (inconscientemente ou não) todos os dias para nos proteger, talvez. Ligamos o botão automático para as coisas que consideramos "banais" e saímos por aí ignorando o que um dia talvez nos impactou ou importou.

Se caminarmos para o outro extremo desse exercício, podemos pensar em como reagiríamos se olhássemos pela última vez para a neve (ou para seu pai, para seu doce preferido, para seu chefe ou para o que você quiser colocar no lugar). Também há diversos filmes que tratam esse tema e mostram que, à iminência da morte, o ser humano busca amor, amizade, diversão, prazer, acolhimento.

Uma frase de papel de carta cujo autor desconheço marcou minha infância: "o trabalho pode esperar; o arco-íris não".

Quando identificamos o que tem valor real, o que nos toca o fundo da alma, o que nos move, o que nos sensibiliza o coração, deveríamos simplesmente ser coerentes e agir de maneira a priorizar as coisas certas. E não ceder a pressões que nos impelem a seguir padrões de comportamento, de estética e até de valores.

O problema é que você e eu temos memória curta. Daí a necessidade de – antes de desesperar-se, de sentir-se culpado, de tratar alguém como não deveria, de buzinar sem motivo real, de não "perder tempo" com quem realmente merece nossa atenção – rever prioridades. Todos os dias.

Quando conseguirmos nos desprender de nossos calos comportamentais e olharmos à nossa volta como se fosse a primeira – ou a última – vez, talvez nos surpreendamos ao sentir-nos livres e leves como flocos de neve.

MUDANÇAS

Muitos de nós vivemos nossa vida de sempre, sem buscar mudanças necessárias, porque não conseguimos tomar decisões com medo de suas consequências. Por exemplo, suponhamos que a vivência da decisão tomada seja como uma paisagem que pode ser avistada da janela de seu quarto.

Se você está no seu quarto e quer olhar para fora, você precisa abrir a janela. Mas se você a abre, os mosquitos entram, o que é muito incômodo. Mas é uma consequência lógica, um preço que você tem que pagar para ter o contato com o externo. E não querendo pagar este preço, o que você faz? Abre apenas a veneziana da janela e mantém o vidro fechado à sua frente, vendo o exterior através dele. Assim, os mosquitos não entram e você ainda assim consegue olhar para fora. Mas você NÃO ESTÁ de fato em contato com o que está fora. Você pensa vivenciá-lo, mas é uma falsa impressão.

É assim que muitas vezes sinto a vida: olhando-a através de uma janela de vidro. Não tenho coragem de expor-me à realidade pois não quero as consequências ruins (isso porque nem sei se existirão e quais são). Então, vivo olhando para fora, mas vivendo do lado de dentro. Angustiado e almejando o que está fora, mas sem coragem para encará-lo. Afinal, é muito melhor o espaço de dentro de meu quarto, já delimitado por outrem e seguro para mim. Lá fora... para onde ir??

Como não sei, melhor só olhar pela janela mesmo, vendo os infinitos caminhos possíveis, e sonhar com eles acreditando que qualquer um é melhor que o meu quarto... mas certa de que se abandonasse tudo para escolher um deles, este me traria mais arrependimentos do que se houvesse ficado em minha segurança estável.

O ARQUITETO E A HABITAÇÃO PARA TODOS

Quando chove na cidade, tudo muda, literalmente "a casa cai " para muitos brasileiros que constroem lá no morro ou perto de um rio! Triste sina social de nossos irmãos!

Necessário se faz projetar e construir com sustentabilidade respeitando a natureza e, ainda mais, ter acesso a uma orientação técnica e dinheiro para adquirir uma habitação!

A habitação também é palco onde seu morador tem que se sentir como "um ator aplaudido e não vaiado"! Nossa casa tem que ser bonita, útil e segura. Devo, eu arquiteto, responder com muita criatividade e responsabilidade aos problemas da habitação para todos, aos problemas do ter e do ser... da "minha casa, meu castelo"!

A CRIANÇA NO SEU RITMO

Há mais ou menos vinte dias, aceitei um trabalho de monitora em excursões infantis. Como estou estudando Educação Infantil, pensei que esta seria uma ótima oportunidade de conhecer melhor as crianças, principalmente na sua faceta mais verdadeira, já que se tratava de lidar com situações lúdicas: passeios, jogos, cantigas de roda, visitas à fazenda, entre outras coisas.

Minha experiência durou apenas sete horas. E passadas essas sete horas, cheguei a duas grandes conclusões: em primeiro lugar, percebi que tudo o que podia fazer aquelas crianças realmente felizes estava proibido ou regulado. E em segundo lugar, me dei conta de que muitas vezes catalogamos as pessoas e nos esquecemos de suas necessidades e principalmente de suas capacidades.

No que se refere à minha primeira constatação, devo dizer que todas as brincadeiras realizadas na excursão eram estritamente cronometradas e não importava se o grupo se interessava mais por uma atividade específica ou por outra, o importante era seguir o planejamento da excursão à risca, sem perder o ritmo: "Dez minutos em cada jogo porque é preciso obedecer o cronograma!".

Percebi que os organizadores das excursões, por serem adultos e viverem num mundo de regras e horários, transportaram essas obrigações às atividades infantis. O fato de que aquelas crianças estavam reunidas naquele local e contexto para se divertir e brincar foi totalmente esquecido por uma questão de "aproveitamento do tempo".

Mas que tempo? O tempo do adulto ou o tempo das crianças? No mundo infantil, a quantidade de minutos ou horas que cada um precisa para se sentir saciado com um determinado jogo é diferente. As preferências por cada uma das atividades oferecidas também é diferente. Havia quem preferia passar horas olhando os animais e havia quem queria plantar e regar as sementes. Havia quem queria correr e havia quem queria cantar. Existe coisa mais absurda que interferir de maneira rigorosa em uma brincadeira porque é hora de começar outra diferente?

Mas o que mais me perturbou naquela excursão foi o que posteriormente me levou à segunda constatação. No momento da chegada das crianças, uma professora se aproximou de mim e me apresentou um de seus alunos. Trazendo um garotinho de 5 anos pela mão, ela me disse: "Este é o Alberto, muito cuidado com ele. Ele é autista." Me passou a mão do garoto como quem passa uma coleira e foi embora.

O Alberto era um menino encantador. Nunca havia tido contato com uma pessoa autista e não sabia exatamente por que deveria ter cuidado, mas respondi à professora que tomaria conta dele. Havia lido algo a respeito do autismo no material do meu curso, coisas que ficaram gravadas na minha memória, dizendo que os autistas têm dificuldade de relacionamento, que

muitas vezes provocam movimentos repetitivos e não demonstram sentimentos. Mas isso não é totalmente verdadeiro.

Comecei meu passeio com o grupo de crianças, segurando forte a mão do Alberto para que ele não se soltasse. Não precisei de muito tempo para perceber que ele não queria seguir o cronograma dos jogos. Aliás, nenhuma daquelas crianças queria, mas dentro do possível, a maioria me obedecia, porém o Alberto parecia não me dar a menor atenção e tentava se liberar do meu aprisionamento.

Foi então que me perguntei: por que devo mantê-lo o tempo todo ao meu lado? Simplesmente porque ele foi classificado como autista? Soltei a mão do Alberto e ele saiu correndo. Corria, pegava pedrinhas do chão e jogava para o alto. Corria, mas não se afastava muito do resto do grupo. E quando eu tentava agarrá-lo, ele me olhava, sorria e corria ainda mais. Me enchia de felicidade ver como o Alberto sorria, ver que ele demonstrava seu sentimento através desse jogo. E em determinado momento, enquanto as crianças visitavam os animais, o Alberto veio correndo em minha direção, pulou no meu colo e começou a dizer com grande entusiasmo: "A vaca! O cavalo!"

A essas alturas da excursão, eu mesma já tinha desobedecido o cronograma, deixava que o Alberto corresse e se divertisse à sua maneira e tentava manter as crianças reunidas, mas cada uma delas fazia o que realmente queria.

Conclusão: terminada a excursão, as crianças foram embora e os monitores se reuniram com a coordenadora geral. Todos os monitores estavam de parabéns pelo seu desempenho, exceto eu. A coordenadora terminou os elogios, me olhou nos olhos e disse: "Graziella, você foi um desastre. Seu grupo não tinha nenhum controle, havia um garoto que corria sem parar e você não obedeceu o cronograma conforme o que foi combinado. Espero que da próxima vez você se esforce um pouco mais".

Preferi não responder tudo o que pensava, disse apenas: "Fiz o melhor que pude." Caminhei até a sala de Recursos Humanos e avisei à responsável que não seguiria naquele trabalho.

Enfim, posso afirmar que na etapa infantil, as brincadeiras e jogos são a melhor maneira que as crianças têm para adquirir conhecimentos, desenvolver habilidades motoras e sociais. Se os adultos permitem que as próprias crianças escolham as atividades que preferem desenvolver, ambos saem ganhando com os resultados, pois as crianças adquirem auto-confiança e os adultos podem chegar a entender um pouco mais do que cada uma delas precisa, gosta, não gosta ou é capaz de fazer. Não se trata de não dar atenção ao que as crianças fazem, mas sim de acompanhá-las no seu crescimento seguindo seu ritmo, não o nosso.

CARTA A UMA QUERIDA AMIGA

Incrível como somente nesta fática noite de quinta-feira, pós trânsito pesado, dia lotado de compromissos e um cansaço interminável eu pude sentir o quanto você é importante para mim (e, Deus, como me fará falta!). E não escrevo porque não saiba o quão importante você é na minha vida – é claro que eu sei! Mas sentir é diferente de saber... e hoje, para mim, é tão difícil sentir!

Confesso que num primeiro momento me bateu uma preguiça: lhe buscar, dirigir mais, procurar estacionamento, saber que chegaria tarde em casa...e pior – ouvir todas as suas histórias felizes quando eu mesma estou num mau-humor massivo. Chata, né? Pior, egoísta...

E então lhe pego. Com um carinho interminável você tolera a minha busca pelo "lugar em que eu iria querer estar". Com um sorriso no rosto, aceita a minha sugestão (que já deveria ser a quinta). Eu me sento, já mais tranqüila, com minha camisa branca, cabelos presos e um copo de chopp na mão (assim como todas as outras dezenas de "executivos pós expediente" estavam fazendo). Você... radiante! Vestido colorido, Sol na pele e batida de coco: definitivamente não pertencia àquele lugar.

Eu: tento controlar meu ímpeto em reclamar do trabalho.

Você: disposta a falar sobre qualquer assunto apenas para estar ali ao meu lado.

Eu: consigo, e puxo papo sobre a sua Lua de Mel (afinal, seu doce, simples e chique casamento havia acontecido a menos de uma semana).

Você: discorre sobre o assunto, de maneira leve, sem grandes detalhes, mas com uma alegria de contagiar.

Eu: cada vez mais leve, me contágio pelo seu sorriso.

Você: puxa assunto sobre mim, afinal, você sabe o quanto eu – Chaaaata – gosto de falar de mim.

Eu: prontamente! Começo a falar sobre as aventuras amorosas do final de semana e a minha eterna tendência em encontrar caras tão complicados e "profundos" quanto eu.

Você: com seu carinho, escuta, se diverte, da risada e afinal, aconselha com a maior paciência do mundo.

Eu: cada vez mais feliz em me ver retratada em seus olhos como uma pessoa, afinal de contas, especial.

Nós: entramos em detalhes cada vez mais divertidos das situações, e recordamos fatos (que já podem ser chamados de históricos) e então simplesmente olhamos uma pra cara da outra: e RIMOS!!! RIMOS!!! RIMOS!!! Como só nos duas juntas (ok, ok, acidione-se aí o Alê) podemos fazer.

E então, o maridão chama ao telefone – e você precisa ir, para sua nova e já presente linda vida.

E eu volto – para o meu carro – com o coração leve, as tensões desaparecidas, feliz!

Nem sequer lembrava mais do dia pesado e estressante...

Para mim você é isso, querida, minha irmã amada. Acho até que mais velha, dada sua doçura, carinho, paciência de monge... Não poderia ser mais nova – Jamais!! Você é a presença que consegue mudar o meu dia apenas em estar perto. E me faz rir das maiores besteiras do mundo. E me faz me enxergar como uma pessoa melhor do que muitas vezes acredito que sou. E também me dá bronca, aconselha e ta lá../.. ainda que eu fique meses a fio sem te ver. E para mim, isso sim, é amizade!

RELAÇÕES MAQUINAIS

O gosto por cactos e o sucesso no cultivo de cinco exemplares de totens desérticos me levaram a construir um pequeno jardim com vinte e sete espécies de plantas na sacada do meu apartamento. Hoje, um ano depois de iniciar a plantação, posso me declarar aprendiz de jardineira. E, como aprendiz de jardineira, sei que cada planta tem necessidades específicas de umidade, luminosidade, adubo, poda e espaço.

Um geranto precisa ser regado duas vezes ao dia, um pé de lavanda fica bem com duas ou três regas por semana, mas precisa ser podado de quinze em quinze dias, pois cresce quase no mesmo ritmo que o boldo-do-chile.

Minha primeira idéia ao contabilizar tantas tarefas foi montar um calendário. Em pouco tempo, tornei-me uma jardineira eficiente. Seguir o calendário era divertido, pois media a minha disciplina. O problema é que, com mais tempo, percebi que as plantas, sua saúde, seu aspecto, suas flores, frutos e cheiros pouco importavam na minha ânsia de seguir o método. Inconscientemente, com a melhor das intenções (manter meu jardim bonito), desliguei-me do jardim e passei a me relacionar com o método. As roseiras, o herbário, as orquídeas, a pimenteira passaram de protagonistas a figurantes de uma trama que poderia chamar-se O Método e a Jardineira Estéril.

Na semana passada, acordei da hipnose técnica. Vi que o sistema constitui uma barreira, uma cortina que intermedeia a minha relação com a natureza. Relação que, se baseada em olhar atento e sensibilidade, exclui a necessidade de controle inorgânico. Se eu colocar o dedo no vaso da romãzeira, saberei se ela está ou não com sede (muitas vezes, reguei o solo ainda úmido porque o calendário mandava). O brilho das folhas da Ixora me informa se falta algum nutriente e o lírio da paz amarela se estiver com insolação. São sinais muito claros e muito simples, que não exigem nada além de tato, visão, olfato e disponibilidade para o outro – que, neste caso é a natureza. Se me apegar à tabela, perco a planta, desvinculo-me de seu fluxo natural que, justamente por ser natural, não é linear, não obedece ao tempo cronológico e muito menos às minhas regras.

Ver-me iludida na obediência de um cronograma de jardinagem, despertou-me para outras relações esvaziadas de sentido que mantenho. Por exemplo, quando rotulo as pessoas à minha volta. O rótulo é um organizador do mundo, na medida em que, com ele, eximo-me de observar atentamente as mudanças diárias das pessoas. Todo mundo muda (como as plantas) diariamente. Somos sempre um gerúndio, um sendo. Colocar um rótulo é definir, é usar o verbo ser, quando deveríamos usar o verbo estar. Com o rótulo, atribuo ao rotulado estabilidade que é ilusória. Facilita, pois não exige o esforço e a disponibilidade da atenção. Mas, por ser ilusão, nos distancia. Deixo de enxergar o movimento vital e misterioso (que se assemelha a uma dança, já que, quando um dos parceiros muda o passo ou o ritmo, o outro é levado a alterar sua participação também) e passo a consumir o rótulo. Perco a pessoa e a riqueza que pode advir de uma relação que cresce sob olhar atento dos envolvidos e, quando (e se) me der conta, talvez veja que a pessoa que achava existir morreu e eu fiquei com uma embalagem vazia nas mãos. Fica, então ainda mais linda a fala de Riobaldo, em Grande Sertão: Veredas: "O senhor mire e veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando..."

Com esse insight, passou a fazer muito mais sentido a frase "amor é atenção", de Arnaldo Bassoli (psicoterapeuta e facilitador de grupos de diálogo) no artigo Sobre o Diálogo, no livro Conviver para Crer, dos autores Felipe Fagundes e Leonardo Barbosa. Atenção para a transformação (esta sim permanente) do outro e da própria relação. Atenção é acolhimento, inclusive da diferença. Acho, aliás, que a dificuldade reside, principalmente, quando há o imperativo de se atentar para o diferente, que se transforma em ritmos e direções outras que os meus e, portanto, possui outras demandas.

No filme Avatar, de James Cameron, fica exposta a incapacidade do ser humano iludido pela profusão técnica de ouvir, atentar, acolher o outro, que, no caso, são os habitantes de Pandora. Os cientistas terrestres, em busca de reservas valiosas no subsolo do planeta de criaturas azuladas, oferecem estradas, escolas, veículos etc. para que eles liberem o tesouro. Tudo como se os Na'vi fossem iguais aos humanos, com as mesmas necessidades. Ou seja, sobre os Na'vi colocou-se um rótulo ("são como nós"). A partir desse momento, fechou-se a possibilidade de uma relação verdadeira, de aprendizagem e crescimento para ambos os lados e abriu-se a temporada (mais uma) de unilateralidade e surdez.

Retomando o tema inicial, eu serei para sempre aprendiz de jardineira, porque me dizer jardineira pronta é fechar-me para a novidade sempre permanente do jardim.

BANALIDADES BRILHANTES

No filme Pingue-Pongue da Mongólia (2005), dirigido por Hao Ning, o pequeno Bilike, que vive com a família isolado numa região rural da Mongólia, encontra uma bola de pingue-pongue (objeto que

nunca tinha visto antes). A bolinha é tão misteriosa que se torna receptáculo de toda a imaginação de Bilike. O que é aquilo? Uma pérola deixada pelos espíritos que moram no rio? Um ovo? Um tesouro perdido? A bola ganha significado, toma o centro da vida de Bilike e de seus amigos e eles iniciam uma jornada para desvendar o enigma.

A fotografia do filme é minimalista, as cores são acinzentadas como acinzentado é o dia-a-dia das pessoas daquele lugar. Não porque seja triste, mas porque é monótono. O aparecimento da bola é mágico, mas o filme segue no mesmo ritmo, com as mesmas cores. Acho que a sensibilidade está justamente no fato de que a vida segue apesar da ruptura estrondosa na existência de Bilike. Ruptura a partir do enigma - porta para um mundo insondável. A transformação do menino é ao mesmo tempo sutil e devastadora como foi o filme para mim. Não há momentos gloriosos, de explosão emocional. Pelo contrário, como disse, tudo continua cinzento aparentemente. A revolução não se dá aos olhos, mas se insinua, como o canto de uma sereia que se esconde entre as pedras e inicia o marinheiro que pula no mar e morre para renascer encantado.

Na vida real, acho que sempre encontramos objetos, pessoas, canções, ideias, que são a bolinha de pongue-pongue de Bilike. De repente, um sem-número de significados e perguntas emergem de algo banal e esse algo banal passa a ocupar o centro do universo. Deixa de ser algo banal e é revestido de tesouro. Isso porque, de alguma forma, por um caminho tortuoso, nos remete ao que é essencial na vida e à pergunta mais fundamental sobre o sentido da existência. E, quando nos damos conta (pelo menos, é assim comigo), vemos que o que era a pérola mais preciosa do reino serviu apenas de gatilho. Todo o questionamento, o potencial de transformação estavam dentro de nós, mas não tinham via de expressão. Foi preciso que, no momento certo, aquele objeto aparecesse com a chave perfeita para abrir a porta. Dessa forma, o objeto é promovido a paradoxo, por ser, ao mesmo tempo, tesouro (porque, sem ele, talvez nada se desse) e banalidade (porque é apenas um objeto qualquer, talvez idêntico a tantos outros, sem nada de especial).

Lembrei-me de uma frase do Heidegger, citado por Guy Van de Beuque, em *Experiência do Nada* como Princípio do Mundo: "No poeitar do poeta, como no pensar do filósofo, se instaura tal mundo, que qualquer coisa, seja uma árvore, uma montanha, uma casa, o chilrear de um pássaro, perde toda a monotonia e vulgaridade".

ESSA JUVENTUDE

Ontem descobri na pele o que é o choque de gerações!

Estou eu, mais uma vez, no trem indo trabalhar... eis que entram no meu vagão uma mãe e sua respectiva filha, uma menininha de no máximo 5 anos. A menina olha pra um lado, olha pro outro e reclama: "mãe, aqui não tem nada pra eu brincar!"

Até aí, tudo sobre controle... tadinha, realmente o trem lotado de pessoas engravatadas não me parece um lugar muito lúdico! Mas foi então que aconteceu... a mãe, compadecida do tédio da filha, tirou o seu "palm última geração" da bolsa e entregou pra menina que, com a maior naturalidade do mundo, encostou em um canto, pegou a canetinha e começou a usar!! E eu me perguntando... como assim?!!

Ok, não é que eu seja uma mega conhecedora das novas tecnologias... mas também não sou daquelas que bate no computador achando que ele vai funcionar mais rápido!

Mas nunca, jamais, em nenhum momento da minha vida manipularia um palm com a desenvoltura que a menina demonstrou... sim, a tal menina de 5 anos!!!

Agora, o que me inquietou mais do que o fato das crianças de hoje brincarem com palmtops enquanto eu brincava de Barbie e assistia Glub Glub, foi a constatação de que a minha reação de incredulidade diante desse episódio foi exatamente a mesma das senhoras de 60 anos que estavam no trem!

Será mesmo que nesse mundo veloz e pós-moderno, 15 anos de diferença já são suficientes pra nos tornar pessoas ultrapassadas?!

CUSTO X BENEFÍCIO

Experiência sociológica de uma sexta-feira a noite:

1o momento: lotação abarrotada, sem chance de entrada pela frente.

O motorista pára no ponto e gentilmente abre a porta de trás, deixando subir sem pagar meia dúzia de passageiros que se comprimem no espaço ocupado habitualmente por meia pessoa. ("mas tudo bem, afinal não tive que pagar...")

2o momento: 5 min depois, outra lotação da mesma linha logo atrás, sem ninguém.

Aperta-se o botão de parada, a meia dúzia de caroneiros desce e vai sorrindo pagar pra entrar na lotação de trás. ("pensando bem, são só R\$ 2,30...")

Constatação: o preço percebido da passagem está diretamente relacionado à quantidade de espaço disponível.

MUNDO DA LUA

Percebi que olhar pra lua faz com que eu sinta o mundo menor... saber que alguém longe enxerga a mesma lua que eu parece encurtar consideravelmente as distâncias.

Mas porque será que eu não penso a mesma coisa do sol?!

TOLERÂNCIA ZERO

Mais um pensamento da série "choque de gerações":

Pois bem... mudam os conhecimentos, mas fica sempre a dificuldade do aprendizado e, sobretudo, a intolerância do ensinamento!

Hoje entendi na prática que aquela tão criticada impaciência que minha mãe tem em me ensinar a cozinhar ("não! não é assim.. você tá batendo a clara em neve errado! é tão simples... dá aqui, deixa que eu faço!") é exatamente a mesma impaciência que eu tenho em ensiná-la a mandar um simples email... ("mãe, é só clicar em "escrever email"! e ai?!! ai escreve e envia! aonde?!! no botãozinho "enviar", onde mais?! é tão autoexplicativo... dá aqui, deixa que eu faço!")

Curioso, não?! Aliás, será que eu também sou criticada?

AS ÁRVORES

Acho que essa ideia começou enquanto eu via um filme do Godard (Pierrot Le Fou - 1965) e em um dos pensamentos do protagonista se diz algo como "Nós somos mortos em liberdade condicional. E as árvores?". Eu gostei da poesia da frase, o que me fez gravá-la. Mas além disso ela tinha um enigma intrigante: nossa morte é certa, então somos mortos em liberdade condicional, ok. Mas porque as árvores também não seriam, já que elas morrem que nem nós? Fiquei ruminando sobre isso. Há pouco tempo comecei um curso de filosofia, que na verdade é um curso de filosofia e artes misturado. Nele a professora disse que era importante conviver com o vazio. Eu perguntei "preenchendo esse vazio, certo?". E ela respondeu que não, só convivendo com o vazio mesmo, tal qual é ele. Era isso a resposta para a minha pergunta. Sim, as árvores morrem, que nem nós. Só que elas sabem viver com esse vazio que nos antecede, e nos precede. Elas sabem viver paradas em um lugar só, independente do que houver ao redor - independente do vazio. Acho que esse é o motivo para a petição de liberdade delas.

A NEGUINHA DE ARGILA

A neguinha é uma das habitantes da estante na sala do meu apartamento. Vivia junto com o busto da japonesa que segura as chaves, e com a galinha d'angola que comporta dois baralhos. No almoço, hoje, percebi uma bolinha no chão. Peguei. Era a cabeça da neguinha. No primeiro instante foi macabro, mas depois eu até achei engraçado meu apego com as coisas inanimadas da casa. Ainda sim era uma representação de morte bem forte: decapitação. Ontem, na aula de filosofia, falávamos de Victor Hugo. Foi inevitável: fiquei tentando imaginar a revolução francesa que antecedeu o escritor. O terror das guilhotinas. E quantas vidas frágeis, assim, de argila, acabavam no chão despercebidas.

REFLEXÕES ACERCA DA CIDADANIA

Esse texto pontua resumidamente alguns marcos da história do homem e da sociedade e traz reflexões sobre a cidadania, tema presente em meus estudos recentes.

O homem, ao longo de sua existência, organizou-se em grupos para alcançar melhores condições de vida e garantir a perpetuação da sua própria espécie. Nascia a sociedade.

Ao mesmo tempo em que o homem se organizava em sociedade, o desenvolvimento de um aparato específico permitiu a ele relacionar-se consigo mesmo e com os seus pares. Estamos falando da linguagem e do pensamento.

Diretamente ligado a esse novo arranjo, surgia o primórdio do processo cultural. Por meio da linguagem, no correr dos séculos, o homem passou a acumular conhecimento. Teve início, então, a cultura.

Este conhecimento acumulado, transmitido de indivíduo para indivíduo, por meio da linguagem, dos valores, dos estereótipos etc. permitiu a manutenção dos costumes. A isso chamamos educação.

As sociedades cresceram, dominaram umas às outras, colonizaram, interligaram-se e, finalmente, globalizaram-se. A estrutura do poder, surgida desde a primeira relação social estabelecida, está presente, hoje, nas nações, nas mais variadas formas. Cada indivíduo deve saber, minimamente, como se dão essas relações de representatividade para ser capaz de viver em plenitude de direitos e deveres. É necessário compreender a normalização e as instituições políticas. Isso é cidadania.

Em uma época em que a saturação da informação, a intensa produção midiática e a geração de conteúdos próprios exercem grande influência na formação dos sujeitos e na forma como estes

apreendem a realidade, as ações, em geral, necessitam ser pensadas sob uma nova perspectiva educacional e comunicacional, capaz de criar ambientes comunicativos democráticos e participativos, que contemplem uma leitura crítica da realidade, dos meios de comunicação e, finalmente, possibilite o empoderamento da sociedade e leve os indivíduos ao protagonismo social. Faz-se fundamental a educação para a cidadania.

O ESTADO NÃO SOU EU

Ontem vi um filme chamado Maria Antonieta, em que 90% do tempo se passa na Versailles de Louis XVI. Foi curioso perceber que pessoas realmente viveram ali; isso porque quando fui ao palácio associei diretamente o lugar aos fatos históricos, ficando o cotidiano fantasioso relegado a segundo plano.

Mais do que simples casa de bonecas em tamanho natural, ontem o lugar abrigava em meio à madrugada festas intermináveis, um sonho de cores, sabores e extravagâncias. Peguei-me certa hora quase acreditando que não existia mundo fora dali, e tal qual um expectador, sussurrava: "cuidado, lá fora o povo está cada vez mais fora de controle". Mais tarde questionei minha suposta onisciência: quem estava fora de controle, os Versailles ou os não-Versailles?

Sempre brinquei sério dizendo que vivemos em uma bolha, daquelas coloridas que contém as pessoas sem idéia do verdadeiro mundo que as cerca. Se no hoje existem outras e várias bolhas, com certeza aquela dos jardins perfeitos e dos grand petit Trianons era uma das mais difíceis de estourar. Carregada de sentidos, fez-se invisível para aqueles que mais encantava e insensível para quem a olhava de fora.

SUPERMERCADOS

Eu sempre acho uma experiência prazerosa passear entre as prateleiras do supermercado. Gosto de observar como as pessoas se relacionam com suas compras, de imaginar o que elas irão fazer com os produtos comprados, como eles podem ser misturados ou até o que esta faltando para a receita ideal. Eu simplesmente me perco em pensamentos sobre a vida de terceiros que quase sempre esqueço de comprar algo da minha própria lista mental. Fora esses pequenos devaneios, uma ou vez ou outra uma simples compra me levou a refletir sobre aspectos humanos mais importantes. Esse é o caso desse texto.

Outro dia fui ao supermercado com meus amigos antes de uma festa comprar cerveja. Somos todos estudantes, portanto, o preço tem bastante influência na decisão de compra. Natural que seja assim, mas dentro de uma gama de cervejas com preços semelhantes como iríamos

escolher a loura que nos acompanharia pro resto da noite? Um disse que já havia experimentado X e que era saborosa, outro disse o mesmo de Y, e assim iríamos chegar a um veredicto, baseado em um denominador comum das preferências pessoais. Eis que alguém sugere que escolhêssemos a cerveja que tivesse o maior teor alcoólico. Para minha surpresa, todos concordaram.

Essa situação me deixou confuso, e percebi que ela retrata muito bem um pensamento bastante recorrente na sociedade. Um raciocínio lógico extremamente funcionalista. No caso acima, a suposição que se pode fazer é que se bebe cerveja com o pura e simplesmente pra se embriagar. O processo é ignorado se o objetivo final for alcançado. Quanto a cerveja deixa-se de lado o desfrute do sabor, o momento compartilhado entre amigos e tudo que envolve uma relação social. O encontro, assim, parece ser voltado a meta de todos se entorpecerem, para finalmente nesse estado, serem capazes de se divertir.

Pode-se pensar que estou criticando a situação desnecessariamente, sendo um velho rancoroso que não compreende a juventude ou ainda querendo discutir o problema do alcoolismo através de uma situação extremamente banal. Longe disso, apenas percebi que se trata de mais um exemplo de como muitas pessoas levam suas vidas, ou seja, as transformando em uma espécie de plano de metas. Emagrecer, enriquecer, conseguir um diploma, um posto de trabalho e assim por diante, são encarados como um fim em si próprio. Sobre os anseios humanos dois pontos me preocupam. O primeiro diz respeito ao porquê de determinado desejo; na realidade, simplesmente, todos procuramos a bendita felicidade. No entanto, a que preço? A resposta é extremamente pessoal, mas me leva ao segundo ponto. No final de nossas vidas o que terá mais importância: aquilo que conquistamos ou a forma como as conquistamos? Nem precisamos ir tão longe, basta refletirmos em situações corriqueiras. Matar a fome até me empanturrar com qualquer coisa ou ingerir menos, mas do meu prato preferido? Ganhar uma partida ruim e sem emoção ou perder jogando bem e com alegria?

Não quero entrar no clichê, dizendo que o que importa é a jornada e não o ponto de chegada. Principalmente quando se trata de uma situação banal como a contada no começo do texto, cada um faz o que bem entender. O problema é quando esse pensamento "finalista" traz implicações a outras pessoas. Exemplos não faltam: corrupção, trapaça, injustiça, difamação e assim por diante existem da necessidade de se conseguir um resultado a qualquer preço, sem levar em consideração o processo, ou melhor, buscando sempre o caminho mais fácil.

No caso do supermercado, comprei minha cerveja preferida e a apreciei enquanto conversava com alguns amigos, se fosse apenas para me embriagar poderia tomar álcool Zulu em casa e só depois sairia para a "diversão de verdade".

PORQUE NÃO DIVULGO MEU TCC

A vida muda o tempo todo no mundo. Piegas, clássico e corretíssimo. A minha então, tem mudado tanto que nem sei mais um monte de coisas sobre mim mesmo. Quando pensei em escrever esse texto, era outra pessoa, muito diferente. Aliás, porque mesmo que decidi terminar de escrever agora? Não tenho a menor ideia.

Pode ser justamente por isso, pra tentar lembrar um pouco daquele outro eu de poucos meses atrás. Mas não resgatá-lo, não faz sentido. Uma das principais mudanças que percorri me prova que o importante é aceitar tudo o que aconteceu de peito aberto e procurar sempre melhorar.

Muito antes desses meus eus, vem um outro que praticamente sumiu de um ano pra cá, e que será o protagonista desse devaneio tão tonto.

Se existe algo que não muda em mim, é um receio de se pronunciar abertamente sempre através de textos. Sou um livro com muitas páginas abertas, mas a leitura delas eu gosto que seja feita de forma oral, num papo. É assim que compartilho minhas introspecções, sejam elas angustiantes ou cativantes.

Quando digo que não muda, não é uma afirmação absoluta, como nada na vida. Já foi diferente, já escrevi mais. Poucas vezes sobre mim de forma explícita. Muitas vezes sobre mim de forma lúdica, ficcional ou simplesmente disfarçada. De um jeito ou de outro, me contradigo, nem que seja um pouco. Afinal, não escolhi uma profissão onde tudo o que faço é escrever? E cada texto, por mais besta ou deslocado que seja, carrega um pouco do que penso e vivo.

Só que de um tempo considerável pra cá acredito que o efeito das opiniões ditas cara a cara é muito mais forte. Muito mais impactante dentro de mim. Há anos meus amigos me pedem para escrever mais, para fazer um (na verdade milhares) de blogs, para compartilhar minhas fotos, para escrever no meu twitter morto e outras coisas do tipo. Não gosto desta exposição. Gosto de uma mais controlada e física, mesmo que profunda. Dá pra viver esta contradição? Dá.

A tentação bate sempre na porta. Um dos poucos blogs que fiz foi quase profissional, sobre resenhas cinematográficas. E deixei morrer. Claro que quero participar das novas tendências de compartilhamento de informação. Mas não preciso contar minha opinião detalhada sobre a rodada de domingo, sobre a política mundial, sobre mina sina com mulheres pra lá de complicadas. Posso ser um expectador de luxo, quase sempre sou feliz com essa posição. Quem quiser saber, que me pergunte ou que espere uma das milhões de vezes em que puxo um assunto e não paro de falar sobre ele, como um bom bicho verborrágico.

Voltando a cronologia inicial, já um ano, quando decidi me formar, tomei decisões drásticas. Entre elas, escolhi sair de um emprego de anos para me dedicar a um projeto zerado, às cegas,

absurdamente personalista e centrado em mim. Encanei com a ideia que deveria me formar fazendo algo de que me orgulhasse depois e que fosse muitíssimo bem feito, exigindo minha dedicação integral por alguns meses. Hoje, o que sinto que disso tudo foi cumprido com precisão? Nada. Isso quer dizer que falhei? Muito pelo contrário. Fizesse a mesma pergunta pra mim na época, possivelmente a resposta fosse outra. Faça a mesma pergunta daqui há mais um ano e a mesma coisa pode rolar.

Escolher fazer um documentário, ou melhor, projeto de vídeo, foi uma decisão arriscada. A minha faculdade talvez seja o único lugar no mundo onde um projeto desses é tão pessoal e individual. O que deveria demorar um ano pela ordem natural das coisas, fiz em pouco mais de três meses. Idealizei, pautei, produzi, filmei (aqui com a ajudinha de pequenos grandes amigos), editei e finalizei tudo. Qual a chance disso ficar bom? A única que eu via na época era trazer tudo aqui pra dentro de mim e externalizar. Se como jornalista eu devo ser a voz de um povo, este projeto talvez fosse uma rara e justa chance de gritar unissonoramente. A única voz era a minha. Esse trabalho de conclusão de curso talvez tenha sido uma das maiores exposições que já decidi ter. Ou não, porque desde que ficou pronto eu o escondi de quase todo mundo.

Tenho grande amigos, nos quais confio minha vida, que fiz depois desse processo ou que voltaram à minha convivência depois e que me pedem sempre para mostrá-lo e nunca movi um dedo. Já disseram que eu deveria tê-lo levado pra frente, com outros projetos paralelos ou mesmo aperfeiçoando-o e tentando divulgá-lo tanto de forma comercial quanto na internet. Nada disso nunca me comoveu.

Se tenho orgulho do meu humilde documentário? Não sei dizer. Tenho orgulho de todo meu esforço pra realizá-lo, nas duras condições técnicas e mentais pelas quais passei. Sem pirar neste assunto, o TCC foi feito no período mais turbulento e atormentado da minha vida adulta. Falar em mudanças ali era quase que irrisório. Perdi ao mesmo tempo muitas das minhas bases de vida, amorosas, acadêmicas e profissionais. A drasticidade estava tatuada na minha então gorda e cabeluda cara. O futuro me parecia tão nítido quanto minha visão sem óculos.

Quando o projeto ficou pronto, o que demorou muito, não o vi bem como um produto 100% acabado. A pessoa que permiti me assessorar de forma mais direta falhou muito em suas análises, não teve o tato necessário, tentou personalizar demais, algo impossível de ser feito naquela situação. As críticas acabaram soando artificiais a tudo aquilo tão pessoal, pré-fabricadas. Não podia engolir tão facilmente tanta plasticidade em algo tão carnal.

Os mesmos amigos que participaram dele foram também juízes e se provaram muito mais efetivos. De uma forma ou de outra, o projeto final, mesmo não tendo muito deles tem muito do que sinto por eles. Fica no registro acadêmico uma nota, uma avaliação final. Para o mundo, abaixo do esperado. Para um irmão meu, mais presente do que ninguém em todo este momento da minha vida, um motivo infinito de orgulho. Para mim? Até hoje não sei bem. Acho que vivo aí uma ótica estrábica, um olho virado para cada lado.

Na prática, todos gostaram. Alguns menos, outros muito. Havia também uma enorme expectativa sobre ele, minha e de quem me conhece. Talvez isso influencie mais que tudo em qualquer análise que escrevo aqui. E mesmo assim, vou preferir ignorar esse aspecto, se não este texto não termina.

Os personagens principais, eles mais íntimos de todo o projeto, gostaram muito. Um dos maiores, mais alegres e gratificantes elogios que recebi na vida veio na forma da opinião de um deles sobre o trabalho final. Para eles e para todos que participaram, para estes sim enviei uma cópia. E foi só.

Aliás, só gravei tais dvds meses depois de defender o projeto diante da banca examinadora. Foi outro tormento. Quando reassisti a tudo, entrei em parafuso. Queria mudar tudo, toda a concepção do projeto. Da linha temporal aos mínimos detalhes, da argumentação a takes de poucos frames. Foi quando decidi, acredito até hoje que de forma madura, respeitar a pessoa que era quando montei o vídeo originalmente. Respeitar todo aquele momento próprio da minha vida, sem rejeitá-lo ou mesmo contestá-lo desta maneira. Não mexi em praticamente nada antes de finalizar as cópias.

Hoje vivo um outro período de grandes mudanças, físicas e psicológicas. Dá medo pensar o quanto mudei de um mês pra cá. Rio de pensar o quando devo estar mudado daqui há poucos meses.

Será que um dia vou mostrar meu TCC pra todo mundo que quer vê-lo? De novo, não tenho a menor ideia. Pode ser. Ironicamente, tenho um estoque de cópias dele bem guardadas no meu armário, esperando talvez inutilmente o dia em que serão dadas de presente a alguém e finalmente assistidas.

Só ter a coragem interna de escrever esse texto pode representar uma mudança. Pode também não representar nada, já que enrolei muitos meses para escrevê-lo. Sei que agora, funciono assim. Sem pressa eu espero. Uma hora ou outra, eu falo. Até porque falo muito.

BRASÍLIA

Um belo dia abri o e-mail e li a mensagem de um amigo. Pedia para relatar casos que me proporcionaram momentos de pausa diante da loucura frenética da vida. Ainda era São Paulo, ainda era a rua Agisse, ainda era a empresa de cosméticos, ainda era o boteco Mercearia e minhas madrugadas paulistanas recheadas de luzes e buzinas.

E agora, semanas depois, cá estou eu noite adentro, com uma nova vida para contar, com as histórias antigas resignificadas pelo presente e o presente faiscando, como um pacote dourado

embrulhado para a criança na noite de Natal. Posso dizer com certa lucidez que tive poucos momentos tão intensos e esperados, quando o dia a dia se torna um misto de frenesi e ansiedade (típicos da minha pessoa), e a grandiosidade do mundo parece que se torna possível outra vez.

Apareci em Brasília para ficar. Surgi na cidade que tinha invadido timidamente ao longo de 2009, e disse: "Oi, sou nova aqui, sou de longe, e vim para ficar. Peço que seja gentil comigo, doce com meus sentimentos, perseverante com meus sonhos de mudança. Seja comigo." Foi um juramento secreto e silencioso que seguiu o casamento com o meu marido (lindo e gentil, por sinal).

E assim foi. As mudanças estruturais aconteceram de forma natural e fluída, como sempre achei que deveriam ser... como um rio que se aperta e se transforma até chegar no mar.

E cheguei no oceano azul do centro-oeste do mundo, cheguei no por-do-dol laranja, na cidade nua de Brasília, onde as avenidas não se cruzam e as pessoas não existem nas ruas. Estava lá, eu e as superquadras, olhando umas para as outras, ansiosas com o vazio e esperando pelas respostas. Do céu?

Na brancura silenciosa de Brasília, com as idéias girando e o medo me perguntando sobre deveres, trabalho e responsabilidades, resolvi parar. Dessa vez, o pedido veio da cidade. Como se me olhasse com a tranqüilidade das árvores que repousam no mundo e me dissesse: calma menina. E eu, atenta aos conselhos, busquei simplesmente ser.

Devo dizer que esta tem sido um tarefa diária, de luta e perseverança. Às vezes olho para os outros e meu super-ego me aterroriza, perguntando: "Quem é você? O que você faz? Quanto você ganha? Ah, não vai durar não..." Fecho os olhos e respiro. Respiro. Respiro. Não é assim. A vida não pode ser tão limitada.

E surge um sentimento novo, fresco em ternura. Aos poucos ele me acolhe, e traz a vontade de me desvendar mais do que nunca, de sentir minha alma como meu verdadeiro refúgio e minha aprovação como a maior garantia.

Hoje, é na entrega sincera ao outro que busco me entregar a mim mesma, finalmente. Despida no cotidiano, com meus defeitos à mostra para todas as paredes da casa e ao lado de um cúmplice fiel, estou exposta. Nunca fui tão assistida na intimidade, e pouco a pouco, o pudor e a culpa da imperfeição vão se desfazendo.

E se enganam aqueles que pensam que eu não goste da imperfeição. Pelo contrário! Gosto e admiro a beleza torta do mundo, com as cores manchadas pelos aprendizados difíceis e por aqueles que não concordam com as minhas verdades.

Portanto, que a lucidez da imperfeição humana se liberte. E livre das expectativas e cobranças do meu pequeno mundo, o meu grande universo se revele a mim mesma.

ANEXO 2: ELEMENTOS DO SITE

COTIDIANOS

Amizade
Árvore
Banalidades
Barbie
Bolha
Boneca de Argila
Brasília
Chuva
Cidadania
Conteúdo
Cozinhar
Criança
Cronograma
Despedida
Dissertação
Diversidade
E-mail
Escolhas
Estacionamento
Excursão Infantil
Executivo
Felicidade
Formatos de Mídia
Habitação
História da Humanidade
Janela

Jardinagem
Lua
Mãe
Mudanças
Música
Neve
Ônibus
Organização
Palm Top
Polícia
Preço
Rótulo
Sol
Supermercado
Teatro
Trânsito
Vocação

FILMES

Wall-E
Avatar
Pingue-Pongue da
Mongólia
Pierrot Le Fou
Maria Antonieta

Tudo Acontece em
Elisabethtown

FOTOGRAFIAS

Cartier Bresson

MÚSICAS

Cada um no seu Quadrado

FATOS HISTÓRICOS

Revolução Francesa

CITAÇÕES

"Amor é atenção"
"Time is money."
"Os opostos se atraem"

"O senhor mire e veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando..."

"No poeitar do poeta, como no pensar do filósofo, se instaura tal mundo, que qualquer coisa, seja uma árvore, uma montanha, uma casa, o chilrear de um pássaro, perde toda a monotonia e vulgaridade."

"O trabalho pode esperar; o arco-íris não."

"Nós somos mortos em liberdade condicional. E as árvores?"

"De nada vale a liberdade se ela não inclui a liberdade de errar."

"Se não puder fazer tudo, faça tudo que puder."

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)